

**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL  
(ProEF)

JANAINA DE FREITAS MUNHOZ

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO  
CULTURAL: TECENDO CAMINHOS COM O FUTEBOL**

SÃO CARLOS – SP

2024

JANAINA DE FREITAS MUNHOZ

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO  
CULTURAL: TECENDO CAMINHOS COM O FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos.

SÃO CARLOS – SP

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

Munhoz, Janaina de Freitas

Aulas de educação física na perspectiva do currículo cultural: tecendo caminhos com o futebol / Janaina de Freitas Munhoz -- 2024.

163f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Glauco Nunes Souto Ramos

Banca Examinadora: Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Nilza Coqueiro Pires de Sousa

Bibliografia

1. Educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. 2. Currículo cultural da educação física. 3. futebol. I. Munhoz, Janaina de Freitas. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Janaina de Freitas Munhoz, realizada em 15/03/2024.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)

Profa. Dra. Nilza Coqueiro Pires de Sousa (UFTM)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

Dedico este trabalho à minha família, que me apoiou e compreendeu minha escolha de continuar estudando, e a todas as pessoas com quem aprendi a ser professora, tanto os professores que fizeram parte da minha formação quanto todas as crianças e jovens que passaram pela minha vida como alunos, e me tornaram quem eu sou.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, o Professor Doutor Glauco Nunes Souto Ramos, por dedicar seu tempo para me ajudar neste trabalho e por sua paciência comigo durante todo o processo da pesquisa, e que me incentivou a fazer o mestrado do ProEF desde antes de eu entrar.

Agradeço aos membros da banca, Professor Doutor Fábio Ricardo Mizuno Lemos, a quem conheço desde a graduação na UFSCar e conquistou ainda mais meu respeito com esse reencontro no ProEF, sendo que pude conhecer mais seu trabalho e dedicação à pesquisa, além do tempo e paciência que dedicou para ler e dar palpites em meu trabalho; e Professora Doutora Nilza Coqueiro Pires de Sousa, que aceitou o convite para ser membro da banca e dedicar seu tempo para ler e dar sugestões para o trabalho, mesmo sem me conhecer.

Agradeço aos três por acreditar neste trabalho e continuarem comigo até o final.

Agradeço a todos professores e alunos que seguem incentivando meu trabalho na escola e nas redes sociais.

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

MUNHOZ, Janaina de Freitas. **Aulas de educação física na perspectiva do currículo cultural**: tecendo caminhos com o futebol. Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos. 2024. 163 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2024.

## RESUMO

A educação física na escola brasileira mudou ao longo dos anos, assim como a sociedade a que pertence. Inicialmente caracterizava-se como atividade e, ao longo dos anos, com discussões, disputas, erros e acertos, chega, na década de 1980, no chamado “movimento renovador”, buscando inserir reflexões sobre a prática. Já no início do século XXI, com as teorias pós-críticas, emerge o Currículo Cultural da Educação Física (CCEF) que se ancora na diversidade cultural da sociedade e da escola, buscando alternativas de trabalho que respeite e exalte as diferenças. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar uma proposta de ensino na perspectiva do CCEF nos anos iniciais do ensino fundamental. Foi utilizada a pesquisa qualitativa com característica participante, com 26 alunos de um segundo ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal pública de Ribeirão Preto/SP. A coleta de informações foi realizada por meio de diários de aula produzidos pela professora-pesquisadora de educação física para 22 dias com a temática do futebol. A partir da análise dos dados, foram criadas três categorias, a saber: a) *jogadora mais experiente*: ser professora com expectativas, dificuldades e atribuições legais/burocráticas, a qual foca na análise da professora que buscou inovar e desenvolver seu trabalho dentro do CCEF, contudo, se deparou com suas experiências anteriores que influenciam suas aulas; b) *jogadores desafiantes*: ser criança e artistar seus próprios caminhos e aprendizagens, que foca nas crianças que também são atores ativos nas aulas e desafiam a professora a pensar e se replanejar constantemente; c) *jogando com o novo que vem do Currículo Cultural da Educação Física*, na qual destaca o espaço em que se encontram os diferentes e delimita as regras do trabalho pedagógico nesta perspectiva. O trabalho evidenciou que são muitas as dificuldades para *artistar* este currículo, dadas as contradições e o aprendizado que ocorreu, por parte das crianças e da professora-pesquisadora, durante o processo. A partir dessa experiência pedagógica, foi possível conhecer mais sobre como o CCEF se materializou com uma turma do segundo ano do ensino fundamental e, a partir dela, sugerir que novos estudos sejam realizados para que possamos cada vez mais conhecer e reconhecer o CCEF.

**Palavras-chave:** Educação física escolar; currículo cultural da educação física; anos iniciais do ensino fundamental; futebol.

MUNHOZ, Janaina de Freitas. **Physical education classes from the perspective of the cultural curriculum: weaving paths with football.** Advisor: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos. 2024. 163 p. Masters dissertation (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2024.

### **ABSTRACT**

Physical Education in Brazilian schools has changed over the years, as has the society to which it belongs. Initially it was characterized as an activity and, over the years with discussions, disputes, mistakes and successes, it arrived, in the 1980s, in the so-called “renovating movement”, seeking to insert reflections on the practice. At the beginning of the 21st century, with post-critical theories, the Cultural Curriculum of Physical Education (CCEF) emerged, which is anchored in the cultural diversity of society and school, seeking work alternatives that respect and exalt differences. Given the above, the present work aimed to analyze a teaching proposal from the perspective of the CCEF in the early years of elementary school. Qualitative research with participant characteristics was used, with 26 second-year elementary school students from a public municipal school in Ribeirão Preto/SP. Information collection was carried out through class diaries produced by the Physical Education teacher-researcher for 22 classes with a football theme. From data analysis, three categories were created, namely: a) more experienced player: being a teacher with expectations, difficulties and legal/bureaucratic attributions, which focuses on the analysis of the teacher who sought to innovate and develop her work within the CCEF, however, he came across his previous experiences that influence his classes; b) challenging players: being a child and creating their own paths and learning, which focuses on children who are also active actors in classes and challenge the teacher to think and constantly re-plan; c) playing with the Cultural Curriculum: the new one that comes from the Physical Education Cultural Curriculum, which highlights the space in which the different ones are found and delimits the rules of pedagogical work from the perspective of the CCEF. The work showed that difficulties were faced in creating this curriculum, given the contradictions and learning that occurred, on the part of the children and the teacher-researcher, during the process. From this pedagogical experience it was possible to learn more about how the CCEF materialized with a second-year class of elementary school and, from there, suggest that new studies be carried out so that we can increasingly know and recognize the Cultural Education Curriculum Physical.

**Keywords:** School Physical Education. Cultural Curriculum of Physical Education. Early years of elementary school. Soccer.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1	PRODUTO EDUCACIONAL.....	12
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
2.1	A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	13
2.1.1	<b>Educação Física Cultural.....</b>	<b>20</b>
2.1.2	<b>Relatos de Experiência com a Educação Física Cultural .....</b>	<b>24</b>
2.2	A INFÂNCIA NA ESCOLA .....	35
<b>3</b>	<b>PERCURSO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>40</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E JOGO: CAPOEIRA E FUTEBOL SE FUNDEM.....</b>	<b>49</b>
4.1	A JOGADORA MAIS EXPERIENTE: SER PROFESSORA COM EXPECTATIVAS, DIFICULDADES E ATRIBUIÇÕES LEGAIS/ BUROCRÁTICAS .....	53
4.2	OS JOGADORES DESAFIANTES: SER CRIANÇA E ARTISTAR SEUS PRÓPRIOS CAMINHOS E APRENDIZAGENS. ....	63
4.3	JOGANDO COM O NOVO QUE VEM DO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	71
<b>5</b>	<b>O JOGO DEVE CONTINUAR.....</b>	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>86</b>
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE).....</b>	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>96</b>
	<b>APÊNDICE C - PLANEJAMENTO INICIAL .....</b>	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE D - DIÁRIOS DE AULA .....</b>	<b>100</b>
	<b>ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFSCar.....</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando iniciei minha jornada como professora de educação física da educação básica na escola pública, me deparei com muitas dificuldades. Meu foco durante a graduação não era trabalhar na escola e me senti muito despreparada e desamparada quando comecei a lecionar. Em 2006, o currículo da educação física na escola estadual não era muito bem definido. Estudei muito nessa época para poder entender como eu poderia trabalhar melhor.

Tive contato com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) durante a faculdade, e foi isso que orientou minha prática no início de carreira. Eu buscava me orientar pelos PCN e trabalhar em uma abordagem mais crítica (Darido; Sanches Neto, 2005). Minha graduação se iniciou em 1998, sendo que os PCN foram publicados em 1996 e eram novidade ainda. Além disso, tive professores que traziam uma abordagem mais desenvolvimentista e outros mais críticos, que influenciaram na forma com que comecei meu trabalho. Misturava essas maneiras de trabalhar e, muitas vezes, nem tinha essa consciência.

Conforme fui me aprofundando e pesquisando, foram surgindo outras dúvidas, e busquei estudar mais para dar conta de fazer um bom trabalho, que, na época, eu entendia que precisava ser por meio de uma abordagem crítica. Por conta disso, fiz a especialização em Educação Física Escolar na UFSCar, em 2008, o que me ajudou muito a realizar um trabalho mais fundamentado na abordagem crítica, mas sem deixar de lado a abordagem desenvolvimentista, que eu nem percebia que estava lá.

Mas a escola tem muitos desafios que fogem à educação física, e senti a necessidade de estudar mais sobre a instituição da qual eu estava fazendo parte. Foi então que, em 2009, comecei a fazer pedagogia em uma faculdade particular, Moura Lacerda, e no final do ano consegui transferência para a USP de Ribeirão Preto para continuar o curso. Precisei estudar sobre como funciona a escola, sua história e outros temas que a educação física em si não conseguia me ajudar. Lá tive maior contato com os escritos de Vygotsky, que apontam para uma abordagem mais construtivista-interacionista (Darido; Sanches Neto, 2005).

Em 2020, fui apresentada ao Currículo Cultural da Educação Física (CCEF) e fiquei muito curiosa sobre como é uma aula nessa perspectiva (ainda estou buscando

aprender). Com esse contato, passei a mudar meu entendimento sobre “abordagens” e passei a entender como “currículo” (foi um processo iniciado nesse ano).

Em 2021, decidi estudar mais e fiz o curso “Currículo Cultural da Educação Física: perspectivas política, epistemológica e pedagógica”, ministrado pelos professores Marcos Neira (USP) e Mário Nunes (UNICAMP), na modalidade à distância, e pude entender mais sobre o tema. Porém, muitas outras dúvidas surgiram...

A primeira dúvida que tive foi: como um professor com muitas aulas e diferentes turmas consegue dar conta de trabalhar com qualidade nesse currículo? Aqueles que não conhecem como essa proposta é construída talvez não entendam essa questão, então vou explicar um pouco aqui.

O trabalho nesse currículo começa com um **mapeamento** da cultura da escola, da comunidade e dos alunos, e a seleção de um tema significativo para os estudantes que, na minha leitura, se aproxima um pouco das ideias de temas geradores de Paulo Freire (2005). O mapeamento leva em consideração o Projeto Político Pedagógico da escola e a sequência de temas da manifestação cultural que serão abordados não é determinada anteriormente; o que e como será tematizado nas aulas de educação física vai depender da turma e das avaliações constantes que orientam o trabalho seguinte, cabendo ao docente selecionar o tema de acordo com sua sensibilidade e leitura da realidade (Neira, 2016).

Como a educação física está inserida na área das linguagens, uma parte importante desse currículo é a **leitura** dessa cultura, que pode ser através de um vídeo, um texto, um jogo, ou qualquer recurso que possa ser trazido para a discussão e interpretação dos sujeitos envolvidos. São igualmente importantes a **vivência**, a **ressignificação**, o **aprofundamento** e a **ampliação** (esta última conta, muitas vezes, com uma pessoa convidada para falar mais sobre o tema a partir do seu lugar de fala, daquele que pratica, vivencia e está inserido nessa cultura). O **registro** e a **avaliação** ocorrem durante todo o processo, sendo preciso planejar como serão feitos: fotos, vídeos, diários, portfólios, desenhos e escritas dos alunos... a variedade é grande (Neira, 2016).

No final, esse trabalho acaba sendo muito particular de cada turma e o professor precisa de muito tempo para elaborar seu planejamento, pensar o que vai usar para essa leitura e, eventualmente, buscar alguém para fazer uma participação especial na aula. E por ser única, essa escrita-currículo (Bonetto, 2016; Neira;

Bonetto, 2018; Neira, 2022), é muito difícil de pensar e realizar quando se tem muitas turmas – e quase sempre os(as) professores(as) têm muitas turmas! Não achei uma referência que fale sobre tal questão, para que eu pudesse ler e entender melhor. Pesquisei em muitos livros e artigos, mas não encontrei essa informação de forma explícita, somente algumas pistas nos relatos de experiências dos professores que trabalham nessa perspectiva, a partir dos quais pude ter uma ideia de como resolvem esse entrave. Também sei, pelas discussões que tive no curso realizado em 2021, que esse trabalho é feito por meio de uma abordagem de aproximação do tema a ser estudado.

No entanto, surge a questão: isso não ficaria muito genérico? Se for um convidado, como dialogar com uma turma de anos iniciais e anos finais do ensino fundamental? Normalmente, essas participações não são remuneradas e dependemos da boa vontade de quem está indo na escola fazer essa participação. Encontrar mais de uma pessoa pode ser um desafio ainda maior.

Outra questão importante que gostaria de entender melhor é como abordar as discussões que o currículo cultural propõe sem ser superficial demais, especialmente com as crianças menores.

No nível conceitual, um currículo da Educação Física comprometido com essa visão, ao tematizar as práticas corporais, questiona os marcadores sociais nelas presentes: condições de classe, etnia, gênero, níveis de habilidade, local de moradia, histórias pessoais, religião, entre outros. Uma proposta curricular com esse teor recorre à política da diferença por meio do reconhecimento das linguagens corporais daqueles grupos sociais quase sempre silenciados. Um currículo de Educação Física engajado na luta pela transformação social prestigia, desde seu planejamento, procedimentos democráticos para a decisão dos temas de estudo e atividades de ensino e valoriza experiências de reflexão crítica das práticas corporais do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com outras representações e outras manifestações corporais (Neira, 2013, p. 1423).

Isso, para mim, representa uma grande mudança de paradigma, pois a educação física, na forma como venho trabalhando há anos, enfatiza a vivência e a necessidade de movimento. Estudando mais o currículo cultural e lendo os muitos relatos disponíveis no site do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo<sup>1</sup> (GPEF-FEUSP), pude perceber que existem muitos momentos nas aulas dedicados a conversas em sala de

---

<sup>1</sup> Disponível em: [www.gpef.fe.usp.br/index.php/relatos-de-experiencia](http://www.gpef.fe.usp.br/index.php/relatos-de-experiencia). Acesso em: 17 jan. 2023.

aula, visualização de vídeos, realização de pesquisas e outras atividades que não envolvem necessariamente movimento. Reconheço a importância desses momentos, mas tenho muita dificuldade em realizar um trabalho assim, principalmente com crianças mais novas, dos anos iniciais. Para mim, as crianças mais novas se dispersam com facilidade e não consigo avaliar se estão entendendo o que estamos discutindo.

Também pude perceber, com a leitura desses relatos, que não existe um modelo a seguir para trabalhar com o currículo cultural, pois necessita das variações de cada realidade, inclusive do contexto do docente que está fazendo o trabalho, e isso me incentiva a pensar em formas possíveis para eu desenvolver um trabalho nessa perspectiva.

Fiquei ainda mais encantada ao ver os princípios<sup>2</sup> que orientam o trabalho neste currículo: reconhecimento da cultura corporal dos estudantes, articulação com o projeto da escola, justiça curricular, descolonização do currículo, evitar o daltonismo cultural e ancoragem social dos conhecimentos (Neira, 2016).

Com interesse em compreender melhor o CCEF e a possibilidade de colocá-lo em prática na escola em que leciono, escolhi este tema para minha pesquisa.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar uma proposta de ensino na perspectiva do CCEF nos anos iniciais do ensino fundamental.

## 1.1 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional consiste em um vídeo que relata a experiência com o currículo cultural na escola e seus conceitos, com o propósito de auxiliar os professores a entender melhor como se deu essa escrita-curriculo e inspirar novas iniciativas na escola. O *link* do vídeo está disponível junto à dissertação de mestrado no Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

---

<sup>2</sup> No Capítulo que trata do CCEF esses princípios serão melhor detalhados.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação física escolar no Brasil tem suas origens na atividade prática fundamentada na área biológica e, desde então, tem tentado, por meio de textos oficiais e leis, afastar-se da ideia de atividade e se fundamentado na área de linguagens como componente curricular. Na primeira parte da revisão bibliográfica, acompanharemos brevemente como essa transição ocorreu nos documentos legais e na prática pedagógica da educação física brasileira.

Em seguida, se fez necessário apresentar como a educação física está inserida na área de linguagens e como encontrar seu lugar sem se limitar a meramente *falar sobre o movimento*, mas sim possibilitar a vivência, uma das suas principais características e que a diferencia dos demais componentes curriculares na escola. Para tanto, utilizaremos os estudos do CCEF para compreender melhor todo esse movimento da área.

### 2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No Brasil, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que regulamenta a educação, e desde sua primeira versão, em 1961, a prática da educação física já é obrigatória na escola, sendo incluída “nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos” (Brasil, 1961). Muitas interpretações dessa lei apareceram, sendo necessária a criação do Decreto n.º 58.130, de 3 de março de 1966, que define o que se esperava da educação física naquele momento:

Art. 1º A Educação Física, prática educativa tornada obrigatória pelo art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases, para os alunos dos cursos primários e médio até a idade de 18 anos, tem por objetivo aproveitar e dirigir as forças do indivíduo - físicas, morais, intelectuais e sociais - de maneira a utilizá-las na sua totalidade, e neutralizar, na medida do possível, as condições negativas do educando e do meio.

§ 1º Para se alcançar êsse amplo objetivo, cumpre aos estabelecimentos de ensino organizar adequado programa de atividades, distribuindo-as pelos dias da semana, de modo que os educandos se exercitem convenientemente em quantidade e por tempo que não venha a neutralizar a continuidade e interligação dos efeitos das práticas parceladas.

§ 2º Cada estabelecimento fará constar de seu regimento a prática semanal de atividades físico-desportivas, fixando o número mínimo de sessões que garantam a continuidade dos efeitos educativos dos exercícios e seja capaz de assegurar o cumprimento do preceito legal sem ferir seu espírito, que é proporcionar aos alunos formação de acôrdo com os princípios gerais da educação.

Art. 2º As aulas ou sessões de educação física serão sempre ministradas e as atividades físico-desportivas sempre dirigidas por professores devidamente qualificados.

Art. 3º A prática da Educação Física só se fará sob assistência médica, sempre que possível especializada.

§ 1º Os efeitos dos exercícios serão apreciados anualmente e os resultados consignados em livro ou em fichas biométricas, de acordo com o modelo fornecido pela Divisão de Educação Física (Brasil, 1966, n.p.<sup>3</sup>).

É possível perceber, com esse Decreto, que a educação física é tida como um programa de atividades que precisa de uma periodização, com fichas biométricas e assistência médica. Ela é uma atividade prática e física no âmbito da saúde.

Em 1971, cria-se uma nova LDB, Lei n.º 5.692 (Brasil, 1971a, n.p.) que, em seu artigo 7º, mantém obrigatória a educação física “nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus” e tira a restrição de idade, prevista no documento anterior. No entanto, no mesmo ano de 1971, surge o Decreto n.º 69.450, de 1º de novembro (Brasil, 1971b), que define como a educação física deve ser trabalhada e mantém a ideia de atividade física, como pode ser observado no artigo 3º do mencionado Decreto:

Art. 3º. A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

I - No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário da criatividade, do sendo moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação integral da personalidade.

II - No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios.

III - No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

§ 1º A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino (Brasil, 1971b, n.p.).

---

<sup>3</sup> n.p. significa não paginado.

E como atividade física, nesse mesmo Decreto, se estabelece:

- [...] facultativa a participação nas atividades física programadas:
- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
  - b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
  - c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;
  - d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento (Brasil, 1971b, n.p.).

Reforçando ainda mais seu caráter prático, temos que as pessoas que trabalham seis horas, que já têm 30 anos, ou que estão no serviço militar, não precisam da escola para realizar atividades físicas. Acreditava-se que esses “trabalhos” davam conta disso, revelando uma determinada concepção de educação física. Por outro lado, uma pessoa incapacitada fisicamente não consegue fazer a atividade física e, portanto, do ponto de vista legal, não precisa fazê-la (Impolcetto; Darido, 2020).

Era uma visão coerente com o que se pensava sobre a educação física à época e foi importante para que fosse incluída na escola – apesar de ser uma visão simplista e reducionista da educação física nesse espaço.

Ainda não existia a ideia de que a educação física podia ser mais do que mera prática, ou seja, um componente curricular que contribuísse para introduzir temas da cultura corporal aos estudantes. Foi a partir de 1980, com “uma radical mudança de discursos e de referenciais conceituais na educação física” (Betti, 1991, p. 116) que se começou a pensar diferente, “uma verdadeira crise de identidade” (p. 116).

A educação física, como estava sendo proposta até aquele momento pelos documentos oficiais e como efetivamente aparecia na escola, passa a ser criticada. Os novos estudos apontavam que ela deveria ir além da prática pela prática, que tinha mais a ensinar, que possuía também uma base teórica (Darido, 2020).

Esse período de modificação de concepção da educação física escolar, que se estende desde o início da década de 1980 até os dias atuais – é identificado por alguns autores como “movimento renovador” da educação física brasileira (González; Fenstersifer, 2009).

Com uma nova e vigente LDB, de 1996 (Brasil, 1996, n.p.), em seu artigo 26, parágrafo 3º, temos que: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da

escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

Do ponto de vista das diversas LDB existentes em nosso país, a educação física aparece de uma forma diferente do que até então aparecia nos documentos anteriores, sendo reconhecida como componente curricular da educação básica. É o primeiro indício, em um documento oficial, de que a área da educação física está buscando se adequar às novas formas de se pensar, tentando estabelecer uma nova identidade que a distancie de uma atividade pela atividade, no ambiente escolar.

Entretanto, a legislação atual não foi suficiente para superar essa ideia de que a educação física é exclusivamente prática. Em muitos lugares, ela continuou sendo vista dessa forma, tanto que, em 2001, foi acrescentada a palavra “obrigatoriedade” logo após a expressão “componente curricular”, alterando-a de “a educação física é componente curricular da educação básica”, para “a educação física é componente curricular obrigatório da educação básica” (Impolcetto; Darido, 2020, p.18).

Em 2003, alterou-se a LDB (Brasil, 1996) para colocar algumas facultatividades que retomam a ideia de 1971, isto é, uma educação física limitada às características de uma mera prática na escola. A Lei n.º 10.793, de 1º de dezembro de 2003, alterou a redação do artigo 26, parágrafo terceiro:

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I - que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II - maior de trinta anos de idade;

III - que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV - amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V - (VETADO)

VI - que tenha prole (Brasil, 2003, n.p.).

O texto abre margem para interpretação, podendo ser pensado que a parte prática é facultativa, mas que a parte teórica todos devem fazer. No entanto, as escolas e redes usaram mais a interpretação de facultatividade para a educação física como um todo, não somente para a parte prática, e a facultatividade continua sendo um grande problema para a área (Impolcetto; Darido, 2020).

Diante de todos os desafios da educação física, também começou a se observar um crescente abandono da prática docente, também conhecida como “rola bola” (González, 2020). Em tal caricatura, o professor simplesmente é um entregador

de bola aos alunos e não faz qualquer intervenção pedagógica nas suas aulas. Em outras palavras, alguns professores de educação física acabam contribuindo para uma desvalorização e retrocesso da área.

A crítica do que era feito anteriormente, a prática pela prática, uma falta de crítica e ausência de teorias a serem ensinadas, fizeram surgir outras formas de pensar a educação física. No estado do Ceará, por exemplo, a disciplina começou a ser abordada somente na teoria, abandonando a prática, o que é igualmente nocivo para a área (Darido, 2020). Se a educação física trata da cultura corporal, torná-la exclusivamente um *pensar sobre* esta, faz com que esvazie dela seu ponto principal, o ser humano em movimento. Ela passa a perder seu sentido.

No estado de São Paulo, desde 2008, com o uso do caderno do aluno (São Paulo, 2009), o que antes era exclusivamente prático, passa a ter uma exigência do trabalho teórico através deste caderno e, para dar conta disso diante da falta de materiais, formação e espaço, os professores começam a dividir a teoria da prática. A aula teórica acontece na sala de aula, mas por diversos motivos, tais como não ter condições de possibilitar a vivência do que é proposto no caderno, falta de espaço e materiais adequados, desinteresse docente e discente, o professor faz na quadra uma prática totalmente diferente (Darido, 2020).

Segundo Candau e Lelis (1999), é possível ter várias visões sobre a teoria e a prática. Uma visão dicotômica, que separa totalmente a teoria da prática; e uma visão associativa, na qual prática e teoria são diferentes, mas devem ser trabalhadas simultaneamente numa unidade indissolúvel.

Concordamos com as autoras quando escrevem: “[...] acreditamos que a visão de unidade expressa a síntese superadora da dicotomia entre teoria e prática” (Candau; Lelis, 1999, p. 57), ou seja, a prática e a teoria são diferentes na sua forma, mas dizem respeito a um mesmo fenômeno e não devem ser dissociadas.

As autoras falam sobre a formação dos professores e aqui é feita essa transposição para falar da formação como um todo, pois todo processo educativo deve ser formativo, indiferente da pessoa que está no processo. Os educadores são influenciados pela dicotomia entre teoria e prática e as crianças também, mesmo que de uma forma diferente.

Existe uma tendência de se valorizar as disciplinas consideradas teóricas (Candau; Lelis, 1999) e a educação física aparece no oposto: uma disciplina considerada prática sem reflexão, por sua origem na atividade. Mesmo que a área

venha buscando mudanças para ter também a teoria. Não se trata aqui de valorizar somente o conceito a ser trabalhado, mas que exista reflexão e crítica na prática da educação física escolar. Uma não sobrepõe a outra em valor e isso precisa ficar claro para não cairmos na armadilha de separar esses dois lados de uma mesma moeda, que são importantes na formação integral da pessoa.

A educação física escolar, que tem o objetivo de integrar teoria e prática, faz um outro importante movimento, que é se distanciar da área das ciências biológicas e aproximar-se da área de linguagens. Existe um percurso que se iniciou há mais tempo nos documentos legais do que realmente na prática docente, e é isso que pretendemos explorar na próxima etapa do nosso projeto.

Como mencionado anteriormente, os documentos legais que traziam os objetivos da educação física, decretos e leis, estabeleciam uma aproximação com a área biológica e médica, ou seja, com as origens da educação física na escola (Betti, 1991; Soares *et al.*, 1992). O Decreto n.º 58.130/1966, como apresentado, descreve inclusive a necessidade de fichas biométricas e assistência médica (Brasil, 1966).

A inserção da educação física na área das linguagens remonta aos anos 1970 quando os Guias Curriculares a incluíram juntamente com Língua Portuguesa, Educação Artística e Língua Estrangeira Moderna, na “matéria” Comunicação e Expressão (Neira; Nunes, 2022, p.14).

Mas não é porque está escrito assim na legislação que a educação física deixou de lado suas raízes biológicas. Nem sequer tinha um documento oficial que explicasse porque estava sendo colocada como uma matéria inserida em Comunicação e Expressão.

Foi somente com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 que a educação física foi incluída

[...] na área de Códigos e Linguagens, o que foi legitimado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica homologadas em 2013 e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (Neira; Nunes, 2022, p.14).

Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi publicada e a educação física aparece novamente na área de linguagens, e desta vez diferente do PCN, que era um documento com parâmetros orientadores, mas não obrigatórios, a

BNCC institui normas que devem ser seguidas pelas escolas de educação básica de todo o país.

[...] é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2017, p.7).

Portanto, a BNCC tem grande influência no que será ensinado nas escolas, mesmo que mantenha uma certa flexibilidade para o trabalho dos professores e considerando a enorme diversidade cultural do território brasileiro. É uma

[...] Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica (Brasil, 2017, p.8).

Isso influenciou a construção do Currículo Paulista (São Paulo, 2019), que orienta o trabalho da rede estadual de São Paulo e seus municípios. E, em algumas cidades, foram construídos referenciais com base na BNCC e no Currículo Paulista, como é o caso do município de Ribeirão Preto.

A cidade publicou, em 2019, o Referencial Curricular da Rede Municipal de Ribeirão Preto (RCRMRP), que orienta o trabalho e o planejamento dos professores da Rede Municipal (Ribeirão Preto, 2019). O RCRMRP, em sua introdução, traz autores como Vygotski, Libâneo e Young, e declara que adotou a “[...] concepção histórico-cultural” (p. 30).

A seção dedicada à educação física tem uma introdução que resgata um pouco da história do referencial municipal, indicando que antes desse houve outro documento, e que o atual vem para adequar o conteúdo anterior à BNCC. Depois, o documento mostra alguns quadros com os organizadores curriculares da educação física, destacando as unidades temáticas, habilidades e objetos de conhecimento, tudo muito próximo do que aparece na BNCC. Trata-se do que deve ser ensinado para cada ano do ensino fundamental (Ribeirão Preto, 2019).

No entanto, esses documentos não indicam como abordar a educação física na área de linguagens. Se considerarmos que linguagem é o discurso verbal ou não verbal que dá significado e valores às coisas, possibilitando a comunicação entre

indivíduos, e está dentro da cultura e época em que estamos inseridos (Neira; Nunes, 2022), a ausência de orientações nesse sentido é evidente.

Ao citarem Foucault (1995), Neira e Nunes (2022), indicam que: “Para ele, o discurso é um conjunto de declarações que permitem à linguagem operar. O discurso é a forma de representar o conhecimento em um determinado tema e em um momento histórico particular” (p. 24).

Em seguida, os autores concluem que esses discursos que fazem a linguagem operar, o fazem dentro das relações de poder

O sujeito, portanto, só pode atuar dentro da linguagem, das condições que ela impõe, fazendo com que assuma posições determinadas pelas regras e condições de existência do discurso em cada época e lugar específicos. Não há nada fora da linguagem, nem o sujeito, nem o poder, nem o conhecimento (Neira; Nunes 2022, p. 25).

Portanto, para pensar a educação física dentro da área de linguagens, é preciso levar em consideração os diferentes discursos sobre a cultura corporal, os significados que emergem do encontro das diferentes formas de pensar que aparecem no espaço da aula por conta da diversidade de pessoas que ali estão, e estar ciente de que existem forças que agem sobre esses discursos que não podem ser ignoradas.

É dentro dessa perspectiva que emerge o CCEF. Ele propõe uma abordagem de trabalho que leva em consideração todos os discursos presentes no ambiente escolar colocando-os em debate e, assim, atendendo também à demanda de estar inserido na área de linguagens.

Por esse motivo, na sequência trazemos uma explicação mais detalhada do que se entende da educação física cultural neste trabalho.

### **2.1.1 Educação Física Cultural**

Pensar em educação física cultural é pensar em currículo. E este “[...] se alinha às denominadas teorias pós-críticas do currículo [...] cujo traço em comum é tomar a linguagem como produtora do real” (Neira; Nunes, 2022, p. 98).

A definição do tema e das atividades de ensino a serem desenvolvidas na perspectiva cultural da educação física não é aleatória, ela busca respeitar os seguintes princípios:

1) Reconhecimento da cultura corporal dos estudantes: com a intenção de “valorizar as raízes culturais da comunidade na qual a escola está inserida, as práticas corporais pertencentes ao universo cultural dos alunos transformam-se em temas de estudo” (Neira, 2016, p. 88). Para isso a professora ou o professor precisa ter um olhar sensível ao que acontece na escola e no seu entorno, não é fazendo uma votação ou perguntando o que as crianças gostam de brincar que esse reconhecimento acontece, é um trabalho constante de observação.

2) Articulação com o projeto da escola: essa escolha do tema precisa estar alinhada com o Projeto Político Pedagógico da escola. Não é uma escolha solitária e individual; ela deve dialogar com o Projeto que foi elaborado com a participação de docentes, discentes e familiares.

3) Justiça curricular: o objetivo é trazer as práticas corporais que dialogam com grupos até então excluídos do contexto escolar, de origem afro-brasileira ou indígena, questionando os discursos que tratam esses temas como exóticos ou ligados a uma comemoração do calendário.

4) Descolonização do currículo: possibilita o diálogo entre culturas, a convivência e a partilha coletiva com o diferente. Coloca frente a frente os preconceitos relacionados às práticas corporais e os discursos de poder que trazem esses conflitos.

5) Evitar o daltonismo cultural: “requer atividades que permitam lidar com a heterogeneidade, sem almejar a padronização dos efeitos formativos” (Neira, 2016, p. 89). Usar diversas fontes para o estudo do tema escolhido, como vídeos, convidados, pesquisas e outros.

6) Ancoragem social dos conhecimentos: é a prática contextualizada (Neira, 2016).

Esses são princípios que acreditamos estar em coerência com uma escola justa, democrática e republicana. Essa proposta tem uma metodologia bem definida e interessante para o trabalho na escola, que será explicada a seguir.

Os aspectos metodológicos da educação física cultural não são uma receita de bolo com etapas a serem cumpridas; não há uma ordem pré-estabelecida, acontecendo ao mesmo tempo em vários momentos do processo de ensino e de aprendizado e não têm um tempo/espço da aula teórica ou da aula prática. Tudo acontece, simultaneamente, dentro da práxis, e, por isso, tem tanto valor neste trabalho e foi escolhido para o desenvolvimento das aulas de educação física.

Para entender melhor como foi o trabalho desenvolvido na escola, é importante também explicar melhor estes aspectos metodológicos.

Uma das ações do(a) educador(a) é o **mapeamento**, que é definido neste estudo como um olhar atento à comunidade, à escola e às crianças que participam do processo. Aqui, o(a) professor(a) não se limita a ficar na escola; é importante explorar o entorno, na comunidade, e fazer uma observação constante do que as crianças e suas famílias trazem para a escola, identificando o que é importante para eles, quais as relações e os temas que permeiam o cotidiano (Neira, 2016).

É por meio desse mapeamento que o tema das aulas será escolhido, e o mapeamento não termina quando essa escolha é feita, ele continua para orientar o trabalho.

Na literatura, o mapeamento possibilita a definição da prática corporal objeto da tematização, além de promover as problematizações que constroem seu percurso, logo, ele é tanto a porta de entrada do fazer pedagógico do currículo cultural como aquilo que permite aos envolvidos traçarem o caminho da tematização (Neira; Nunes, 2022, p.100).

Uma primeira ação com os estudantes é a **leitura** dessa cultura corporal. Emprega-se um texto que possibilita diversas leituras, seja em formato de vídeo, em formato de jogo assistido, ou outro fenômeno que dialogue com a educação física. As formas são diversas e cabe ao(à) professor(a) (se possível com as crianças) escolher. E essa leitura é discutida no grupo para trazer as diferentes visões sobre aquele tema (delimitada pelo grupo que se tem e não por tudo que esse tema possa trazer). A leitura dessa cultura corporal desencadeia uma problematização que “[...] possibilita o acesso às significações dos colegas” (Neira, 2016, p.91).

A **vivência** também é uma das etapas e é “acompanhada de leituras e significações, além da despreocupação com a performance segundo padrões estabelecidos externamente” (Neira, 2016, p.92), em que todos podem sentir e fazer outras leituras de um outro ponto de vista, do seu próprio contexto.

Outra etapa é a **ressignificação**, que é atribuir um outro olhar para o que se está estudando. “Ressignificar implica atribuir novos significados a um artefato produzido em outro contexto, com base na própria experiência cultural” (Neira, 2016, p.92). O professor não tem controle dos significados que vão surgir nessa etapa e isso é valorizado no CCEF.

Para não ficar somente no que as crianças podem sentir, vivenciar ou nos significados que apareceram, outras etapas se fazem importantes: **ampliação** e **aprofundamento** (Neira, 2016).

Aprofundar significa conhecer melhor a prática corporal, identificar e analisar os aspectos que lhe pertencem, mas que não emergiram nas primeiras leituras. Ampliar, por sua vez, implica recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente, àqueles que oferecem olhares distintos dos que foram disponibilizados até então (Neira, 2016, p. 92).

Este é o momento da pesquisa, quando as crianças buscam através de entrevistas, pesquisas na internet, nos livros e no que mais for possível naquela realidade (muitos dos trabalhos feitos nesse currículo trazem uma pessoa representante da cultura corporal escolhida para compartilhar seus significados e leituras do tema).

O **registro** e a **avaliação** também são etapas importantes que acontecem o tempo todo com o objetivo principal de entender como esse processo está ocorrendo, o que as crianças estão entendendo e uma forma de compartilhar o que aprenderam. Além de ser um importante instrumento para direcionar o trabalho pedagógico e saber quando continuar com este tema ou quando trocá-lo (Neira, 2016).

É relevante enfatizar que esse processo é único para cada atuação na escola; não é uma fórmula a se seguir e é preciso fazer um exercício constante de observar, escutar e estar com os autores de todo o processo: docentes, discentes e toda a comunidade escolar, tanto dentro das instalações da escola quanto no seu entorno. Essa abordagem do currículo cultural é, muitas vezes, explicada por Neira e Nunes (2007, 2009) por meio da “metáfora da capoeira”.

A capoeira, com a flexibilidade do improviso e a resistência aos métodos de ensino e treinamento da ciência positivista, não é só uma manifestação lúdica, é também uma forma de ler, interpretar e enfrentar o mundo. O capoeirista, pelo gingado, atua individual e harmoniosamente com seu adversário/ companheiro de jogo e aprendizagem, ambos embalados pela música. [...] Da mesma forma que o bom capoeirista se antecipa ao adversário e, prevendo seus golpes, o surpreende, os professores conseguem avançar sobre antigas crenças e trabalhar temas e conteúdos baseados nas respostas dos estudantes fundadas em suas experiências (Neira, 2009, p. 256).

A roda de capoeira tem suas regras e limites; o capoeirista joga com o outro dentro desses limites observando, reagindo e antecipando os golpes. Aquele que é

seu adversário, também é seu companheiro de jogo/dança/luta, e no embalo da música, eles se entregam. O resultado é único, não se repete, mesmo que pareça similar a outros.

O professor ou a professora desempenha um trabalho próximo do artístico, o que se reflete no currículo cultural como “escrita-curriculum” ou “escrita-artista”.

Nela não há distinção entre teoria e prática. A teoria é tecida sobre a prática educacional. Todo conhecimento delineado é interpretativo, parcial e processual. Vive um devir duradouro continuamente modificado. O que se apresenta, portanto, longe de ser uma norma, é um convite, como bem diz Corazza, para que os professores e professoras deem prosseguimento à escrita-curriculum que se anuncia (Neira; Nunes, 2009, p. 227).

Todo processo pedagógico na perspectiva do CCEF é concebido e executado levando em consideração as pessoas envolvidas, numa realidade concreta e em constante construção. Todo acontecimento registrado transforma a experiência vivida, e o professor ou a professora é posicionado(a) como o(a) capoeirista experiente nesta roda que é a aula de educação física, ou até como o(a) artista. “Não há processo prescritivo” (Neira; Nunes, 2009, p. 257).

Por esse motivo, a melhor forma de entender o CCEF, seu processo metodológico, sua pedagogia pós-moderna e seus princípios, é conhecendo o que outros professores estão fazendo inspirados nesse currículo. O Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-FEUSP) disponibiliza muitos relatos de experiências docentes e, no próximo subitem, serão apresentados doze desses relatos para auxiliar na compreensão do trabalho com o CCEF.

### **2.1.2 Relatos de Experiência com a Educação Física Cultural**

No site do GPEF-FEUSP estão disponibilizados muitos relatos de experiência de professores e professoras de educação física que atuam em escolas públicas. Até julho de 2023 eram 197 relatos registrados no *site*.

*O caminho se faz ao caminhar*, e cada relato de experiência é uma escrita artística que segue orientada pelo currículo cultural, revelando diferentes rotas para tematizar, vivenciar, aprofundar, ampliar, mapear e registrar. É ao mergulharmos nessas narrativas que podemos obter uma compreensão mais completa do que

significa trabalhar na perspectiva do CCEF. E buscando pistas para planejar esse percurso, é essencial olhar de forma atenta para esses relatos.

Seus relatos de experiência evidenciam algo impossível de capturar, classificar ou sistematizar. Desdobram modos singulares não só de enunciar, como também, efetivar a docência. Impossível, portanto, descrever o que vem a ser a Educação Física Cultural. Sendo múltipla, variada e metamórfica, cada autor(a) deixa transparecer pela escrita toda a força dessa vertente, cujos contornos se modificam no mesmo instante em que é produzida. Produção que nunca cessa, pois é retomada a cada leitura (Neira, 2023, p.10).

Os relatos provêm de professores e de professoras de educação física que enfrentam as dificuldades do dia a dia escolar. Abrangem o período de 2009 a 2022 e refletem a implementação do currículo cultural, em suas respectivas escolas, com as salas em que atuam. São muitos relatos com educação infantil; ensino fundamental: anos iniciais do primeiro ao quinto anos, anos finais do sexto ao nono anos; ensino médio; Educação de Jovens e Adultos e até com professores.

Em alguns casos, é o trabalho do professor de educação física na escola, sempre se articulando com outros professores, gestores e comunidade escolar; em outros casos é o trabalho da escola inteira e a educação física é parte do que ocorreu na escola, como os relatos da EMEI Nelson Mandela, em que a professora pedagoga, Marina Basques Masella, que desenvolveu vários trabalhos com a turma, tematizando o samba em 2018, do forró à capoeira em 2020, *parkour* em 2021, brincadeiras indígenas em 2022, e também desenvolveu parceria com professores de educação física, quando tematizou brincadeira de elástico em 2016, e futebol em 2018.

Os temas abordados são muito diversos e mesmo quando coincidem, o trabalho do professor é único, se difere bastante dos outros. É possível encontrar temas como “*minecraft*” na escola “Amorim Lima”, que não é dividida por turmas seriadas, até futebol, ginástica, boxe, funk, vôlei, basquete, brincadeiras, pipa etc. que são desenvolvidos em várias escolas e cada uma faz uma leitura diferente e tem um trabalho diferente com os alunos.

Considerando que nosso trabalho é realizado com o segundo ano do ensino fundamental, serão trazidos os doze relatos desenvolvidos nessa fase de

alfabetização<sup>4</sup>, para que tenhamos uma ideia melhor do trabalho realizado nesse contexto específico (Quadro 1).

Quadro 1 - Relatos sobre a educação física na perspectiva cultural

AUTOR(A)	TÍTULO	TURMA	ANO	CIDADE
Jacqueline Cristina Jesus Martins	Conhecendo o futebol!	Escola anos iniciais	2010	São Paulo
Everton Arruda Irias	A sereia branquinha e a bruxa da diretora: um estudo das brincadeiras de faz-de-conta	1º e 2º anos	2015	Guarulhos SP
Aline Santos Nascimento	Brincadeiras Regionais: é possível reconhecer o Outro através delas?	2º e 3º anos	2015	São Paulo
Welington Santana Silva Júnior	Lutas diversificadas para a diversidade da Educação Física Escolar	1º ao 5º ano	2015	Sorocaba SP
Aline Santos Nascimento; Caren Cristina Brunello Florentin	SUBIU, ARREMESSOU E... entre o arremesso e a cesta há muito que se investigar!	2º ano	2017	São Paulo
Flávio Nunes dos Santos Júnior	Navegando sobre as práticas com brinquedos	2º ano	2017	São Paulo
Luiz Alberto dos Santos	“A Pablo Vittar não é de Deus” Desconstruindo questões de identidade de gênero na dança pop.	2º ano	2018	São Paulo
Carlos Alberto Oliveira Gomes	Dançando na escola: do balé das meninas ao inseto dos infernos do funk	1º e 2º anos	2019	Guarulhos SP
Luiz Alberto dos Santos	Se lutar é violência, por que a igreja do bairro ensina o jiu-jítsu?	2º ano	2019	São Paulo
Ana Carolina Torres; Felipe Nunes Quaresma; Flávio Nunes dos Santos Júnior	Corpos In-transe: a ciranda e o funk no jogo por conhecimentos e afetos outros	1º ao 3º ano e 6º ano	2019	São Paulo
Aline Santos do Nascimento	Brincadeiras na quarentena	1º e 2º ano	2020	São Paulo
Aline Santos do Nascimento	“Vai se tratar garota”: tematizando as dancinhas do TikTok	1º e 2º ano	2021	São Paulo

FONTE: A autora (2024).

A seguir, serão compartilhados alguns relatos para auxiliar no entendimento do CCEF, que surgiu da pesquisa sobre a prática de professores de educação física

<sup>4</sup> Serão considerados os relatos em que aparece o segundo ano, em ordem cronológica.

e vem se transformando a cada experiência, encontrando novas formas de elaborar o currículo.

a. O trabalho intitulado “*Conhecendo o futebol!*”, de 2010, foi desenvolvido pela professora Jacqueline Cristina Jesus Martins na Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal na cidade de São Paulo, com os objetivos de conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito da manifestação cultural futebol; de reconhecer as diferentes formas de se praticar o futebol na sociedade; e de superar a postura preconceituosa com relação à prática do futebol realizada por outros grupos (Martins, 2010).

Não foi possível identificar, neste relato de experiência, a turma com a qual a professora trabalhou. No entanto, como a escola atende apenas aos anos iniciais do ensino fundamental e por ter tratado do tema futebol, o relato foi incluído. A professora escolheu o tema devido à definição da escola de que seria um projeto a ser trabalhado coletivamente, por ser um ano de copa do mundo masculina de futebol.

A professora fez um mapeamento para saber o que os alunos conheciam e falavam sobre o tema, iniciando o trabalho com vivência em que eles deveriam se organizar para jogar, mas precisaram da ajuda da professora para definir as regras e conseguir jogar. Nas aulas seguintes, abordou regras e puderam fazer outras vivências. Eles também fizeram o futebol de botão e ampliaram o conhecimento com visitas ao campo de futebol que está mais próximo da escola e ao museu do futebol. As aulas foram atravessadas por diálogos sobre a torcida, a dificuldade que muitas meninas tinham de jogar por não terem experiência com o esporte, a ética no futebol, as torcidas, entre outros tópicos.

b. O trabalho intitulado: “*A sereia branquinha e a bruxa da diretora: um estudo das brincadeiras de faz-de-conta*”, de 2015, foi desenvolvido pelo professor Everton Arruda Irias na escola Celso Furtado, no município de Guarulhos – SP, com as turmas de primeiro e segundo anos (Irias, 2015). O tema surgiu a partir de conversas com os alunos que costumavam fazer brincadeiras de faz-de-conta, e seria uma oportunidade para abordar questões que dialogassem com a “Educação para os Direitos Humanos”.

O trabalho foi conduzido de forma diferenciada com as turmas, não havendo distinção clara, exceto pelo tempo necessário à finalização do mesmo, que foi diferente para cada turma.

A expectativa de aprendizagem era explicar e demonstrar corporalmente e oralmente as brincadeiras vivenciadas em contexto familiar e comunitário; e promover, mediante a vivência, modificações na estrutura das brincadeiras, considerando a demanda e características do grupo, do espaço e materiais. Brincaram com vários temas: polícia e ladrão; escolinha; ninja; cowboy; comidinha; cabeleireira e aventureiros e depois puderam conversar sobre essas vivências revisitando as fotos que foram projetadas.

A diretora foi representada na conversa como uma bruxa por estar sempre brava e gritando, então convidam a diretora para um bate papo com perguntas para ela responder. Outra personagem que apareceu foi a sereia, e foi usado um livro para conversar sobre o tema.

c. O trabalho intitulado: *“Brincadeiras Regionais: É possível reconhecer o Outro através delas?”*, 2015, foi desenvolvido pela professora Aline Santos do Nascimento com estudantes de segundo e terceiro anos do ensino fundamental na EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, na cidade de São Paulo (Nascimento, 2015). O mapeamento inicial levou em consideração o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e o Plano Especial de Ação (PEA), além de questionamentos que a professora fez com as crianças (qual a cidade natal delas) e observações que ela fez.

O tema escolhido foi o das brincadeiras. A professora pediu que pesquisassem as brincadeiras típicas dos lugares de origem das crianças (perguntaram para os responsáveis), depois fizeram a vivência dessas brincadeiras. Como havia alunos da Bolívia e do Peru, fizeram uma pesquisa na internet sobre as brincadeiras desses países, para depois vivenciá-las.

Durante todo o processo, as crianças conversavam sobre o que estavam fazendo, tiveram a oportunidade de ser fotografadas por um repórter que queria saber mais sobre o CCEF, e registraram suas experiências. No final, produziram um grande *banner* sobre preconceito contra imigrantes e a professora percebeu que, mesmo com todo esse processo, esse é um tema que precisa ser mais explorado para não silenciar as pessoas que sofrem esses preconceitos.

d. O trabalho intitulado: *“Lutas diversificadas para a diversidade da Educação Física Escolar”*, de 2015, foi desenvolvido pelo professor Welington Santana Silva Júnior com as turmas do primeiro ao quinto anos de ensino fundamental na E.M.Prof. Walter Carretero, na cidade de Sorocaba (Silva Júnior, 2015). O objetivo era proporcionar aos alunos uma série de conhecimentos dessa prática corporal, tais

como a sua contextualização histórica, suas técnicas específicas e, principalmente, discutir assuntos como gênero, racismo e religião.

Os estudos foram iniciados com conversas sobre o que as crianças entendiam por luta, vivenciando os jogos de oposição para entender melhor este conceito, e, em seguida, trabalharam boxe, capoeira e jiu-jitsu vivenciando, estudando sua história e dialogando sobre os assuntos propostos.

e. O trabalho intitulado: “*SUBIU, ARREMESSOU E... Entre o arremesso e a cesta há muito que se investigar!*”, de 2017, foi desenvolvido pelas professoras Aline Santos do Nascimento e Caren Cristina Brunello Florentin com as turmas do segundo ano do ensino fundamental na EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, na cidade de São Paulo (Nascimento; Florentin, 2017). O tema foi escolhido porque a professora Aline tinha tirado uma licença e, quando voltou, a docente que a substituiu, a Caren, estava trabalhando basquete com os alunos, então o trabalho foi continuado nessa linha.

Inicialmente, realizou-se uma conversa para entender melhor a compreensão do tema pelos estudantes. Na primeira vivência, ocorreram muitos problemas, pois eles não conheciam muito bem as regras e se frustraram quando não conseguiram jogar. Foi necessário assistir a vídeos para ampliar e aprofundar o conhecimento. Através de imagens, puderam falar um pouco sobre a história do esporte, voltaram a vivenciar o jogo e realizar alguns fundamentos para que pudessem encontrar o melhor gesto técnico para si e conseguir jogar de forma mais confortável.

Fizeram uma entrevista com um jogador por meio de um vídeo elaborado pela turma e duas ex-jogadoras de basquete foram à escola conversar com as crianças, em dias diferentes, a Marta de Souza Sobral (medalhistas olímpica pela seleção brasileira) e Sarith Anischa (ex-atleta de basquete e técnica de um projeto de basquete). Todo processo foi registrado por fotos, vídeo e elaboraram um livro coletivo.

f. O trabalho intitulado: “*Navegando sobre as práticas com brinquedos*”, de 2017, foi desenvolvido pelo professor Flávio Nunes dos Santos Júnior com uma turma de segundo ano na EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga, na cidade de São Paulo (Santos Júnior, 2017). A escolha do tema se deu a partir da conversa com a professora regente da sala, que estabeleceu um combinado para o dia do brinquedo. A partir disso, o professor fez um mapeamento para identificar quais brinquedos os alunos usavam em seus lares. “Nesse sentido, reconhecendo o patrimônio cultural da

comunidade, a grande navegação almejou uma viagem sem fim prévio, sem saber o que encontraria no dia seguinte” (p. 2).

As brincadeiras iniciais se deram a partir dos materiais que estavam disponíveis na sala de educação física, tais como bola, corda, raquete, bolinha de tênis, skate, colchonete e pebolim. Os materiais foram usados de diversas formas, algumas mais comuns, como chutar e arremessar uma bola, quanto outras formas que intrigavam, como usar a bola para fazer barriga de grávida.

Debateram sobre bonecas e sua diversidade, a dificuldade de encontrar boneca negra ou menino. Depois, receberam uma doação de brinquedos e outras possibilidades surgiram. Brincadeiras de faz de conta com as bonecas e carrinhos ou experimentar brinquedos até então desconhecidos por eles, como o “pogobol”.

Os brinquedos também foram usados para iniciar muitas conversas sobre as pessoas em situação de rua, os desenhos animados, segurança pública e o cuidado com os brinquedos. É possível perceber pelo texto que o professor fica atento a todos os diálogos e não coloca valores nas brincadeiras; ele problematiza e dialoga com as crianças, que vão trazendo seus olhares e construindo uma forma de ver o mundo com outra. Por exemplo: Algumas meninas acham que os meninos não podem brincar com boneca porque eles vão quebrá-las, pois eles não cuidam do brinquedo. Mas os meninos brincaram com elas na aula passada e não quebraram as bonecas. Assim, eles conversam e vão tentando entender a realidade que os cerca, rompendo paradigmas.

g. O trabalho intitulado: “*A Pablllo Vittar não é de Deus: desconstruindo questões de identidade de gênero na dança POP*”, de 2018, foi desenvolvido pelo professor Luiz Alberto dos Santos com três turmas do segundo ano do Ensino Fundamental na EMEF Raimundo Correia na cidade de São Paulo (Santos, L. A.; 2018). O professor fez uma lista do que não foi trabalhado no ano anterior e a dança foi o tema que mais empolgou os alunos em estudar e, diante de um comentário sobre a Pablllo Vittar, que não era de Deus por ser homem vestido de mulher, o professor viu uma oportunidade de dialogar sobre a dança pop.

Os objetivos das aulas foram delineados a partir do currículo da cidade: experimentar/vivenciar e fruir corporalmente as danças socializadas no grupo de estudantes e reconhecidas em seu contexto cultural familiar; identificar elementos constitutivos da dança pop; identificar e discutir, buscando modificar as ações preconceituosas referentes às questões de gênero presentes na dança pop.

Num primeiro momento, as crianças puderam dançar mais livremente e algumas optaram por não dançar devido à vergonha. Na aula seguinte, conversaram sobre esse tema. Também viram vídeos de dança, conversaram sobre o que era pop, homofobia e questões de gênero. Para ampliar o conhecimento, eles entrevistaram um dançarino profissional. Depois, montaram coreografias em grupos para apresentar e, durante todo o processo, o professor registrou algumas falas dos alunos e suas reações, fez vídeos das apresentações e tirou fotos.

h. O trabalho intitulado: “*Dançando na escola: do balé das meninas ao inseto dos infernos do funk*”, de 2019, foi desenvolvido pelo professor Carlos Alberto Oliveira Gomes na escola da Prefeitura de Guarulhos (São Paulo) Gianfrancesco Guarnieri com os alunos dos primeiro e segundo anos, durante o primeiro semestre (Gomes, 2019). O tema foi escolhido por ainda não ter sido trabalhado, por ter algumas meninas que praticavam balé na comunidade, e pelo funk ser a dança predominante nas festas.

As aulas contaram com vivência de vários ritmos para dançarem, de conversa sobre as danças, de assistir a vídeos, e o professor enfatizava que todas as aulas trouxeram momentos de dançar, mesmo que breves. Para ampliar o tema, veio uma bailarina conversar com as turmas e dançar com eles. Até mesmo a diretora, que é dançarina, se envolveu no projeto e fez uma apresentação.

i. O trabalho intitulado: “*Se lutar é violência, por que a igreja do bairro ensina o jiu-jítsu?*”, de 2019, foi desenvolvido pelo professor Luiz Alberto dos Santos com duas turmas do segundo ano do ensino fundamental na EMEF Raimundo Correia, na cidade de São Paulo (Santos, 2019). Para definir o tema, o professor conversou sobre o que fizeram no ano anterior e levou imagens de práticas corporais presentes no entorno da escola. As imagens ligadas às lutas chamaram a atenção, pois os alunos questionaram a violência e outros falaram que luta não era violência, e que era praticado jiu-jítsu na igreja. Com o tema definido, o professor elencou expectativas de aprendizagem: identificar aspectos nominais e factuais do jiu-jítsu; compreender a estrutura do jiu-jítsu, seu funcionamento e os discursos que conceituam luta e violência.

Ao longo das aulas, foram feitas vivências, leituras de vídeos, e os alunos tiveram a oportunidade de vestir o quimono que tem na escola. Conversaram sobre violência e luta, para definir o que são e o que não são. Para ampliar, o professor de jiu-jítsu da igreja foi na escola conversar com a turma e tirar as dúvidas que foram

organizadas pelo professor e escritas na lousa, conforme as crianças falavam. Durante todo processo, o professor registrou as aulas em um diário, tirou fotos e fez algumas filmagens. No final, as crianças desenharam, escreveram e falaram sobre as vivências que tiveram e compartilharam essas impressões com a turma.

j. O trabalho intitulado: “*Corpos In-transe: a ciranda e o funk no jogo por conhecimentos e afetos outros*”, de 2019, foi desenvolvido pelos professores Ana Carolina Torres, Felipe Nunes Quaresma, Flávio Nunes dos Santos Júnior com as turmas do primeiro ao terceiro anos e do sexto ano do ensino fundamental, numa escola municipal da cidade de São Paulo (Torres; Quaresma; Santos Júnior, 2019). A dança foi escolhida para ampliar o conhecimento das crianças, que até então não tinham estudado esse tema. O professor começou conversando com o sexto ano sobre as danças que eles conheciam e os espaços onde tinham acesso à dança. As famílias das crianças vinham principalmente do Nordeste, então a dança escolhida para o estudo foi a ciranda.

Os alunos assistiram a vídeos e a professora de arte se sentiu atraída a cantar com as crianças a música *Cirandeiro*. Cantaram e dançaram. Já os alunos dos primeiro, segundo e terceiro anos tiveram contato com outras danças. O professor colocava uma música e as crianças diziam se conheciam. Em seguida, o professor escolheu o funk para tematizar e problematizar o “corpo que rebola” (uma conversa que surgiu na sala).

Numa outra aula, ocorreu um encontro dos quatro anos com os quais o professor estava tematizando dança e eles compartilharam o que estavam estudando com as outras turmas. O funk se cruzou com a ciranda, uns ensinaram aos outros como se dança.

Num outro momento, saíram pelas ruas do bairro para ver as danças que poderiam encontrar ali. Cada turma num dia e acompanhados do professor regente. Esse andar pelo bairro proporcionou muitos encontros e partilha de espaços muito conhecidos pelas crianças, que queriam mostrar os familiares e as suas casas. Todas as aulas foram registradas com fotos e vídeos pelos professores e as crianças também registraram suas percepções e compartilharam seus sentimentos sobre as aulas. No final, ainda tiveram uma exposição de fotos.

k. O trabalho intitulado: “*Brincadeiras na quarentena*”, de 2020, foi desenvolvido pela professora Aline Santos do Nascimento com crianças e familiares do primeiro e segundo anos de ensino fundamental da EMEF Virgínia Loriza

Zeitounian Camargo, na cidade de São Paulo (Nascimento, 2020). No início, a professora relatou as adaptações necessárias devido ao distanciamento presencial no ano de 2020, por conta da pandemia de Covid-19, e os usos da tecnologia para chegar até as crianças. O pano de fundo foi a produção de um *padlet* (um mural digital) pelas crianças.

O trabalho começou explicando como usar a tecnologia escolhida e como seriam organizadas as aulas. A questão disparadora era: quais brincadeiras eram possíveis de serem realizadas no período de quarentena e isolamento social? As crianças e familiares foram mandando registros dessas brincadeiras que aconteciam com pessoas de diferentes idades.

A preocupação era a interação entre as crianças, pois essas atividades estavam com acesso restrito à educadora, então foram feitos vídeos para compartilhar o que todos estavam fazendo. Muitas brincadeiras foram enviadas e outras trabalhadas por meio digital. Com o tempo, os registros foram se modificando e ficando mais elaborados. A quarentena foi se estendendo e foi feito um vídeo para saber como eles estavam. As respostas entraram no caderno a ser estudado.

Num outro momento, as crianças pesquisaram as brincadeiras realizadas na infância dos mais velhos. Visitaram a exposição *online* “*Memórias de uma infância em cenas infantis da artista Sandra Guinle*”, no site da USP. Foi feito um encontro síncrono para uma conversa com as crianças sobre o tema que estavam estudando. Não teve a participação de todas as crianças como era desejado, mas não deixou de ser significativo por conta disso.

Um currículo pensado com as crianças e não para as crianças. A questão não foi definir como se brinca, tampouco no que se desenvolve ao brincar. A aposta residiu nas crianças brincando, apenas isso. A brincadeira pensada como verbo. A Educação Física pensada como performatividade, aquilo que produz efeito na realidade. (p. 10)

I. O trabalho intitulado: “*Vai se tratar garota: tematizando as dancinhas do TikTok*”, de 2021, foi desenvolvido pela professora Aline Santos do Nascimento com crianças e familiares do primeiro e segundo anos de ensino fundamental da EMEF Virgínia Loriza Zeitounian Camargo, na cidade de São Paulo (Nascimento, 2021). As aulas ocorreram logo após o retorno das escolas ao ensino presencial pós pandemia de Covid-19 e, através do mapeamento, a professora percebeu que as crianças

faziam coreografias de dança relacionadas à rede social *TikTok* e usavam roupas com a marca.

Num primeiro momento, a professora deixou as crianças usarem um celular para buscar músicas e realizar as danças que desejavam, enquanto observava suas reações e regulações. Elas demonstraram bastante facilidade em usar o aplicativo e tiveram que negociar a escolha das músicas devido aos diversos gostos individuais. Os vídeos das vivências não foram postados no aplicativo, somente no *Google sala de aula*, para registrar aqueles momentos e compartilhar com os familiares o que era produzido.

Muitos discursos foram atravessando as vivências, como um menino que falou que algumas danças são para meninos e outras para meninas. Falaram sobre o uso de palavrões e como isso incomodava algumas crianças e familiares. A professora manteve um constante diálogo com a família e pôde entender melhor essas preocupações, que iam além dos muros da escola, pois os pais estavam preocupados com o acesso das crianças nos momentos de lazer também.

Fizeram estudos sobre como surgiu o *TikTok* e como funcionava. Foram levantados os temas de ganhar dinheiro com a plataforma e o quanto as marcas lucravam com redes sociais, além do acesso a dados pessoais de usuários. E esta tematização acabou sem um desfecho, pois iniciou-se uma greve e a professora foi atingida por uma bomba lançada pela polícia durante uma manifestação, necessitando de afastamento para cuidados médicos.

Os relatos apresentados revelam que essas aulas usam muitos espaços para além da sala de aula e da quadra, que são bem comuns no nosso trabalho, como o entorno da escola: uma praça, o laboratório de informática, o bairro como um todo.

Não existe uma única forma de trabalho nessa perspectiva e isso fica bem claro ao serem lidos os relatos. Mas também não é um livre fazer, existem os princípios que orientam o trabalho (como referido no capítulo anterior) e as partes que são importantes: mapeamento, leitura, ressignificação, vivência, aprofundamento, ampliação, avaliação e registro. Essas partes ocorrem quase ao mesmo tempo e ficam bem evidentes quando se tem contato com os relatos.

Com a leitura dos relatos foi possível compreendermos melhor a proposta do CCEF, e planejarmos o desenvolvimento das aulas, com a orientação desse currículo, na escola em que trabalho com o segundo ano do ensino fundamental.

Todos os relatos tratam de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental; somente um não define especificamente o segundo ano como a turma do relato<sup>5</sup>, mas os outros sim. Isso quer dizer que foram aulas ministradas para crianças de 6 a 8 anos de idade, faixa etária denominada como *infância* na sociedade atual e, por isso, a seguir são apresentados conceitos para auxiliar na reflexão sobre o tema.

## 2.2 A INFÂNCIA NA ESCOLA

Para auxiliar no trabalho, precisamos discorrer sobre a infância, afinal a pesquisa foi realizada com crianças que estão vivendo esse estágio de desenvolvimento e não é em qualquer lugar, é na escola.

Primeiramente, vamos falar da criança e da infância. Esse é um conceito que nasceu na modernidade e, para entendermos melhor este processo, são trazidas as reflexões de Philippe Ariès (1986), que analisou a arte em que as crianças eram representadas como adultos pequenos, onde não havia espaço para as crianças, elas não se distinguiam dos adultos, senão pelo tamanho, e tinham uma alta mortalidade. Foi o cristianismo que mudou a forma de ver as crianças, antes mesmo de diminuir a mortalidade infantil (Ariès, 1986).

Elas passaram a ser vistas como diferentes e separadas do que era adulto e seus assuntos. Assim surgiu o conceito de infância que hoje nos parece algo tão comum e já está incorporado às nossas instituições, como é o caso da escola, que foi criada para preparar a criança para o mundo do adulto e, nessa medida, acabou por separá-los ainda mais (Larrosa, 2013).

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. [...] e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento (Larrosa, 2013, p. 184).

---

<sup>5</sup> O trabalho “Conhecendo o futebol!” foi escolhido para nos ajudar a pensar o currículo cultural mesmo que não tenha especificado qual ano do Ensino Fundamental anos iniciais foi alvo do relato, mas por tratar do tema que a professora desenvolveu nesse trabalho de pesquisa.

Essa fase da vida humana tem sido estudada pela ciência na área da psicologia, da medicina, do marketing e, especialmente, da educação, e muito se busca explicar o desenvolvimento das crianças. Alguns estudos tentam dar conta de dizer quando as crianças podem ou devem fazer alguma coisa, andar, falar, escrever, vivenciar um esporte ou fazer uma reflexão mais complexa. São estudos baseados na linha psicológica da educação, com Piaget e Vygotsky como alguns de seus representantes, mas aqui, neste estudo, não seguiremos por esse caminho. O objetivo é enfatizar a singularidade da criança em relação ao adulto e também as diferenças individuais entre elas. A criança que é ainda um enigma para nós, que já não somos mais crianças.

E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la) (Larrosa, 2013, p. 185).

A criança é o outro e é o novo. Não se pode moldá-la para ser o que se espera, pois ela sempre escapa do nosso poder e do nosso saber. Não podemos reduzir a infância a algo que sabemos o que é, o que quer ou do que necessita. Não podemos agir sobre ela no regime totalitarista, prevendo todos os passos com o objetivo de antever as pessoas que viverão no futuro e que este seja semelhante ao que temos hoje, pois seria conservado dessa forma, sem mudanças, sem novidade. O novo sempre prevalece e, por mais que possamos achar que sabemos tudo, não sabemos (Larrosa, 2013).

A educação, muitas vezes, faz esse movimento totalitário que busca na criança o reflexo do adulto que a sociedade quer; o objetivo é deixar todo o projeto previsível e com isso repugna a incerteza. Ao longo da história da educação, houve muito esse movimento de tentar capturar a infância como matéria prima para o homem que se deseja para o futuro e cada realidade tem feito isso à sua maneira (Larrosa, 2013).

A escola surgiu como uma instituição para estudantes pobres (Ariès, 1986). O que se iniciou como salas de aula foram se tornando o colégio moderno, “instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude” (Ariès, 1986, p. 170). Desde os seus primórdios, a disciplina, a ordem e a

memorização eram valorizadas e, se compararmos uma escola nesse início com as escolas que temos hoje, vamos perceber muitas semelhanças. A disposição das carteiras, o professor na frente da sala com sua lousa para anotar o que os alunos precisam aprender, a expectativa do aluno aprender aquilo que o professor está ensinando, como já denunciou Paulo Freire quando falou de ensino bancário (Freire, 2005), e que persiste até os dias atuais.

Mas não é essa escola ou essa educação que é valorizada aqui neste estudo. Pelo contrário, se assume a criança como um enigma que pode ensinar e aprender de uma forma singular. Não se pretende dizer quais as fases do desenvolvimento infantil, pois aqui se assume a necessidade de contemplar o novo para acolhê-lo na sua singularidade.

E, a partir daí, não se trataria, melhor dizendo, de que aprendêssemos a constituir um olhar capaz de acolher o acontecimento daquele que nasce? E, se a educação é o modo de receber aquele que nasce, não seria o caso de, então, deixar acontecer a verdade que traz consigo aquele que nasce? (Larrosa, 2013, p. 196).

Não se trata de deixar a infância à deriva, mas sim de olhar para ela com admiração pelo novo, reconhecendo que é o outro e tem muito a contribuir para a nossa relação. Isso significa que precisamos olhar para aquilo que pode nos incomodar, tal como o barulho, os gritos, o não ficar quieto e sentado, a constante movimentação e inquietação dentro da sala de aula, e para ressignificar esse comportamento e olhar de uma outra forma, um contato com o outro que é diferente.

Muitas vezes o adulto compreende a

[...] infância como um dado atemporal. Uma visão da infância como dependência, com as crianças gradualmente conquistando sua autonomia intelectual e, por extensão, sua autonomia moral; a infância como um momento privilegiado, que representa o que de mais puro e bom existe na sociedade, como um ideal de perfeição, também constitui a orientação predominante no senso comum, quando pensamos este período da vida dos sujeitos humanos. Estas perspectivas de significar a infância, por outro lado, estão de tal maneira naturalizadas que deixam pouco espaço para que percebamos outras formas de pensá-la e também para que ponhamos em questão os processos que vieram a constituí-la deste modo (Bujes, 2001, p. 20-21).

Esse olhar sobre a criança pequena acaba influenciando a maneira como o adulto que está na posição de professor(a) na escola vai lidar com ela. Um adulto que tem um papel diante da instituição da qual faz parte e é tanto aquele que tem o poder

diante das crianças, como também àquele que se deve obedecer<sup>6</sup> às regras da escola. E essa instituição, produto da sociedade contemporânea que rege a cartilha capitalista e liberal, exaltando o “potencial da infância para o futuro da nação” (Bujes, 2001, p. 235), tem como ideal a domesticação da infância por meio de tecnologias disciplinares.

Disciplina que “[...] tornou-se um método indispensável de controle minucioso dos corpos, evidenciando um binômio de docilidade/utilidade, esquadrinhando o espaço, o tempo e os movimentos” (Souza; Neira, 2014, p. 113).

Na educação física, o corpo é protagonista e o espaço muitas vezes não é a sala de aula, podendo ser uma quadra, um pátio, ou outro espaço, porém os mecanismos disciplinares continuam presentes. Os gritos das crianças no pátio durante as brincadeiras, as corridas nos corredores, o corpo que se movimenta, costumam não ser bem aceitos na escola. O próprio tempo da aula é controlado e o movimento muitas vezes é confinado nas aulas de educação física, e isso constrói no imaginário da criança uma expectativa.

No entanto, mesmo com forças de poder que buscam docilizar as crianças no espaço escolar, elas muitas vezes se opõem e esse comportamento é visto como indisciplina e reprovável na instituição.

Aqui não se faz uma defesa da indisciplina, pois sabe-se que para o funcionamento eficaz da escola, é preciso de regras e de alguns combinados pedagógicos para que o aprendizado aconteça. No entanto, buscamos desconstruir a perspectiva do adulto com relação a esse comportamento que não é o desejado. Uma disciplina sem reflexão e princípios orientadores não tem significado para as crianças; em vez disso, o que vai orientar é o medo do castigo ou da vergonha de ser chamada a atenção. O que defendemos é entender as regras necessárias para a convivência na escola, incluindo as aulas de educação física, sem fazer um movimento baseado no medo.

Sendo a escola um espaço do saber, é crucial reconhecer a importância do “curiosar” (Souza; Danadel; Kunz, 2017, p. 200) e não controlar tudo que acontece na aula. O controle exercido pelos mecanismos disciplinares pode, muitas vezes, não incentivar a curiosidade infantil. Mesmo assim “[...] as crianças manifestam frequentemente a curiosidade, querem entender o mundo que as cerca e, por isso,

---

<sup>6</sup> Não que não exista espaço para “desobediência”, mas não é o foco buscado para este momento.

exploram e questionam” (Souza; Danadel; Kunz, 2017, p. 198). E como adultos, os professores precisam refletir sobre esses comportamentos para entendê-los, evitando discriminar/rotular as crianças que desafiam sua ideia de “criança ideal”.

Como destacado, a criança é o novo que desafia o mundo já construído pelo adulto, é aquela cujo comportamento pode incomodar o velho que já está constituído e é submetido a mecanismos disciplinares no intuito de controlar e torná-lo homogêneo, igual ao que já se tem, silenciando o novo que quer se pronunciar diferente do adulto.

A Infância, portanto, é um campo muito estudado dentro de uma visão adultocêntrica e, por mais que tenha sido desvendado pelas ciências pedagógicas, pela psicologia, pelo marketing e pelas ciências sociais sobre a infância, existe um novo que prevalece e continua sem ser revelado, um novo que desafia a compreensão do adulto e renova a cultura constantemente, permanecendo um enigma. E este estudo respeita essa lacuna de conhecimento e reconhece que não tem uma resposta para esse enigma.

No próximo capítulo, vamos apresentar o percurso investigativo que também parte do relato escrito de um adulto (professora-pesquisadora) e posterior análise pelo mesmo. Por não ter respostas para tudo o que é infantil, busca-se o respeito e a empatia por esse diferente que se revela no encontro das gerações, professor e alunos, adulto e crianças.

### 3 PERCURSO INVESTIGATIVO

Considerando-se o escopo desta pesquisa, que é analisar uma proposta de ensino na perspectiva do Currículo Cultural da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, entendemos que o importante é o processo, sendo a pesquisa qualitativa o método mais adequado.

Na investigação qualitativa, o objetivo é “investigar os fenômenos e toda sua complexidade e em contexto natural” (Bogdan; Biklen, 1999, p. 16). Os dados são obtidos no contato aprofundado com as pessoas e é exatamente assim que esta pesquisa será conduzida.

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, que “é [...] uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta” (Engel, 2000, p. 182). Isso porque a pesquisa foi desenvolvida na escola onde pesquisadora e professora são a mesma pessoa, ou seja, uma professora-pesquisadora-participante, justificando a opção por esta metodologia.

As aulas foram planejadas e ministradas buscando atender aos princípios e à metodologia que orientam o CCEF, e o foco foi analisar como ocorreu o desenvolvimento das aulas, observando como os preceitos desse currículo se materializam na realidade desta professora, que não possui experiência anterior com essa forma de pensar a educação física escolar.

Como Instrumento de coleta de dados, foram utilizados os diários de aula, que são “[...] documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas” (Zabalza, 2004, p. 13). Como estratégia para não esquecer, foi usado o celular para gravar alguns momentos de conversa com os alunos, captando a impressão da professora quando necessário, sendo também tiradas fotos e feitos alguns vídeos das aulas, que são parte do registro do próprio CCEF e auxiliaram na elaboração do diário de aula. É importante destacar que tais estratégias serviram como suporte para a confecção dos diários e não são instrumentos de coleta de informações para a pesquisa realizada.

Zabalza (2004) ressalta em seu texto que os diários não precisam ser uma atividade diária, que podem ter uma periodicidade menor, como duas vezes por semana, para evitar que se tornem tão trabalhosos. No entanto, no caso desta pesquisa, que envolveu três aulas na semana, os diários foram elaborados no mesmo

dia das aulas, exceto em duas situações em que foram registrados no dia seguinte, devido ao cansaço da professora ao chegar em casa.

A pesquisa foi realizada numa escola municipal da rede pública de ensino de Ribeirão Preto, cidade do interior do estado de São Paulo. Portanto, vale a pena trazer alguns dados sobre a cidade e a escola, sem especificar a instituição e romper com o anonimato.

Ribeirão Preto tem uma população de mais de 700 mil habitantes (IBGE, 2021) e existem 187 escolas de ensino fundamental (IBGE, 2021). A cidade conta com escolas públicas geridas tanto pela Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo, para as escolas estaduais, quanto pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de Ribeirão Preto, para as escolas municipais. Os níveis de ensino geridos pela SME são a educação infantil (Centros de Educação Infantil - CEI e Escolas Municipais de Educação Infantil - EMEI) e o ensino fundamental (Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF). São 36 unidades de CEI, 41 unidades de EMEI e 31 unidades de EMEF (Ribeirão Preto, 2022).

A escola em que foi realizado o estudo tinha aproximadamente 1.300 alunos em 2023, funcionando tanto no período da manhã quanto à tarde, atendendo o ensino fundamental, anos iniciais e anos finais.

Para as aulas de educação física, a escola dispõe de duas quadras, uma coberta e outra não; uma área com árvores em frente à quadra coberta; a sala de aula; um anfiteatro; um pátio (muito movimentado e difícil de usar); uma sala de informática; uma biblioteca e o Centro Esportivo (CE) ao lado da escola, com duas quadras cobertas, pista de atletismo, campo de futebol e piscina, que não tem muita disponibilidade de horário para a escola.

A turma escolhida para a pesquisa foi um segundo ano, com 26 alunos, do ensino fundamental anos iniciais, em que a professora-pesquisadora ministrou aula no ano de 2023.

A seleção dos(as) estudantes na pesquisa se deu pelo aceite em participar da mesma, com a condicionante aprovação dos pais e/ou responsáveis pelo menor de idade. Todas as crianças participantes da pesquisa receberam uma via impressa do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e seus respectivos pais e/ou responsáveis receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B). Os TALE e TCLE foram lidos e explicados para as crianças e para os pais e/ou responsáveis, com o intuito de esclarecer toda e qualquer dúvida

existente sobre a pesquisa e para deixar claro que todas as crianças iriam participar das aulas sem distinção de quem aceitou ou não participar da pesquisa.

As informações das crianças que não aceitaram participar da pesquisa não foram utilizadas de maneira alguma nos dados coletados. Já as crianças que participaram da pesquisa tiveram seus nomes trocados para nomes fictícios, com o objetivo de não identificar e nem expor os(as) estudantes envolvidos(as), conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Nomes fictícios dos(as) alunos(as) e sua idade no dia 24/7/2023

<b>NOME FICTÍCIO</b>	<b>IDADE</b>
Monica 1	7 anos
Marta 1	7 anos
Richarlison	8 anos
Neymar	7 anos
Pelé	8 anos
Messi	9 anos
Raí	8 anos
Mbappé	8 anos
Bia 1	6 anos
Ronaldinho Gaucho	8 anos
Gabi	7 anos
Letícia	7 anos
Bia 2	7 anos
Ronaldo Fenômeno	8 anos
Paquetá 1	8 anos
Roberto Carlos	7 anos
Paquetá 2	7 anos
Cristiano Ronaldo	7 anos
Marta 2	7 anos
Pia	7 anos
Formiga	7 anos
Monica 2	7 anos
Debinha	7 anos
Tamires	7 anos
Marta 3	7 anos
Sonic	7 anos

FONTE: A autora (2024).

Desde o início, foi explicado aos alunos que teriam que escolher um nome de jogador ou de jogadora de futebol para serem identificados na pesquisa. No final do projeto foi realizada essa dinâmica, porém alguns alunos já tinham saído da turma e foram para o período da manhã, e a professora escolheu um nome. Os outros alunos escolheram seus nomes com a ajuda dos colegas. Vale ressaltar que, enquanto os nomes de jogadores masculinos foram facilmente escolhidos, poucos precisaram repetir o nome, para as jogadoras mulheres precisaram de ajuda e muitos nomes foram repetidos, como o da Marta, que foi 3 vezes escolhida. Nesses casos, foi respeitado o nome escolhido pela criança colocando um número na frente para indicar a ordem de escolha. Por exemplo: Marta 1, Marta 2 e assim por diante.

Como informado anteriormente, os vídeos e áudios mencionados não foram usados na pesquisa para evitar expor as crianças. Foram usados somente para auxiliar na memória da professora-pesquisadora na construção dos diários de aula. Os vídeos e áudios foram arquivados para possibilitar a revisão do que foi feito ou tirar alguma dúvida. Além disso, eles também fazem parte do registro da aula, que a professora faz sempre como parte do processo pedagógico, e continuarão no acervo da professora.

A elaboração do projeto se iniciou no primeiro semestre de 2022 e foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) no dia 11/3/2023. Após algumas modificações que foram solicitadas pelos avaliadores, o projeto foi aprovado no dia 18/5/2023, sob o n.º CAAE 67978323.0.0000.5504, parecer n.º 6.068.111 (Anexo A).

Inicialmente, foi realizada uma reunião com os pais para explicar a pesquisa, à qual compareceram os responsáveis por sete crianças (7 de junho). Como o previsto era iniciar em 24 de julho, foram marcadas reuniões com os pais e realizadas conversas no horário da saída com quem não conseguia participar das mesmas. Também foi tentado o envio do TCLE para os pais, e foi disponibilizado um número de telefone para esclarecer a pesquisa, incluído no documento. Apesar das dificuldades, obteve-se a assinatura de todos os responsáveis. Somente então, em uma das aulas, foi explicado o TALE para as crianças e foi solicitado o consentimento delas também. Apenas um aluno necessitou que fosse realizada uma conversa com os pais no dia 24 de julho, pois ele iniciou na escola nesse dia, e só depois foi incluído na pesquisa.

No dia 24 de julho, teve início a coleta de dados das aulas que foram planejadas com base no currículo cultural. Essas aulas não tinham um dia certo para terminar, pois o CCEF não determina um prazo para se trabalhar um determinado tema. No entanto, por conta do fechamento deste trabalho, a coleta aconteceu até 14 de setembro para que houvesse tempo hábil de análise dos dados e elaboração do relatório final. O Quadro 3 apresenta o cronograma das aulas realizadas.

Quadro 3 - Cronograma das aulas realizadas

(Continua)

DIA	AULAS	DATA	TEMA
01	01	24/07/23	Conversa sobre o que é futebol para eles. Visitar os espaços que possibilitam uma melhor vivência na escola.
02	02	25/07/23	Visitar os espaços que possibilitam uma melhor vivência no Centro Esportivo (CE). Entender como eles brincam de futebol. Eles elaboraram uma brincadeira inspirada no esporte a ser estudado.
03	03	27/07/23	Apresentação do que cada grupo fez de brincadeira. Vivenciar e refletir a semelhança com o futebol.
04	04	31/07/23	Adaptação das brincadeiras que se afastavam do futebol para que ficasse mais próxima do tema que estávamos estudando.
05	05	01/08/23	Vivência do jogo de futebol. Entendimento das regras e como se joga partindo do conhecimento deles.
06	06	03/08/23	Observar como eles acreditam/ entendem como é um treino de futebol.
07	07	07/08/23	Fazer a leitura de jogos de futebol a partir de vídeos. Vivenciar grupos mistos na atividade de passar a bola em pequenos grupos.
08	08	08/08/23	Aprender a driblar através de um mini jogo: "driblinha" (eles já estavam fazendo essa atividade em outras aulas e aproveitei a ideia deles). Trabalho em grupos mistos.
09	09	10/08/23	Vivenciar os dribles especiais.
10	10	14/08/23	Vivenciar os dribles especiais que pesquisaram em casa.
11	11	15/08/23	Pesquisa sobre futebol com os adultos da escola.
12	12	17/08/23	Análise da pesquisa e conversa sobre os resultados.
13	13	22/08/23	Conversa sobre o que mais eles gostariam de estudar e conhecer sobre o futebol. Posicionamento dos jogadores no campo – função de ataque e de defesa (usando os materiais do futebol de botão)
14	14	24/08/23	Vivência do jogo de futebol no campo para pensarmos o posicionamento dos jogadores.
15	15	28/08/23	Pesquisa na sala de informática sobre o que eles queriam aprender mais.

16	16 e 17	31/08/23	Conversa sobre o resultado da pesquisa realizada na sala de informática. Entrevista com a ex-jogadora de futebol
17	18	04/09/23	Vivência do jogo de futebol no campo
18	19, 20 e 21	05/09/23	Visita a um estádio de futebol
19	22	11/09/23	Conversa sobre a visita e registro com desenho do que mais gostaram para apresentarmos para as turmas que não foram. Elaborar uma carta de agradecimento à Mari que veio conversar com a turma (essa parte fizeram com a professora da turma).
20	23	12/09/23	Vivência do futebol de botão a partir do que foi pesquisado por eles.
21	24	13/09/23	Vivência de futebol no campo com a ex-jogadora. Entrega da carta que eles fizeram para ela.
22	25	14/09/23	Apresentação para a outra turma de segundo ano sobre como foi a visita ao estádio de futebol.

FONTE: A autora (2024).

Vale ressaltar que as aulas nesta escola têm a duração de 50 minutos e esta turma tinha três aulas de educação física por semana: às segundas, terças e quartas-feiras. Houve necessidade de adaptação em alguns dias para que fosse possível realizar algumas atividades que tinham sido planejadas.

No dia 16, eles tiveram duas aulas no lugar de uma: a primeira, foi a programada, e a segunda, contou com a colaboração da professora do outro segundo ano, que cedeu sua aula para juntar as duas turmas, para que fosse possível fazer a entrevista.

No dia 18 também foi feita uma adaptação, pois a visita ao estádio precisava de mais tempo e, no lugar de uma, eles tiveram três aulas.

No dia 21 houve outra adaptação: não estava prevista a aula de educação física nesse dia, mas era o dia e horário que dava certo para fazerem o jogo com a ex-jogadora de futebol, conforme ficou combinado com as duas turmas de segundo ano, então foi utilizado o horário de aula da outra turma, proporcionando uma aula extra para eles naquela semana.

Inicialmente, foi elaborado um cronograma com várias ideias, mas ao longo da realização da “escrita-currículo” outros temas foram aparecendo, outras demandas, além das necessidades organizacionais da própria escola. O planejamento inicial foi se modificando a todo encontro e, neste quadro apresentado, foi registrado o que realmente se efetivou com a turma, e não a ideia inicial do projeto.

Após a fase de coleta de dados, procedeu-se à análise dos diários de aula por meio de categorias que foram definidas depois da coleta, visando a classificação dos dados para uma análise mais aprofundada (Gomes, 2004).

Esta é uma pesquisa qualitativa em que a técnica utilizada foi a análise de conteúdo, que pode ser aplicada com duas funções:

[...] encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado (Gomes, 2004, p. 74, grifo do autor).

Para fazer essa análise, Gomes (2004) destaca que precisamos definir as unidades de registro, que “[...] se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem” (p. 75); e as unidades de contexto, que especificam o contexto do qual a mensagem faz parte. E ela pode “[...] abranger as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação” (p. 75 -76).

A primeira fase da análise foi a leitura de cada diário de aula. Primeiro, foi realizada uma leitura mais descompromissada, seguida por uma leitura mais atenta para começar a destacar frases que chamavam mais atenção, ideias que mais se repetiam e características mais específicas do CCEF que apareceram nos diários de aula. Depois de destacar, buscamos agrupá-las em grupos com significados semelhantes. Durante esse processo de destaque e agrupamento, foi elaborado o Quadro 4 como guia orientador.

Quadro 4 - Construção das unidades significativas

<b>UNIDADES SIGNIFICATIVAS</b>
Disciplina e indisciplina
Dificuldades e imprevistos da docência
Metodologia do Currículo Cultural
Expectativa
Questões de gênero.
Antecipação ou tarefa para casa
Adaptação que a professora faz.
Atravessamentos e agenciamentos
Adaptação que os alunos fizeram
Influência do esporte de rendimento
Histórias e relatos das crianças

FONTE: A autora (2024).

Destacamos onze unidades significativas. Mas, para uma melhor análise, foi necessário agrupar o que fosse mais semelhante a fim de formar as categorias.

Para esta etapa, foi retomado o objetivo da pesquisa, que consistia em analisar uma proposta de ensino na perspectiva do CCEF nos anos iniciais do ensino fundamental e orientou-se a análise com essa base.

Após a experiência de construir uma “escrita-currículo” própria com os alunos e perceber a importância da pedagogia proposta, identificamos a dificuldade em abandonar algumas práticas que não se inserem nesse contexto, e ter mais clareza sobre o CCEF.

Decidimos utilizar a “metáfora da capoeira” proposta por Marcos Neira e Mário Nunes (2007, 2009), e que foi apresentada anteriormente neste trabalho, para ajudar a entender esse currículo, analisando-o com o objetivo de separar as unidades significativas nas seguintes categorias:

Quadro 5 - Construção das três categorias a partir das unidades significativas

CATEGORIA	UNIDADES SIGNIFICATIVAS
<i>A jogadora mais experiente: ser professora com expectativas, dificuldades e atribuições legais/burocráticas</i>	Disciplina e indisciplina
	Dificuldades e imprevistos da docência
	Expectativa
	Antecipação ou tarefa para casa
	Adaptação que a professora faz.
	Influência do esporte de rendimento
<i>Os jogadores desafiantes: ser criança e artista seus próprios caminhos e aprendizagens</i>	Disciplina e indisciplina
	Adaptação que os alunos fizeram
	Histórias e relatos das crianças
	Questões de gênero.
<i>Jogando com o novo que vem do Currículo Cultural da Educação física.</i>	Metodologia do Currículo Cultural
	Atravessamentos e agenciamentos

FONTE: A autora (2024).

Apesar de aparecer a unidade significativa “disciplina e indisciplina” em duas categorias, elas partem de referenciais diferentes: a primeira, mais voltada para a professora e a segunda, para as crianças.

No próximo capítulo, serão analisadas essas categorias com base nos diários de aula que foram coletados e no diálogo com a literatura estudada.

#### 4 ANÁLISE E JOGO: CAPOEIRA E FUTEBOL SE FUNDEM

Tendo apresentado o processo de construção das categorias, destaca-se que cada uma delas tem seu significado no jogo de capoeira que está sendo construído aqui, visando estabelecer um diálogo com o leitor ou a leitora que quiser entender melhor o CCEF dentro da realidade da escola com todas as suas dificuldades e possibilidades.

Dessa forma, as categorias criadas a partir da análise dos dados, foram:

- a) *A jogadora mais experiente*: ser professora com expectativas, dificuldades e atribuições legais/ burocráticas.
- b) *Os jogadores desafiantes*: ser criança e artistar seus próprios caminhos e aprendizagens.
- c) Jogando com o novo que vem do Currículo Cultural da Educação Física.

As duas primeiras categorias dizem respeito à análise das pessoas envolvidas na aula: a professora que usa sua experiência docente e expectativas para tentar antecipar o jogo que as crianças vão fazer e se depara com as dificuldades e necessidades de adaptação constantes; e a criança que traz suas expectativas, inquietações, curiosidades, exigências e histórias para as aulas. Tudo isso diante da roda que é o próprio jogo, a terceira categoria, e aqui para a pesquisa e análise, o próprio CCEF, que a professora-pesquisadora quer entender melhor e busca jogar segundo suas regras, princípios e pedagogia.

Antes de entrar nas categorias para realizar a análise, é essencial apresentar como tudo começou. Para dar início ao projeto na escola, foi necessário selecionar um tema.

Apesar de não existir uma ordem exata em que as etapas do CCEF devem acontecer, o mapeamento é uma ferramenta que ajuda a orientar o trabalho, inclusive na escolha do que será tematizado, e costuma acontecer o tempo todo, inclusive no início do processo.

[...] o mapeamento possibilita a definição da prática corporal objeto da tematização, além de promover as problematizações que constroem seu percurso, logo, ele é tanto a porta de entrada do fazer pedagógico do currículo cultural como aquilo que permite aos envolvidos traçarem o caminho da tematização (Neira; Nunes, 2022, p.100).

Nesta pesquisa, o mapeamento ocorreu desde o início do ano letivo com a turma, considerando que sou professora deles desde então. Antes do início deste trabalho, já estava lecionando e tinha abordado outros temas, pois além de pesquisadora-participante, sou, antes de tudo, professora de educação física deles. É a primeira vez que estive em contato com esta turma e a fui conhecendo ao longo do ano, e realizando o mapeamento para orientar meu trabalho, pois estava determinada a colocar em prática o CCEF não somente durante a pesquisa, mas também buscando aplicar algumas das orientações pedagógicas para facilitar meu trabalho quando fosse realizar este estudo.

Não é meu primeiro ano nesta unidade escolar, então já tenho um certo conhecimento da comunidade e do seu entorno, o que ajuda bastante.

É um bairro antigo da cidade e as crianças que estudam lá são da comunidade próxima, embora haja também estudantes que morem um pouco mais distantes e utilizem transporte escolar. A escola é procurada pelas famílias para matrícula, quando não são encaminhadas diretamente da educação infantil, devido à sua boa reputação.

A demanda por vagas é alta, principalmente no período da manhã, resultando em uma grande concorrência. Muitos alunos iniciam no período da tarde e ficam numa fila de espera para tentar vaga de manhã. Por conta disso, existe uma mudança constante de período; sempre que abrem vagas pela manhã, as crianças da tarde na lista de espera mudam de período e outras crianças vindas das escolas da vizinhança vêm para nossa escola. Essa dinâmica gera muitas transferências de alunos durante o ano letivo, incluindo a movimentação ocorrida com esta turma, em que algumas crianças foram para o período da manhã e outras vieram de outras unidades escolares.

As crianças, desde o início do ano, têm manifestado o desejo de praticar futebol, muitas delas vindo às aulas com chuteiras e perguntando toda semana quando teríamos futebol.

Inicialmente, havia preconceito em relação a trabalhar com esse tema, pois acreditava que as crianças já tinham ampla exposição ao futebol e, portanto, buscava explorar outras temáticas. Contudo, ao conhecer mais profundamente o trabalho do professor Dr. Osmar Moreira de Souza Junior e seus orientandos através do ProEF, fui sensibilizada a ter um outro olhar para o futebol. Por conta disso, no ano de 2022, comecei a incluir o estudo do futebol nas minhas aulas com as diversas turmas que tenho.

Como a minha pesquisa só teve a possibilidade de começar no segundo semestre de 2023, coincidindo com o início da copa do mundo feminina de futebol na Austrália e com a participação da seleção brasileira, vi a oportunidade de abordar o tema futebol tanto com a turma da pesquisa quanto com as outras turmas que tenho aula. Vale ressaltar que o tema futebol aparece em 18 dos 198 relatos de experiência disponíveis no *site* do GPEF<sup>7</sup>, de 2007 a 2022, publicados até 2023.

Quando anunciei o tema para as crianças em 24 de julho, houve uma explosão de alegria e agitação. Comecei o projeto com o objetivo de ajudar a turma a fazer uma leitura para entender melhor este esporte, o futebol<sup>8</sup>, e ressignificar sua prática com as diferentes vivências e possibilidades de textos, visando promover atitudes mais solidárias uns com os outros.

Elaborei um primeiro planejamento<sup>9</sup> com 16 aulas para orientar esse início de trabalho e logo no primeiro dia, durante uma conversa com a turma, os rumos foram replanejados e assim continuou. Percebi que trabalhar com o CCEF era tão imprevisível quanto jogar o futebol<sup>10</sup>: você se prepara (planejamento), faz as jogadas ensaiadas (escolhe o que vai fazer em cada aula), treina tática (didática) e técnica (conhecimento sobre o tema) e faz o preparo físico (busca entender a turma e a comunidade). No entanto, quando o jogo começa, o que realmente importa é o processo de jogar e sua capacidade de adaptar e reagir ao que os outros jogadores, neste caso as crianças, trazem para a aula.

É preciso ter sensibilidade para notar tudo o que acontece e atravessa a aula, e o registro se mostra muito essencial para encontrar outros caminhos mais significativos. O diário de aula, usado como instrumento nesta pesquisa, foi fundamental para orientar o que seria feito nas aulas subsequentes.

Esse movimento de planejar, interagir com as crianças, com as ideias que tive antes, ficar aberta para o que elas trazem e reagir ao movimento que fazem, só foi possível observar conforme fui fazendo os diários de aula (Apêndice D), com base nos registros que fui fazendo nas aulas, incluindo fotos, vídeos, áudios e anotações. Essa prática me ajudou a entender o que Neira e Nunes (2007, 2009) quiseram dizer

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/relatos-de-experiencia/>.

<sup>8</sup> Apesar de buscar um diálogo com outro futebol além do masculino, percebe-se que ainda prevalece o esporte espetacularizado como referência nas aulas.

<sup>9</sup> Esse planejamento pode ser conferido no Apêndice C.

<sup>10</sup> Aqui faço um paralelo da “metáfora da capoeira” usada por Neira e Nunes (2009) com o futebol, pois reconheço neles uma semelhança: o jogo.

com a “metáfora da capoeira”, bem como a importância do registro para o currículo cultural.

Por exemplo, o que aconteceu na nossa segunda aula:

*Nossa aula faltava poucos minutos para acabar, então pedi que eles fizessem grupo de 5 pessoas e que cada grupo fizesse uma brincadeira que lembrasse o futebol (que tenha a ver com o futebol). Eu não tinha planejado fazer assim, queria fazer o futebol direto, mas diante do pouco tempo que tínhamos, resolvi improvisar e no final achei que foi uma boa ideia (D. A.<sup>11</sup> 02)<sup>12</sup>.*

Diante do momento da aula em que restavam poucos minutos e não dava para fazer o que tinha sido planejado, que era o jogo de futebol, a professora adaptou a atividade de forma improvisada, reagindo ao que estava acontecendo na aula. Assim como o jogo de capoeira, em que os movimentos não são fixados previamente, mas dependem do movimento do outro jogador, e isso muda tudo que vem na sequência.

Essa atividade, que chegou de forma improvisada, se mostrou muito significativa e, durante a escrita do diário de aula a partir dos registros, a professora percebeu que era uma atividade que precisava ser continuada, e isso interferiu na aula seguinte.

*Lembrei eles dos grupos e das brincadeiras que fizemos na aula anterior e que hoje cada grupo iria explicar para os colegas qual foi a brincadeira que eles fizeram que é parecida com o futebol e os grupos iriam fazer a brincadeira em seguida (D. A. 03).*

A partir desse ponto, todo o planejamento prévio precisou ser reestruturado e outras atividades e reflexões foram incluídas, sem perder o objetivo inicial proposto. A professora tenta se antecipar aos movimentos dos alunos e isso vai mudando ainda mais o jogo. Apesar de ser a capoeira que Neira e Nunes (2009) trazem para falar do CCEF, por este trabalho ter o tema futebol e reconhecer que o jogo é comum para os dois, farei uma releitura dessa metáfora por meio das categorias que serão analisadas a seguir.

---

<sup>11</sup> D. A. = Diário de Aula.

<sup>12</sup> Será usado itálico nas transcrições dos diários de aula para diferenciá-las das citações, facilitando sua visualização. Também serão apresentadas em recuo para maior destaque, enfatizando seu conteúdo.

#### 4.1 A JOGADORA MAIS EXPERIENTE: SER PROFESSORA COM EXPECTATIVAS, DIFICULDADES E ATRIBUIÇÕES LEGAIS/ BUROCRÁTICAS

Na docência, o jogador com maior experiência é o professor, sendo neste caso a professora.

Falar do CCEF implica falar de uma posição política que se assume, de uma busca constante em tornar o currículo mais solidário, de não silenciar narrativas e valorizar o que cada grupo de pessoas tem para dialogar sobre um tema que nos afeta como parte desta sociedade que ao mesmo tempo em que estamos inseridos, tentamos refletir sobre essa realidade e quais as forças interagem sobre ela para construir narrativas mais opressivas ou mais libertadoras (Neira; Nunes, 2009; Neira; Nunes, 2022).

Este é um estudo realizado no Brasil, país latino-americano com uma história não muito distante de escravidão e com uma constante tentativa de apagamento de sua origem não branca. Todo esse caldo de cultura, que às vezes não se manifesta em palavras, interfere na aula e nem sempre, na rotina escolar, é possível identificar essas posturas do opressor sobre a aula.

Ser professora e tentar modificar o currículo com o qual já se sente confortável e tem apoio para trabalhar e transformar numa outra forma de ser e estar com o outro, é um grande desafio que coloca as divergências, os diferentes, para se colidir. Isso abala a rotina e não acontece de uma hora para outra, exige esforço e muita reflexão.

Por mais que a professora busque trabalhar na perspectiva do CCEF, há forças que não são percebidas inicialmente e que são difíceis de identificar. Um exemplo é o próprio futebol. Mesmo sendo a descolonização, a justiça curricular e evitar o daltonismo cultural, princípios que desejava seguir na escolha do assunto a ser tematizado, a professora escolheu o futebol. Não que ele não possa ser abordado. Mas não existe um único futebol e, ainda assim, o futebol espetáculo, o futebol de rendimento da copa do mundo, foi o exaltado.

*Coloquei o vídeo do Japão com a Noruega nas oitavas de final da copa do mundo feminina FIFA 2023. [...] Depois de alguns minutos de jogo, pausei e perguntei para eles se nosso jogo na semana passada estava parecendo com aquele jogo que vimos agora. Eles disseram que não e o Ronaldo Fenômeno complementou que nosso jogo estava todo mundo junto correndo atrás da bola e que tinha que separar (D. A. 07).*

No primeiro dia que foram assistir um jogo de futebol por vídeo, o jogo escolhido foi da copa do mundo que estava acontecendo, o que é perfeitamente compreensível. No entanto, em seguida, a professora pede para eles compararem com o que fizeram e o próprio aluno traz a ideia de que não se pareciam. A professora constantemente trazia a concepção de jogar melhor comparando com o futebol espetáculo. Ela até trouxe o vídeo deles jogando, mas para mostrar que precisavam melhorar, ou seja, se aproximar do outro futebol apresentado. A forma deles jogarem futebol acabou sendo diminuída.

*Apitei e eles começaram a chutar a bola e correr atrás dela. Foi o famoso jogo anárquico, todos correndo atrás da bola e fazendo uma confusão. [...] Depois de um tempo desse jogo, parei para conversar com eles e perguntei como poderíamos melhorar o jogo (D. A. 05).*

O que a professora descreve como jogo anárquico era como as crianças estavam vivenciando aquele jogo, distanciando-se do futebol profissional. E isso causava angústia à professora, levando-a a buscar estratégias para que elas conseguissem jogar mais próximo do que ela considerava ser o ideal, ou seja, o futebol de rendimento. Não se trata de menosprezar o futebol de rendimento, mas talvez de valorizar mais esse outro que as crianças estavam trazendo, e entendendo que também pode ser uma manifestação válida do futebol.

Não existe apenas um futebol; diante da diversidade das manifestações, podemos falar em “futebóis” (Damo, 2023). Esse conceito vai além de reconhecer o futsal, o futebol de salão, o futebol de várzea e as diferentes formas como esse esporte aparece na sociedade. O plural busca

*[...] abarcar as múltiplas manifestações desse esporte e avançar em relação aos olhares demasiadamente voltados para as formas consagradas, associadas ao circuito espetacularizado [...] não apenas em termos das técnicas corporais empregadas ou das regras adaptadas a partir do *football association*, antes em relação aos significados (Damo, 2023, p. 135).*

Mas para ela é difícil se libertar desse futebol tão consagrado na nossa sociedade capitalista e, na aula seguinte, o tema é o “treino de futebol”. Inclusive a palavra treinar aparece diversas vezes no diário, tanto na fala dos alunos, quanto na da professora.

*Falei da aula anterior e que fizemos o jogo no campo. Perguntei para eles se achavam que é possível ficar melhor o jogo. O Cristiano Ronaldo falou: “não ficar todo mundo junto”. Perguntei o que precisamos fazer para jogar melhor e o Cristiano Ronaldo respondeu novamente: “treinar”. Perguntei se tinha mais alguma coisa que podíamos fazer. Um menino no fundo falou: “aprender domínio” (D. A. 06, grifo nosso).*

*[...] falei que o treino é uma forma de ficar melhor, mas também precisa entender o jogo para melhorar. Perguntei se todo mundo estava jogando bem na última aula. O Ronaldo Fenômeno falou que não, que estavam jogando “ruim”. Questionei o que ele falou: “todo mundo estava jogando mal?” Então o Ronaldo Fenômeno falou que não, que estavam jogando mais ou menos porque estava tudo tumultuado, fazendo falta. [...] Com essa atividade eu queria ver como eles percebiam o que era **treinar** para aprender a jogar futebol (D. A. 06, grifo nosso).*

Essa ênfase em treinar para melhorar, entender melhor o jogo e jogar melhor, permeia todo o diário, mas isso não desvaloriza o trabalho. Isso mostra que, mesmo buscando uma alternativa ao que fortemente nos afeta na sociedade, não conseguimos fazer essa reflexão de forma automática, sem esforço. Trabalhar dentro da perspectiva do CCEF é um processo demorado e contínuo.

A professora busca dialogar com outro futebol (“outro” porque é de mulheres, mas continua sendo o futebol espetáculo!), o da copa do mundo feminina. Por diversas vezes demonstra preocupação com as meninas no jogo e sua possível exclusão, tanto naquele momento quanto na sua trajetória futura dentro das aulas de educação física:

*[...] pretendo trazer algumas reflexões sobre as questões deles quererem jogar meninos contra meninas e de se separarem para formar os grupos. Meninos não querem brincar com as meninas e vice versa (D. A. 03).*

*[...] quis com essas atividades possibilitar uma vitória a elas que poderiam tentar fazer o drible e começar a se encantar pelo futebol e acreditar que também podem aprender, que este não é um território exclusivo dos meninos (D. A. 10).*

*[...] meu maior objetivo com essas aulas é despertar o interesse das meninas para que no futuro os meninos não dominem as quadras e as aulas de educação física, enquanto as meninas ficam deixadas na arquibancada assistindo jogo. Vejo isso ocorrer com os mais velhos e tenho que fazer um esforço muito grande para que as meninas participem. A desigualdade de habilidades que vão sendo construídas durante os anos vai afastando elas ainda mais desse protagonismo nas aulas, principalmente quando o tema é futebol e o professor não insiste na participação delas no jogo (D. A. 14).*

O foco acaba sendo mostrar que as meninas também podem jogar futebol e, com isso, podem conquistar mais espaço nas aulas de educação física. Entretanto, esse enfoque acaba não valorizando o futebol que as crianças trazem naquele momento, que é marcado pela idade e conhecimento delas.

Descolonizar o currículo é também se descolonizar, mudar o olhar e este é um processo de muito trabalho e reflexão, como foi dito anteriormente, e deve ser enfatizado nessa investigação.

Isso também se deve ao trabalho com os diários de aula que, além de serem um instrumento de coleta de informações para a pesquisa, também servem como um instrumento de avaliação que ajuda a professora a tomar consciência de seu trabalho. Isso gera aprendizado que modifica a prática. Zabalza (2004), quando se refere ao diário de aula, destaca esse potencial de desenvolvimento profissional e descreve cinco etapas.

1. Os sujeitos se tornam cada vez mais conscientes de seus atos [...].
2. Realiza-se uma aproximação analítica às práticas profissionais recolhidas no diário [...].
3. Aprofunda-se na compreensão do significado das ações [...].
4. Possibilitam-se as decisões e as iniciativas de melhoria introduzindo as mudanças que pareçam aconselháveis (a partir dos dados anotados e do novo conhecimento em relação a eles) [...].
5. Inicia-se um novo ciclo de atuação profissional (um novo estilo pessoal de realizar o trabalho profissional), uma vez que vão se consolidando as mudanças introduzidas. [...] (Zabalza, 2004, p. 28-29).

Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de “distanciamento” reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender (Zabalza, 2004, p. 10).

E a ação dos diários vai sendo percebida durante sua escrita, o que faz modificar algumas posturas da professora durante as aulas.

*Percebo que este diário, que é instrumento de pesquisa e também uma importante ferramenta de registro que me ajuda a pensar melhor a aula, tem me dado pistas importantes do que planejar para a próxima aula (D. A. 03).*

E como professora-pesquisadora, outras tomadas de consciência estão acontecendo durante a análise desses diários e a escrita deste texto. Um maior distanciamento do momento em que a aula aconteceu faz com que outras reflexões sejam possíveis.

Durante a aula, a professora tem mais dificuldade de perceber esses padrões e a influência de toda sua experiência e vida profissional. É preciso um esforço considerável e dedicação aos estudos para se distanciar da narrativa do esporte de rendimento, que é exaltada pelas forças de poder da sociedade capitalista vigente. As

expectativas que ela tem devido aos anos que já leciona acabam se impondo e se contrapondo ao novo, no caso, o CCEF.

Outro desafio com que a professora se deparou foi a indisciplina dos alunos, que muitas vezes se mostrou como agitação das crianças, e a necessidade de silêncio. Essa é uma reclamação constante nos diários de aula, sendo que somente nos diários 8, 10 e 17 não aparece essa preocupação.

*[...] Para responder eles fizeram uma grande bagunça. Eles estavam com massinha que pegaram hoje com o material que a escola entregou, então algumas crianças estavam brincando com a massinha; outros corriam de um lado para o outro na sala. Precisei pedir várias vezes que voltassem para o lugar e fizessem silêncio para ouvir o colega que estava falando (D. A. 01).*

*[...] outras crianças começaram a sair do lugar e querer ir me falar alguma coisa relacionada ao que estávamos conversando. Tive que lembrar a regra de levantar a mão quando querem falar. O Ronaldo Fenômeno já lembrou que não pode dar carrinho. Outra criança já falou que pode levar cartão amarelo ou vermelho. A Gabi falou que o goleiro pode pegar a bola com a mão e sair correndo para jogar para alguém. Eu precisei chamar a atenção das outras crianças para ouvirem quem estava na vez de falar e esperar sua vez (D. A. 04).*

*Eles demoraram para fazer silêncio [...] (D. A. 05).*

*Nesse momento eles voltaram a se agitar e correr pela sala, então chamei a atenção deles para poder continuar (D. A. 06).*

Pelos trechos destacados acima, dá para perceber que essa agitação estava muito relacionada ao momento de diálogo da aula e normalmente no início desta. Quando precisavam ouvir o que a professora ou os colegas estavam falando, a conversa paralela aparecia, e as regras de levantar a mão e esperar sua vez de falar não eram suficientes para cessar a conversa.

A agitação das crianças durante a aula, seja pelo que estavam estudando ou pelo formato desta no dia, acabava incomodando a professora. Porém, o silêncio de outras turmas e até mesmo a forma de não verbalizar os preconceitos dentro do grupo, também chamavam a atenção, fazendo um contraponto com toda a agitação e bagunça que desafiavam esta jogadora com mais experiência.

Além da atenção às falas dos alunos no calor das discussões, ocasiões em que se manifestam posicionamentos e preconceitos, os docentes devem atentar também aos silêncios. [...] Os silêncios dizem muitas coisas. A presença do saber subjugado, investigado por meio de uma manifestação, alia-se à presença das vozes subjugadas no cotidiano das aulas, possibilitando a ação concreta da transformação social (Nunes; Neira, 2009, p. 239).

A bagunça pode ser comparada ao silêncio, pois também diz algo que pode ser melhor examinado. Pode-se analisar pela perspectiva da criança, e isso está na próxima categoria a ser apresentada, mas também pode ser olhada pela perspectiva da professora, que já está inserida numa sociedade e em uma escola que exige silêncio para trabalhar, e vê o comportamento da criança que sai do lugar e fala enquanto ela tenta ministrar sua aula, como algo negativo que deve ser eliminado.

Contudo, dentro do currículo cultural, essa agitação pode trazer outros significados. Essa agitação, que parece nada dizer, traz informações que podem ser lidas para ajudar as crianças e a professora nesse processo. Por exemplo, nas aulas de terça feira, os alunos acabavam de sair do recreio, iam para a sala e era o início do recreio das turmas de terceiro, quarto e quinto anos. Eles chegavam mais agitados por conta do recreio e a situação se complicava com o barulho que vinha de fora da sala. Por mais que o barulho de dentro e de fora pudesse incomodar bastante a professora, era totalmente compreensível e, por ser previsível, pode orientar para um formato diferente nesses dias, tal como ficar menos tempo na sala e fazer as conversas breves na quadra ou em outro espaço da atividade.

Em outros momentos, essa bagunça indicava que os estudantes ainda não tinham entendido os princípios que orientavam a necessidade de fazer silêncio quando a professora ou os colegas estavam falando. Esses princípios estão relacionados a entender o porquê de se fazer silêncio, qual a importância de não correr pela sala, e não se pautam no medo, mas na compreensão dessa moral compartilhada e necessária (Darido; González; Ginciene. 2020). E “[...] tanto disciplina como moral colocam o problema da relação do indivíduo com um conjunto de normas” (La Tailly, 1996, p. 20). Normas essas que precisam deles saberem que existem e compreender seu valor para um convívio social.

A formação de professores no passado e até na atualidade, não prepara os professores para lidar com isso. O que atrapalha a aula, busca-se eliminar. Isso porque a bagunça faz com que o que foi planejado não aconteça da forma desejada, mas essa agitação é também uma forma de alguns alunos expressarem que estão descontentes com o que está acontecendo e que não querem ou têm muita dificuldade de seguir aquele formato de aula. Especialmente crianças de 7 e 8 anos, que têm uma compreensão diferente dessas normas e da moral comparadas com um adulto (La Tailly, 1996).

Pode-se aprender com isso e buscar alternativas para formatos diferentes de aulas para também contemplar esses alunos, ou, o que não é a proposta aqui, castigar aqueles que estão se comportando de uma forma não desejada e esta última é característica de um currículo tradicional e não o currículo pós-crítico que estamos propondo aqui.

Optou-se por esperar e tentar o diálogo para fazer com que fizessem um silêncio com que fosse possível ouvir quem estava falando. Em alguns momentos, a professora chamava a criança pelo nome e pedia para sentar ou parar de fazer o que estava fazendo, pois estava atrapalhando.

*[...] fiz a chamada no celular, pois o aplicativo da prefeitura exige que seja assim. As crianças começaram a sair do lugar e andar pela sala. Pedi que respeitassem a aula para podermos começar, mas tive que chamar a atenção de alguns específicos para que sentassem e fizessem silêncio para começarmos (D. A. 09).*

Já no Diário de Aula 11, próximo do final da aula, durante o diálogo para fazer uma reflexão sobre a pesquisa que acabaram de fazer, a professora optou por ignorar a bagunça que estava acontecendo e dar uma atenção mais individualizada para as crianças que demonstraram interesse um pouco mais profundo sobre o que estavam estudando.

*[...] O Ronaldinho Gaúcho e a Gabi é que se interessaram mais por essa reflexão que eu coloquei em pauta por conta do álbum de figurinha. Muitos da turma estavam correndo de um lado para o outro e agitados por conta do recreio que aconteceu antes da aula e da pesquisa que tínhamos realizado. Tentei aproveitar o interesse deles para buscar uma reflexão, mesmo que a maioria não entrou na conversa. Existem momentos na aula que precisamos dar uma atenção diferenciada para alunos com maiores dificuldades, mas também tem as crianças que avançam na discussão e isso pode trazer diálogos melhores nas próximas aulas e me ajuda como professora a entender que a idade não é um limitante para pensar além (D. A. 11).*

Assim, a professora vai buscando estratégias e fazendo adaptações para conseguir trabalhar com a turma sem cair na armadilha de recorrer a ações antidemocráticas.

Essas crianças estão no início de sua vida escolar e não tiveram acesso à educação infantil, quando o Brasil e o mundo viviam a pandemia da Covid 19 e as escolas ficaram sem aula presencial em 2020 e 2021, e só voltaram para o presencial em setembro de 2021, na escola Municipal de Ribeirão Preto, que seria o seu último

ano de educação infantil, mas ainda em formato de revezamento, uma turma A em um dia e turma B no outro, fazendo com que esse acesso fosse precário. Em 2022, elas foram para o primeiro ano do ensino fundamental e, dessa vez, no presencial desde o início do ano. Portanto, em 2023 ainda estavam se acostumando com essa nova rotina e um formato de sala de aula que busca o silêncio, crianças sentadas em fileiras, uma de frente com a nuca da outra e a professora na frente da sala.

Essa agitação que incomoda a professora é reflexo de uma inquietação de algumas crianças com o que está acontecendo, é a forma que elas conseguiram se expressar frente ao que não está interessando ou não conhecem (ter aula de futebol nas aulas de educação física não é só jogar bola; envolve conversar sobre o esporte, pesquisar e compreensão do jogo no contexto em que está inserido).

Todavia, isso não significa que seja algo negativo; somente que a professora precisa compreender essa manifestação e lidar com ela usando o diálogo constante. Além disso, o silêncio é necessário para que os alunos possam ter suas palavras e histórias ouvidas. No entanto, ainda não compreendem esse processo. Ademais, o tema era muito desejado, e a criança costuma se expressar com o corpo, se movimentar, e esse comportamento não é bem aceito na escola.

Diante da agitação, a professora costumava esperar em silêncio e quando não era suficiente, chamava a atenção das crianças que ainda estavam correndo ou conversando, como apontado anteriormente. Contudo, no Diário de Aula 22, vendo que a estratégia de juntar duas turmas para que apresentassem como foi a visita ao estádio para a turma que ainda não tinha ido, ela precisou adaptar. Fez uma apresentação rápida das fotos e vídeos do passeio e voltaram para a sala.

*[...] No início da explicação deles os alunos ouviram, mas logo a gritaria começou novamente e ficou insuportável continuar ali na sala da outra turma. Eram muitas crianças e já não dava para ouvir o que os meninos estavam falando sobre a visita. Decidi terminar ali a apresentação e levar eles para a sala, enquanto a outra turma ficaria com a professora que já estava ali com eles (D. A. 22).*

A bagunça, que é motivo de preocupação para a professora, também diz respeito ao formato da escola. Nem sempre é possível fazer as coisas como foi planejado, como foi o caso relatado no Diário de Aula 22. O plano era apresentar as fotos para os alunos da turma primeiro e, somente depois, fazer a apresentação para a outra turma, mas o computador da sala não funcionou e a adaptação feita não foi a

melhor, especialmente por conta do grande número de alunos que ficou na sala quando as duas turmas foram juntadas.

Além disso, existe um comportamento que se busca ter das crianças, que elas sejam dóceis e possam aprender o que se deseja que aprendam, o que tem valor para a sociedade, que é a disciplina. “A disciplina tornou-se um método indispensável de controle minucioso dos corpos, evidenciando um binômio de docilidade/utilidade, esquadrinhando o espaço, o tempo e os movimentos” (Souza; Neira, 2014, p. 113).

E esse mecanismo disciplinar incide tanto nas crianças quanto nos professores (Bujes, 2001) e faz com que estes últimos se preocupem constantemente em manter a ordem. No Diário de Aula 03, por exemplo, a professora fala da fila, destacando que não costuma organizar as crianças dessa maneira quando estão se deslocando pela escola, o que pode incomodar o ambiente que busca o silêncio. Isso fica evidente quando vão visitar o estádio de futebol.

*As crianças entraram correndo e querendo olhar tudo e o homem falou “fica tranquila que nós aqui já fomos crianças também e sabemos como é”. Isso me deixou bem melhor, pois estava muito preocupada com a bagunça que eles estavam fazendo (D. A. 18).*

Existe uma permanente sensação de que alguém está vigiando e a professora não consegue se desligar. São mecanismos de controle que visam garantir a disciplina (Souza; Neira, 2014).

Assim, “[...] as pessoas distribuídas em diversos tempos e espaços, por meio das redes invisíveis, não conseguem saber quando estão sendo vigiadas, por isso, internalizam a disciplina e esta acaba ganhando ares de naturalidade” (Souza; Neira, 2014, p. 111).

A citada atitude compreensiva da pessoa que trabalha no estádio deixou a professora mais tranquila quanto à disciplina que ela tem internalizada. Essa curiosidade de tocar e ver tudo do espaço traz outras leituras da experiência e faz com que cada pessoa envolvida signifique aquele momento de uma forma diferente. A professora tem suas expectativas com relação ao que deseja que as crianças aprendam naquela experiência, mas isso escapa ao seu controle. As crianças aprendem muito mais do que a professora consegue prever. Inclusive, no CCEF, esse momento é identificado como ampliação.

Em termos metafóricos, ampliar é ir além dos limites do conhecimento que os alunos e docentes acessaram em meio à cultura. Ampliar tem relação com interagir com saberes muitas vezes não selecionados previamente pelo professor (Neira; Nunes, 2022, p. 153).

E era isso que estava acontecendo naquele momento, as crianças estavam explorando o ambiente novo, o vestiário e o espaço de musculação do estádio de futebol, e queriam tocar em tudo. Curiosas com o incomum que se apresentava, queriam saber além do que era mostrado e permitido.

O campo existencial é o campo de oportunidades para conhecer. Pensando na curiosidade, podemos dizer que ele é um campo gerador de curiosidades e descobertas, e que, se for amplo, será repleto de possibilidades e novas significações (Souza; Donadel; Kunz, 2017, p. 8).

Essa curiosidade impulsiona um novo saber, a experiência que não se pode prever e que amplia o conhecimento da criança além das expectativas da professora ou até foge do tema que estavam estudando.

A professora também estava num espaço que não conhecia e, diante das regras sociais, ficou apreensiva, mas na fala daquela pessoa aprendeu que isso não era um problema ali. Não são só as crianças que aprendem no processo de ampliação; a professora também amplia seus conhecimentos.

Assim, a experiência no CCEF, embora desafiadora, tem um grande potencial de romper barreiras e trazer novos aprendizados tanto para a professora quanto para as crianças que participam do processo. E por ser nosso jogador sem tanta experiência no “jogo da escola”, vamos considerá-lo em seguida.

Dessa maneira, procuramos analisar o que se destacou nas preocupações da professora, suas adaptações e conceitos para entender melhor esse *jogo* do CCEF para uma pessoa que não tem o hábito de seguir essa pedagogia. Dificuldades vêm de todo lado: a rotina escolar, materiais inadequados, a expectativa com o aprendizado dos alunos, a burocracia da escola, e foi adicionado um elemento que instaurou uma instabilidade, uma crise, que é essa nova forma de pensar a educação física na escola, o CCEF, que apresenta muitos desafios.

Na sequência, vamos apresentar como as crianças deste segundo ano interagiram nas aulas, a partir dos diários de aula, ou seja, por meio da reflexão e do registro realizados pela professora.

## 4.2 OS JOGADORES DESAFIANTES: SER CRIANÇA E ARTISTAR SEUS PRÓPRIOS CAMINHOS E APRENDIZAGENS.

As crianças são o foco de todo este *jogo*; é com elas que a professora joga e encontra significados para suas ações. Entretanto, não se pronunciam neste trabalho de forma direta, estão capturadas nas palavras e nos registros da professora-pesquisadora. Nos Diários de Aula, os alunos são descritos como agitados e não colocam em palavras o que pensam sobre o que estão estudando. Constantemente desafiam a professora a pensar e a refletir sobre suas próprias ações.

Aquilo que a professora lê como bagunça pode ser também uma forma das crianças demonstrarem seu descontentamento e quebra de expectativa. A desordem e a indisciplina são também a forma com que a professora entende o comportamento das crianças nos momentos da aula, o que para ela é diferente.

Mas é aí que está o *jogo*, não de uma pessoa só, mas dessa interação que gera significados para as duas partes. No entanto, aqui temos o relato da professora-pesquisadora e, a partir deste, podemos ver a necessidade do silêncio para ela e o quanto isso influencia em suas ações. Alguns desses momentos de agitação na sala fizeram com que ela buscasse as áreas abertas.

*Nessa aula eu tinha planejado ficar somente na sala e fazer a conversa que fizemos, mas eles estavam tão agitados que fiquei desconfortável de continuar na sala (D. A. 01).*

*Faltava 15 minutos para a aula terminar e as crianças estavam bem agitadas por ainda não termos saído da sala, então falei para eles que íamos sair para a área das quadras (D. A. 12).*

*Eu pretendia ficar na sala um pouco mais e conversar sobre a pesquisa, o que chamou a atenção deles, mas estavam agitados demais e preferi sair para continuar os estudos (D. A. 13).*

*Na aula de hoje eu tinha planejado conversarmos sobre a pesquisa deles e falar do posicionamento da defesa e do ataque no futebol, mas eu não consigo ficar muito tempo na sala quando eles estão muito agitados. Eu começo a ficar agitada também e preciso sair da sala (D. A. 13).*

Fica evidente pelos excertos apresentados que a professora não se sente confortável dentro da sala quando os estudantes estão muito agitados, e busca na quadra e nos espaços externos um alívio para essa agitação que começa neles e se estende até ela. Tanto que nas aulas com predominância nos espaços externos, essa reclamação sobre a agitação das crianças pouco aparece. Isso pode se dar porque

no espaço externo as crianças fazem mais silêncio ou porque essa agitação é melhor aceita pela professora-pesquisadora, já que este é o seu local de preferência para trabalhar.

O diálogo é muito importante e, para que aconteça, é necessário que as crianças ouçam a professora e os colegas, mas a bagunça pode atrapalhar bastante, como por exemplo no Diário de Aula 11, em que os alunos precisavam fazer uma entrevista com as pessoas da escola. A professora tinha que explicar como seria a pesquisa e, depois da explicação, algumas crianças ainda não tinham entendido o que era para fazer e começaram a responder o questionário elas mesmas.

*A Monica 2 e a Bia 1, mesmo depois da minha explicação ainda não tinham entendido que a entrevista era com os adultos e estavam fazendo com elas mesmas (D. A. 11).*

Outras entrevistaram a mesma pessoa, sendo que foi explicado que não era para repetir as pessoas entrevistadas. Não se pode atribuir exclusivamente à agitação delas, mas não é possível descartar essa possibilidade. A explicação pode não ter sido clara o suficiente, ou até não conseguiram prestar atenção. Porém, ficar saindo do lugar, gritando e conversando, certamente não ajudou.

Em alguns momentos, o silêncio e a atenção são necessários, especialmente para atender às diferentes formas de aprendizado das crianças. Não um silêncio que imobiliza o pensamento, mas que seja organizado o suficiente para que os alunos possam se expressar e também ouvir. Um silêncio ativo que não busca oprimir quem se coloca na condição de não falar, mas de se colocar atento ao que o outro fala. Até mesmo porque algumas crianças vão precisar de uma atenção maior e individualizada.

Em outros momentos, a agitação se dava pela necessidade de compartilhar suas histórias e não conseguiam levantar a mão e esperar sua vez de falar. Histórias essas que apareciam de forma espontânea e eles precisavam contar, algumas com relação mais direta ao que estavam conversando e outras que pareciam mais aleatórias, com o diálogo sendo gatilho para que lembrassem do acontecimento e precisassem compartilhar.

*Falei das brincadeiras que fizemos na aula passada e perguntei se elas parecem mesmo com futebol. Então o Paquetá 1 fez outra observação, que o goleiro pode usar a mão. O Cristiano Ronaldo já completou falando que se*

*usar a mão é pênalti e as outras crianças começaram a sair do lugar e querer ir me falar alguma coisa relacionada ao que estávamos conversando. Tive que relembrar a regra de levantar a mão quando querem falar. O Ronaldo Fenômeno já lembrou que não pode dar carrinho. Outra criança já falou que pode levar cartão amarelo ou vermelho. A Gabi falou que o goleiro pode pegar a bola com a mão e sair correndo para jogar para alguém. Eu precisei chamar a atenção das outras crianças para ouvirem quem estava na vez de falar e esperar sua vez (D. A. 04).*

Por mais que a professora tenha pedido que se organizassem para falar e ouvir, é possível ver no relato que as falas das crianças têm relação entre si, indicando que estão ouvindo o colega. A função da professora nesses momentos é mediar esses diálogos, problematizar e escutar. “Não é suficiente falar, é necessário ter alguém que escute, olhe, toque, sinta, sensibilize-se com aquilo que é apresentado pelos coletivos e sujeitos” (Lopes; Santos Júnior, 2022, p. 8).

Os momentos de conversa nas aulas precisam ser um espaço para as crianças dizerem suas palavras, se manifestarem e serem ouvidas, uma prática necessária e prevista no CCEF e uma forma de “interromper a estrutura que alimenta a cultura do silêncio” (Lopes; Santos Júnior, 2022, p. 4).

*[...] Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com que silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à cessa dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser (Freire, 1981, p. 40-41).*

A professora é quem detém o poder na sala de aula numa estrutura tradicional<sup>13</sup> e, para romper com essa estrutura que silencia na busca por uma educação libertadora, precisa fazer uma escuta mais sensível das palavras que estão sendo ditas.

*Foi quando o Messi começou a relatar um lance do jogo que aconteceu com ele, que ele recebeu uma assistência do Cristiano Ronaldo e ele fez o gol. Não dei muita atenção e continuei tentando falar do que precisamos melhorar. [...] O Cristiano Ronaldo pediu a palavra para contar um lance que aconteceu com ele driblando os colegas. Percebi a necessidade deles contarem o que aconteceu com eles e falei para que contassem um lance deles e para falar é preciso levantar a mão e esperar a vez.*

---

<sup>13</sup> Como apresentado anteriormente, a estrutura da sala ainda é muito tradicional, como as carteiras enfileiradas de frente com a lousa.

*O Ronaldinho Gaúcho levantou a mão e contou o lance dele, uma história do jogo. O Sonic contou uma história que aconteceu com ele no jogo anterior (D. A. 06).*

As histórias trazidas pelas crianças serviram de registro para a aula e mapeamento, pois acabavam mudando o rumo do que estava acontecendo ou mesmo do que havia sido planejado. Como o que ocorreu no Diário de Aula 06, quando a professora não tinha dado atenção às narrativas das crianças, mas percebeu que aquilo era importante para elas e buscou incorporar na conversa que estavam tendo, mesmo que não visse uma relação direta com o assunto discutido no momento.

*O dizer a palavra, especialmente das crianças, jovens, adultos e idosos, é que possibilita o caminhar do percurso, é o enunciado deles e delas que constrói a tematização, pois a partir das vozes discentes o próximo encontro é pensado, planejado e organizado (Lopes; Santos Júnior, 2022, p. 7).*

Também tinham os gritos de gol quando assistiam vídeo ou gritos de torcida quando o nome de alguma equipe de futebol era mencionado.

*[...] mostrei um vídeo que era uma entrevista com a Marta de 6 minutos em que ela falou um pouco da infância dela. [...] No início do vídeo as crianças fizeram silêncio, mas toda hora que mostrava ela jogando futebol elas ficavam mais agitadas e em alguns momentos gritavam de ver os gols dela (D. A. 16).*

*A primeira coisa que eles notaram foram os nomes dos times e um grupo se juntou no fundo da sala para gritar Corinthians (D. A. 12).*

Era uma agitação que vinha do desejo de jogar futebol e de expressar o quanto gostam desse esporte nesses casos. Nem todas crianças se expressavam assim, ou gostavam tanto de futebol, mas aquelas que gostavam precisavam mostrar o quanto era importante o futebol e faziam isso com gritos de gol ou de torcida.

Ao pesquisar a expressão “criança agitada” no Google, muitos artigos e páginas apareceram e todos relacionando criança agitada a hiperatividade ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Não é este o foco deste estudo, pois acredita-se que muito dessa agitação decorre da vontade de falar sobre o esporte que tanto gostam e de alguns princípios ainda não compreendidos sobre a importância de ouvir o colega, para o que é necessário um silêncio ativo<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Mudando o nome temos o objetivo de diferenciar esse silêncio para escutar o outro do silêncio que vem da cultura do silêncio e que busca objetivar o outro.

Como apresentado anteriormente, a infância é vista pelo adulto como um outro diferente, e aqueles que têm comportamento que saem da expectativa dos adultos acabam sendo designados como problemáticos, como é o caso das crianças agitadas que acabam sendo rotuladas como hiperativas (Barbarini, 2019).

A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher (Larossa, 2013, p. 184).

Ao mesmo tempo, essa infância é um enigma que nossa sociedade não consegue compreender completamente, pois esses estudos partem da visão do adulto, que não pode capturar integralmente a essência da infância, que é diferente e escapa de seu entendimento (Larossa, 2013). O adulto vê alguns destes comportamentos infantis de forma negativa, como um problema e às vezes até como uma doença que deve ser curada, inclusive com o uso de remédios (Barbarini, 2019).

Aqui, no entanto, reconhecemos esse comportamento como algo diferente, que desafia o adulto a repensar e buscar novas alternativas nessa relação, pois a agitação que aparece e que tanto incomoda a professora é também a expressão das crianças frente ao que estão estudando e que o mundo adulto ainda repele e tem dificuldade de capturar.

Um exemplo é a fala do Ronaldo Fenômeno no Diário de Aula 22, quando a Marta 2 fala “que não importa quem ganha ou quem perde, que o importante é jogar e se divertir”. Isso reflete palavras que a professora falava durante algumas aulas, principalmente quando tinha jogo. Mas ele faz outra leitura “[...] ganhar ou perder não importa, que é uma brincadeira para eles aprenderem para quando eles chegarem numa Copa poderem jogar direito e ganhar”.

Por mais que a professora fale da importância da participação, muitas das suas aulas, como vimos no capítulo anterior, valorizam o esporte de rendimento e esta foi a leitura do Ronaldo Fenômeno. Ele foi além do discurso verbalizado pela professora e relacionou algumas ações com o que ele vê na realidade dele, na sociedade que o cerca e valoriza a vitória. Tanto que no Brasil existe uma tendência de demitir os técnicos de futebol quando perdem jogos, já que ninguém está ali para se divertir e participar, principalmente no esporte de alto rendimento ou esporte espetáculo.

Cada criança teve um entendimento e uma contribuição para as aulas, e foi fundamental a professora não ignorar o que eles traziam e incorporar nas aulas. Como foi o caso quando o Ronaldinho Gaúcho trouxe algumas questões na 13ª aula. A professora começou falando que “precisamos aprender mais sobre o futebol”, e o Ronaldinho Gaúcho começou a levantar várias perguntas que novamente mudaram o planejamento da professora:

*Aproveitei o que o João disse e pedi que se mais alguém tivesse outra pergunta ou dúvida, que falasse, para eu colocar na lousa para podermos pesquisar melhor depois (D. A. 13).*

*Essa conversa que tive com eles ajudou a trazer outros elementos para as próximas aulas (D. A. 13).*

Nessa aula, muitos outros temas apareceram, e na 15ª aula, a turma fez uma pesquisa na sala de informática sobre o que foi perguntado em aula anterior (13ª aula). Na 16ª aula, puderam compartilhar o que foi pesquisado com o auxílio de *slides* que a professora preparou. O que se pode observar nessas aulas é chamado de aprofundamento no CCEF.

Aprofundar [...] é, adentrar no “submundo” da cultura e compreender as forças que produzem a prática corporal que, muitas vezes, discentes e docente ou até mesmo os próprios representantes da manifestação desconhecem (Neira; Nunes, 2022, p. 153).

Esse aprofundamento, que partiu de questões dos alunos e usou a pesquisa como ferramenta, trouxe novos textos para o debate. Perguntas genuínas, como: quem criou o futebol? Será que o Pelé Jogou no Santos porque o pai dele jogou no Santos? Qual a história do Pelé? Por que o Brasil tem os melhores jogadores de futebol? Quem decide quem é o melhor jogador? Muito debate surgiu por conta dessas indagações e dúvidas e tanto as crianças como a professora-pesquisadora puderam aprofundar seu conhecimento sobre o tema.

No caso acima, os questionamentos foram verbalizados pelas crianças, mas alguns temas aparecem sem essa fala direta. A diferente relação dos meninos e das meninas com o futebol, que muitas vezes está marcado por ser típico do mundo masculino, é percebida em vários momentos.

Na 1ª aula, quando a professora pergunta quem gosta de futebol, a Tamires fala que não gosta. Na sequência, a professora propõe uma atividade em grupo para

listar alguns materiais que são usados para jogar futebol e uma outra menina, a Letícia, quando questionada se não vai fazer o grupo, respondeu: “eu não quero jogar”. Aqui, ela não tinha entendido a proposta, que não era o jogo, mas uma conversa sobre os materiais que são utilizados. Isso mostra que, apesar de não ter pronunciado que não gosta de futebol, com essa fala ela deixa claro que não quer jogar e tenta se afastar da atividade.

Não é coincidência que foram meninas que tentaram se afastar do futebol. O que começou em 1941, com o Decreto Lei n.º 3.199 (Brasil, 1941), que proibia as mulheres de praticarem esportes, inclusive o futebol, encontra eco até os dias atuais. Historicamente, na sociedade atual, o futebol se aproxima mais do mundo masculino, mesmo que já esteja sendo praticado por mulheres profissionalmente e em momentos de lazer.

Muitas vezes, o futebol está ligado a uma imagem de virilidade, praticamente um ritual em que os meninos mostram que cresceram e já são homens. E “essa imagem do esporte continua afastando as mulheres de sua prática” (Souza; Altmann, 1999, p. 59), mesmo que gradativamente isso venha mudando. É papel do(a) professor(a) atuar para inserir as meninas no futebol e continuar essa transformação, como fez a professora da pesquisa.

Na 3ª aula, quando a proposta era fazer chute a gol, “*4 meninas foram sentar na arquibancada falando que não queriam jogar*” (D. A. 03). Esse foi o primeiro momento em que tiveram que fazer uma atividade mais próxima do tema futebol, e já teve uma recusa por parte de algumas meninas, o que mostra um repúdio em relação a essas práticas. “A auto-exclusão é um comportamento vivenciado por muitas meninas que, com esta atitude, acabam por manter e conservar a valorização da capacidade masculina na sociedade” (Pereira, 2004, p. 29).

Mas não era tão forte essa recusa, pois a professora-pesquisadora foi conversar com elas sobre a importância da participação e aceitaram fazer a atividade que estava sendo proposta pelos colegas.

Na hora de fazer grupos, na 2ª aula, as crianças se organizaram por gênero, meninos com meninos e meninas com meninas, e as brincadeiras dos meninos usavam os pés, enquanto os grupos de meninas usavam as mãos.

A educação escolar favorece os agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e/ou rituais que vão incutindo nas crianças a idéia de separação de meninos e meninas. A habilidade demonstrada nos

esportes em nossa cultura, ainda é tida como coisa de homem, este tipo de compreensão, referenciada na cultura corporal, deve ser desmistificada pela escola (Pereira; Mourão, 2005, p. 209).

Desde muito pequenos, eles aprendem estes papéis de gênero em suas casas, na escola e por afinidade definida por essa identidade culturalmente construída. Esses grupos com vivências semelhantes acabam se formando nos momentos de brincadeiras, no recreio e em outras oportunidades em que eles podem se organizar.

E foi observando essa separação “espontânea”<sup>15</sup> das crianças, através dos registros e dos Diários de Aula, que a professora foi elaborando estratégias para mudar essa organização a fim de ter maior interação entre meninos e meninas. Na 3ª aula, quando um grupo fala de fazer um jogo, a ideia deles era fazer meninos contra meninas, de tão internalizada que está essa separação.

*Ele disse que aquela brincadeira era o treino, mas o que eles queriam era o jogo e que precisava ser os meninos contra as meninas (D. A. 03)*

*[...] Chamei a atenção delas para que pudéssemos fazer essa divisão das equipes.*

*Uma menina já falou que devia ser menino com menino e menina com menina, mas a Lana já discordou e falou que devia ser um menino, uma menina, um menino, uma menina.... Entramos no acordo que precisava misturar meninos e meninas para o jogo (D. A. 05)*

Em um outro estudo, com alunos de sexto ano, a professora-pesquisadora Ana Cristina G. Pereira teve um apelo diferente de suas alunas, que queriam a separação de meninos e meninas no jogo, não queriam jogos mistos.

A justificativa, baseada num viés físico/corporal, era pautada na menor chance de as meninas se machucarem, sendo esse um dos principais argumentos de quem defende a separação de meninos e meninas conforme o Esporte (Pereira, 2020, p. 95).

O que corrobora um estudo de Pereira e Mourão, de 2005, que ao observar as crianças, perceberam que elas se dividiam em grupos de mesmo sexo na hora de brincar. E esse comportamento vai ficando mais evidente nas crianças mais velhas.

---

<sup>15</sup> A palavra espontânea está entre aspas, pois sabemos que a influência cultural está fortemente presente nas crianças através da educação familiar, religiosa e da própria escola (Pereira, 2004; Sousa; Altmann, 1999); portanto, falar em espontânea seria ignorar tal influência cultural de gênero.

Quando pequenos costumam brincar mais juntos e conforme vão ficando mais velhos, vão se separando mais.

Segundo Pereira e Mourão (2005, p. 208), “Meninos acham que as meninas atrapalham e meninas acham que meninos são violentos, não há harmonia nas práticas corporais, e as necessidades e os desafios já não são mais os mesmos”. Quanto mais tempo eles passam interiorizando esse pensamento, fica mais difícil de mudar e isso justifica a preocupação da professora em suas aulas.

*Vejo isso ocorrer com os mais velhos e tenho que fazer um esforço muito grande para que as meninas participem. A desigualdade de habilidades que vão sendo construídas durante os anos vai afastando elas ainda mais desse protagonismo nas aulas, principalmente quando o tema é futebol e o professor não insiste na participação delas no jogo (D. A. 14).*

As crianças vão seguindo sua vida escolar dentro de um ambiente que busca disciplinar essa infância e colocar meninas e meninos em seus lugares culturalmente determinados. Sem a compreensão de que essas forças existem, uma cultura do silêncio e as identificações de gênero que distanciam meninos e meninas de oportunidades comuns da cultura corporal vão se naturalizando.

O CCEF vem auxiliar na discussão e reflexão sobre os jogos de poder que são parte da nossa sociedade e muitas vezes nem se sabe que está lá. A seguir, vamos compreender melhor como essa pedagogia se apresentou no contexto, como foi esse jogo na práxis.

#### 4.3 JOGANDO COM O NOVO QUE VEM DO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Todo jogo da professora-pesquisadora com as crianças aconteceu durante as aulas de educação física baseadas na proposta do currículo cultural, que é novo para ambos os jogadores e, por ser o objetivo desta pesquisa, vamos analisar como os elementos pedagógicos desse currículo apareceram e foram essenciais para este trabalho acontecer.

Esse é o jogo e as regras, princípios e metodologia, já foram explicadas em capítulo anterior, mas existe um

[...] paradoxo de atuar numa escola que emprega mecanismos sofisticados para homogeneizar um público cada vez mais heterogêneo. A esse cenário acrescentam-se os efeitos de uma sociedade multicultural, globalizada e marcada pela hegemonia do *ethos* neoliberal (Neira; Nunes, 2022, p. 6-7).

Essa escola municipal também tem suas regras e o referencial teórico inspirado na BNCC busca homogeneizar, enquanto o CCEF tem princípios que orientam para um trabalho mais único e personalizado, que parte da observação da comunidade escolar e tudo que a cerca para escolher o tema a ser trabalhado e os rumos que o trabalho vai seguir. Não existe uma sequência pedagógica ou um planejamento detalhado a ser seguido; não se determina habilidades ou competências que as crianças de cada ano devem aprender e qual é o momento de isso acontecer (Neira; Nunes, 2022; Freitas; Nunes; Neira, 2016). Tudo depende da leitura que a professora, juntamente com os alunos, irá fazer do universo de temas que emergem no dia a dia da escola.

Um procedimento metodológico que apareceu desde o início do trabalho na escola foi o mapeamento. Antes mesmo de escolher o tema futebol, a professora já estava trabalhando com as crianças e buscou se sensibilizar com o que eles falavam e traziam para as aulas.

Na primeira aula, quando voltaram das férias, *“Um menino veio me mostrar a chuteira nova”* (D. A. 01), o que fez a professora se sentir mais confiante pela escolha do tema futebol. E a primeira atividade era mapear os significados quanto ao que iriam estudar, conversando sobre a copa do mundo de futebol feminino que estava acontecendo, perguntando quais crianças gostavam de futebol, quais materiais e espaços eles precisavam para jogar este esporte.

O mapeamento “é tanto a porta de entrada do fazer pedagógico do currículo cultural como aquilo que permite aos envolvidos traçarem o caminho da tematização” (Neira; Nunes, 2022, p. 100). O tema foi escolhido a partir do que a professora-pesquisadora observou durante o ano e o fenômeno da copa do mundo que estava acontecendo. Todo seu trabalho na escola foi planejado de uma forma que seguiu rumos diferentes, pois os acontecimentos iam sendo registrados, ressignificados e viravam mais dados a serem mapeados, guiando as ações para outro lado.

O primeiro planejamento aconteceu antes, e a todo encontro com as crianças era necessário alinhar os rumos para seguir as novas coordenadas. Já na segunda aula, a professora pediu.

*[...] que eles fizessem grupo de 5 pessoas e que cada grupo fizesse uma brincadeira que lembrasse o futebol (que tenha a ver com o futebol). Eu não tinha planejado fazer assim, queria fazer o futebol direto, mas diante do pouco tempo que tínhamos, resolvi improvisar e no final achei que foi uma boa ideia (D. A. 02).*

O excerto acima mostra que o planejamento da professora era diferente do que fez na aula: ela queria fazer o jogo de futebol com as crianças, mas a realidade fez com que precisasse adaptar. Tinha pouco tempo, que é uma queixa constante nos diários de aula e, como tem grande experiência, soube improvisar uma atividade que fosse tão relevante quanto ou até mais relevante do que tinha planejado.

Ao propor que as crianças fizessem uma brincadeira parecida com o futebol, ela pôde mapear o que as crianças entendiam por futebol, o que era essencial ao esporte que estavam estudando e aparecia nos jogos que as crianças fizeram. Também pôde ver como as crianças se organizavam em grupo, meninos com meninos e meninas com meninas, além de ser uma grande oportunidade para que pudessem problematizar mais o futebol nas aulas seguintes.

O planejamento de ensino precisa ser escrito e reescrito constantemente, assim, é indicado que o docente reconheça previamente os conhecimentos trazidos pelos estudantes sobre o objeto de estudo e que esse movimento se constitua num mapeamento/ cartografia que no decorrer do percurso formativo elucidará múltiplas conexões com outras temáticas, outros conteúdos e “áreas do conhecimento” (princípio da conexão e heterogeneidade). Entretanto é impossível prever todos os passos a serem seguidos. Só se saberá o caminho ao caminhar (Freitas; Nunes; Neira, 2016, p. 38).

Existe um planejamento prévio elaborado pela professora-pesquisadora, antes de entrar em contato com as crianças na primeira aula, que já tinha algumas ideias do que iria fazer, só que, ao iniciar seu caminho, os rumos precisaram ser refeitos.

A escola é um espaço de lutas por sentidos, portanto, não há como participar dessa luta sem que tenhamos com o que lutar, sem planejar as nossas ações, sem ter objetivos. Planejar o ensino é, antes de tudo, um compromisso político (Freitas; Nunes; Neira, 2016, p. 32).

E esse planejamento foi se refazendo como na metáfora da capoeira indicada anteriormente: no jogo da professora com os alunos, ela executa seus movimentos e, diante do que as crianças falam e fazem, ela se prepara numa próxima aula para

trazer outras interações e outras formas de abordar o tema. Isso só é possível por conta dos registros feitos nos diários de aula.

*O que tem me ajudado é fazer esse diário, pois é o momento que posso pensar de uma forma mais aprofundada sobre minha prática e refaço os planos para as próximas aulas de acordo com o registro que vou fazendo em vídeo, em áudio e o próprio diário (D. A. 07).*

*Ontem eu tinha refeito o planejamento das próximas aulas, mas com esta última atividade que veio do que eles estavam fazendo, me fez repensar e replanejar a próxima aula (D. A. 08).*

Os registros nos diários de aula foram feitos pela professora-pesquisadora, e sua interpretação da situação acabou prevalecendo. Somente no diário de aula 19 teve um registro feito pelas crianças: o desenho sobre a visita ao estádio de futebol e ali chama a atenção para o que a Monica 2 desenhou, que foi o bebedouro. Como afirmam Freitas, Nunes e Neira (2016, p. 36), “[...] podemos até tentar controlar aquilo que ensinamos, mas é virtualmente impossível controlar o que alguém aprende. O aprendizado escapa a qualquer controle”.

O tema da professora era o futebol e queria que os debates fossem sobre esse assunto, mas o desenho de Monica 2, tendo o bebedouro como foco principal, frustra a expectativa da professora-pesquisadora. O que ela queria ensinar não foi o que a menina aprendeu ou deu valor, ela fez uma outra leitura da experiência.

Apesar de esse momento poder ser interpretado como ampliação, que é um procedimento metodológico muito importante do CCEF, é necessário mencionar que “[...] ampliação permite a partilha, o acesso a outros saberes e, principalmente, a insurreição daqueles saberes que foram colocados à margem para indicar o caráter das lutas, estimulá-las, potencializá-las” (Neira; Nunes, 2022, p. 173).

Não é possível prever tudo o que as crianças aprenderam com a visita ao estádio ou com a conversa com a funcionária da escola que já jogou futebol profissionalmente. Ambos se caracterizam como momentos de ampliação. Cada criança tem sua forma de aprender e o seu tempo. Algumas crianças chamaram mais a atenção trazendo vários temas para reflexão, como foi o caso da 11ª aula, em que as crianças foram entrevistar os adultos da escola e, no retorno para a sala,

*[...] Ronaldinho Gaúcho estava com um álbum de figurinha da copa do mundo masculina de futebol, ele achou na estante da sala e queria me mostrar. Então perguntei para ele e para a turma se eles tinham comprado o álbum de figurinha da copa do mundo feminina (D. A. 11).*

A professora-pesquisadora aproveitou a deixa para problematizar o álbum de figurinha, perguntado se eles tinham comprado o da copa do mundo feminina. A surpresa deles demonstrou que não sabiam que existia um feminino também, mas nem todos se interessaram pela conversa que se seguiu, acerca da diferença dos papéis da mulher e do homem na sociedade e o quanto um homem jogando futebol é mais valorizado do que uma mulher.

A professora falou do quanto a Marta e o Neymar ganham para jogar o mesmo esporte e que, apesar dos dois serem conhecidos mundialmente, ele ganha infinitamente mais, mesmo sem nem ter sido considerado o melhor do mundo, enquanto ela já ganhou vários prêmios como a melhor jogadora de futebol do mundo. Somente a Gabi e o Ronaldinho Gaúcho se mobilizaram para continuarem discutindo esse tema, enquanto os outros se dispersaram e começaram a conversar e correr para todo lado.

O que as crianças aprendem e quando aprendem é impossível de controlar, mas a professora-pesquisadora pode continuar problematizando para que eles tenham a oportunidade de entender essas forças de poder que movem ações e pensamentos na nossa sociedade.

Isso ocorreu antes mesmo do procedimento chamado de ampliação, que foi planejado pela professora para fazer emergir novos temas e conhecimentos sobre o que estavam estudando. Outros conhecimentos decorrentes da visita e da conversa com a ex-jogadora de futebol nem puderam ser tão explorados nos diários de aula, pois a entrevista ocorreu na aula 16 e a visita ao estádio na aula 18, sendo a 22ª aula a última deste projeto<sup>16</sup>.

Já o aprofundamento “[...] fortalece o seu acontecimento e escancara as portas para o enfrentamento da naturalização das coisas do mundo, desconstruindo discursos e significações que hierarquizam modos de ser, em qualquer tempo e lugar” (Neira; Nunes, 2022, p. 173).

Esse processo aconteceu de forma mais organizada e planejada durante a pesquisa que fizeram na sala de informática na aula 15. Diante das questões trazidas

---

<sup>16</sup> Isso evidencia outro aspecto importante no CCEF: a questão temporal. Nem sempre é possível dar conta de todo o conteúdo em um determinado tempo pré-definido. Muitos currículos têm destinado um mês ou um bimestre para se trabalhar um conteúdo específico, sem considerar a trajetória daquela turma e daquele docente.

na aula 13 pelo aluno Ronaldinho Gaúcho, foi necessário fazer essa pesquisa e, na aula da professora da turma, eles também assistiram ao filme do Pelé<sup>17</sup>, que foi uma demanda dos alunos e alunas. E a visita ao estádio também pode ser considerada uma atividade de aprofundamento.

Um outro tema que chamou a atenção é como a professora-pesquisadora se organizou para fazer esse trabalho único com a turma sendo que lecionava para mais outras 6 turmas. Como fazer esse trabalho por aproximação? A escolha foi tematizar o futebol com segundo e terceiro anos, e futsal com quarto e sétimo anos. Por serem temas próximos, o que acontecia com uma turma acabava influenciando o andamento da aula e o que acontecia com a turma que estava sendo estudada.

*Ao mesmo tempo que estou trabalhando futebol com esta turma, também estou com as outras turmas e muito do que acontece com os outros acabam também interferindo na aula desta turma. Uma das turmas reclamou do sol no campo de futebol e começamos a conversar sobre como é um campo de futebol e que eles nunca puderam ir num campo, só viram pela TV e mesmo os meninos que treinam futebol, só fazem isso em quadra. Isso me fez pensar em quanto seria bom eles visitarem um estádio de futebol e conhecer mais sobre este espaço (D. A. 03).*

Nos registros dos diários de aula, não estão descritas como foram as aulas com as outras turmas, mas é possível perceber que existe uma influência de uma turma na outra. O que ocorreu com uma acabou tendo consequências no que ocorreu na outra turma. A entrevista com a ex-jogadora de futebol na 16ª aula foi com as duas turmas de segundo ano, e o jogo no campo também foi com essas duas turmas; já a visita ao estádio foi junto com uma turma de terceiro ano. Nos momentos juntos, eles puderam compartilhar as problematizações e em outros momentos, como o que foi relatado na terceira aula, mudanças no planejamento foram necessárias para trazer outras atividades.

Nos relatos de experiência do GPEF-FEUSP também foi possível observar que os professores lidam com várias turmas e fazem aproximações nas aulas. Como é o caso da professora Aline Santos do Nascimento (2015), que desenvolve o trabalho com seis turmas, três de segundo ano e três de terceiro ano. As aulas são separadas, mas o relato é único sobre todas as salas e só algumas diferenças são exaltadas, as

---

<sup>17</sup> Por conta de ser aula simples e o ideal era não ficar interrompendo o filme, foi feita a escolha de assistir ao filme na aula da professora de classe da turma. Inicialmente, iria começar na aula de educação física, mas na aula escolhida teve um evento na escola e precisou ser adiado para outro dia.

pesquisas foram transformadas em tabelas e alguns pontos específicos, como o envolvimento de um professor com uma brincadeira que ele gostava quando era criança, e a conversa sobre preconceito.

Já um outro relato, faz aproximações de turmas que trabalham com crianças de anos mais distantes, como é o caso do trabalho de Ana Carolina Torres, Felipe Nunes Quaresma e Flávio Nunes dos Santos Júnior (2019). Nesse caso, foram envolvidas turmas do primeiro ao terceiro anos do ensino fundamental e uma de sexto ano, todas tematizando a dança, com os mais novos a partir do funk e os mais velhos a partir da ciranda. E num encontro das salas, eles misturaram o funk com a ciranda e uns ensinaram os outros.

Outros atravessamentos aconteceram, como na 12<sup>a</sup> aula em que conversamos na sala sobre as pessoas que foram entrevistadas pela turma e a maioria das mulheres entrevistadas disseram que não sabiam jogar futebol, mas ao sair da sala.

*[...] na quadra externa tinha somente meninas jogando futebol e o Ronaldinho Gaúcho logo veio falar que as meninas jogam sim e mostrou a quadra que estava cheia de meninas jogando e usando uniforme de time de futebol. Então eu falei para ele, que eu não estava dizendo na sala que as meninas não jogam futebol ou que não treinam. Eu estava falando que as mulheres da nossa pesquisa não sabem jogar e era isso que eu estava questionando. Acredito que vamos ter que voltar a perguntar para algumas delas porque elas não sabem jogar. E também falar da idade delas. Aproveitei o momento para perguntar se na quadra coberta as meninas estavam jogando e eles foram ver e perceberam que lá estava tendo vôlei e meninos e meninas jogavam juntos. Nas quadras eram professores e turmas diferentes (D. A. 12).*

As meninas jogavam somente com meninas na quadra, mas esse tema não voltou a aparecer nas aulas seguintes trazendo esse exemplo. Nem tudo a professora-pesquisadora consegue organizar para abordar diretamente. Na outra quadra, estava acontecendo um jogo de vôlei misto, esporte que muitas vezes está ligado ao universo feminino, e ali eles jogavam juntos, enquanto na outra quadra não. Essas são reflexões que não têm como ser aprofundadas, pois não se sabe muito bem como eram essas aulas e o encaminhamento de cada professor. No entanto, foi algo que chamou a atenção das crianças da turma do segundo ano.

Os registros influenciaram as aulas duplamente, tanto por servir de reflexão para a professora-pesquisadora e orientar seu planejamento e prática, quanto por ser um instrumento de pesquisa que tinha a leitura de outra pessoa, o orientador, que

alertava para alguns acontecimentos que a professora não percebia. Como, por exemplo, a palavra “treino”, que aparecia muito nos diários, e o questionamento sobre o porquê de já não separar os grupos, deixando-os mistos. Isso fez com que ficasse mais alerta para esses temas e buscasse, em algumas aulas, fazer essa separação.

Outros temas surgiram nas aulas, dos quais a professora teve consciência, mas não soube como abordar. Um exemplo é a questão dos times de futebol, que aparecia em muitas aulas e, apesar de aparecer nos registros e da necessidade que a professora sentia de abordar o tema, não sabia como fazê-lo.

*Peguei o papel que poderia ser usado para entrevistar quatro pessoas e expliquei cada uma das perguntas. Na hora que falei a última pergunta que é o time que torce, as crianças começaram a se organizar em times e formar uma torcida para o time deles (D. A. 11).*

*Algumas crianças começaram a cantar o hino do Corinthians e ficavam gritando no vidro para que as pessoas nos pontos de ônibus e andando na calçada ouvissem e pediam que dessem salve para o Corinthians (D. A. 18).*

Foi um assunto recorrente que não encontrou espaço para problematização nas aulas de forma direta. O tempo disponível é pequeno e é preciso fazer um recorte, mesmo que no currículo cultural não se especifique um dia para terminar de estudar o tema. Como pode ser observado na dissertação de Pedro Xavier Russo Bonetto (2016), que analisou onze professores diferentes que trabalhavam na perspectiva do CCEF em suas aulas, um dos trabalhos foi feito em nove aulas, enquanto outro necessitou de 72 aulas. A duração do trabalho depende tanto do professor quanto das crianças.

E por conta disso, é importante a professora-pesquisadora questionar se as crianças estão se envolvendo no que estão estudando, se algum outro tema está surgindo nas aulas e que pode ser abordado.

*Algumas crianças tinham feito pipa de papel de caderno e pediram para levar e brincar, eu deixei. No semestre passado quando eu estava trabalhando com brincadeiras tradicionais infantis, tivemos um dia da pipa e desde então eles estão sempre pedindo para soltar pipa e esse é um tema que posso abordar também. Não sei se insiro no projeto que estou trabalhando ou começo um outro tema para estudarmos (D. A. 12).*

Nessa aula, a pipa mostrou-se como uma possibilidade de tema a ser abordado depois do futebol. Ambos temas do universo masculino. Pereira e Mourão (2005), que foram usados como referência para falar de gênero, trazem o futebol e a

pipa como exemplos de brincadeiras do mundo masculino. Isso também pode nos trazer outras reflexões. Será que a professora prestava mais atenção para o que os meninos traziam? Será que as meninas não traziam nenhum tema a ser estudado nas aulas?

Muitas vezes, as meninas acabam sendo silenciadas no ambiente escolar e os temas que emergem delas ou são ignorados ou elas buscam se esconder e não se expor. Para promover uma mudança, é essencial reconhecer as forças que estão presentes nas aulas e eleger ações para combatê-las.

E a tomada de consciência que o CCEF proporciona a todos os envolvidos ficou evidente, mesmo em um trabalho de 22 aulas. O contato com sua metodologia de forma aprofundada, como ocorreu nesta pesquisa, desencadeou mudanças que ainda estão em curso. Por esse motivo, esse jogo com o CCEF vai continuar e, no próximo capítulo, serão apontados os caminhos.

## 5 O JOGO DEVE CONTINUAR

Esta pesquisa teve como objetivo analisar uma proposta de ensino na perspectiva do CCEF nos anos iniciais do ensino fundamental.

O CCEF possui processos pedagógicos e princípios que orientam o trabalho do(a) professor(a), mas não é uma receita ou fórmula a ser seguida. Para entender melhor como é essa escrita-currículo, é preciso observar o que cada professor(a) fez/faz em suas aulas.

Neste trabalho, escolhemos analisar os *jogadores* dentro do contexto do *jogo*, que é o próprio CCEF, no qual a *jogadora* mais experiente é a professora-pesquisadora, com suas expectativas, dificuldades e atribuições legais/ burocráticas. É ela quem prepara o jogo e faz o registro escrito no diário para que possamos acessar o que foi feito e discutido.

A partir do relato da professora-pesquisadora, foi possível abordar as dificuldades que ela teve na relação com seu diferente, as crianças, e com o próprio CCEF. Em muitos momentos, as crianças a desafiavam com agitação e muita conversa. Sua expectativa de falar e elas fazerem silêncio quando explicava era constantemente frustrada, e tentava chamar a atenção das crianças e organizá-las sem silenciá-las, buscando fazer com que entendessem os princípios que tornam necessário o silêncio para ouvir o outro e ser ouvido quando ao falar.

Muitas vezes, a agitação também aparecia por conta da expectativa das crianças de sair da sala e jogar futebol, algo que tanto queriam. Perguntavam várias vezes se iam para a quadra e demonstravam descontentamento ao permanecerem na sala de aula, com essa agitação sendo frequentemente relatada nos diários de aula pela professora.

A professora-pesquisadora tem sua história, suas dificuldades e expectativas. Tudo o que a guiou até aquele momento continua a se refletir em suas aulas. Sente-se incomodada com a agitação das crianças, e sua forma de lidar com isso as vezes é sair da sala com elas, pois se sente mais confortável na área externa (quadra, pátio da escola, campo de futebol etc.).

Outra influência marcante nas aulas é a do esporte de rendimento. Apesar dos esforços para focar o trabalho no futebol das meninas (como as crianças chamaram no diário de aula 01), este futebol tem ainda como referência o esporte de rendimento e espetáculo. A copa do mundo feminina é o modelo usado para dialogar com as

crianças e o marcador social que aparece é o da mulher que foi proibida de jogar futebol no Brasil na década de 1940 e, na atualidade, vem ganhando espaço neste esporte ainda marcado pelo masculino. No entanto, entre as crianças, o futebol continua sendo domínio dos meninos, que treinam e jogam com os amigos desde muito pequenos.

A expectativa da professora é ver as crianças jogarem mais próximo do futebol da FIFA e cobra delas que se espalhem mais no campo, que sejam mais cooperativas e passem mais a bola. Porém, as crianças jogam o que ela chama de futebol anárquico, em que todos correm atrás da bola e fica difícil de realizar o passe, privilegiando o jogo individual.

Os participantes das aulas, os estudantes, eram na maioria crianças de 7 e 8 anos, e esse era o jogo que elas conseguiam fazer naquele momento. Insistir para que façam diferente, joguem coletivamente, e não valorizar o que elas estavam fazendo naquele momento seria forçar uma situação para além do que elas estavam percebendo e sentindo necessidade para o jogo.

Mas as crianças não são meros participantes desse jogo; são os jogadores desafiantes, são crianças e artístam seus próprios caminhos e aprendizagens. Mesmo que a professora tenha sua metodologia de ensino – e esteja buscando aprender com a perspectiva do CCEF – e formas de ensinar, isso não determina o que e quando as crianças vão aprender.

Com sua agitação, mostram que não querem ficar na sala ou que querem falar e contar suas histórias, querem ser ouvidas e terem seus desejos realizados. Dentro deste jogo, elas fazem seus movimentos e, por meio do registro em diário, vídeos e áudio, a professora planeja formas de responder ao que eles trazem, colocando em constante questionamento suas crenças e experiências junto à novidade do CCEF, que são elucidadas nos diários de aula elaborados para esta pesquisa.

É possível observar que as crianças querem muito jogar futebol. Na hora de se agruparem, buscam aqueles que têm mais amizade e acabam formando grupos de meninos com meninos e meninas com meninas. A própria sociedade influencia nesses agrupamentos, pois desde muito cedo, as brincadeiras e os brinquedos são segregados por gênero.

É do domínio dos meninos a bola para o futebol, a pipa e a rua; é de domínio das meninas a boneca e os brinquedos que fazem referência a serviços domésticos, como fogão, panelas e geladeira, entre outros. Quando vão para a escola e se

deparam com a diferença, os alunos buscam conforto naqueles que brincam do que eles brincam, naqueles com os quais se identificam, seus semelhantes, e a única forma de mudar essa dinâmica é com ação educativa de professores e todos os agentes da escola. Cabe ao professor atento a tais questões intervir pedagogicamente para que as reproduções possam ser percebidas, questionadas e, eventualmente, modificadas ao longo do processo educativo nas aulas de educação física.

Esses dois jogadores, tanto o experiente quanto o desafiante, são possíveis de encontrar em todas as escolas, e o que difere nesse caso é a escolha do CCEF como o jogo a ser jogado por eles. Esse currículo de muitas possibilidades tem delineações espaciais e regras específicas.

Nesse contexto, não existe uma escolha de conteúdo antes do contato com as crianças e a comunidade. É preciso **mapear** as culturas corporais que as crianças trazem para a escola e para as aulas, assim como do entorno da escola. Somente assim o tema será escolhido, e a cada interação entre os jogadores, um novo planejamento vai se formando para orientar as próximas ações.

Para escolher o tema futebol, a professora-pesquisadora já percebia o grande desejo das crianças de jogar. Ela sabia que no ano anterior eles não tiveram essa possibilidade de estudar o tema. Na comunidade, esse é um esporte que aparece em vários espaços e escolinhas específicas – normalmente só para meninos – e com o evento mundial, a copa do mundo feminina de futebol, a professora aproveitou a oportunidade para tematizá-lo.

Outros elementos pedagógicos característicos do CCEF também apareceram nesse jogo. A **vivência** do jogo e das brincadeiras provoca a **ressignificação** do contexto e do tema que está sendo estudado, colocando as diferenças e expectativas entre estudantes-estudantes e professora-estudantes em evidência. A **leitura** se destaca nas aulas, com vídeos, e provoca outros diálogos e ressignificações, como a forma deles jogarem, que era diferente do que viam na copa do mundo, as mulheres que sofriam preconceito por jogar futebol, a diferença de salário entre a Marta, considerada a melhor jogadora de futebol diversas vezes, e o Neymar, que nunca ganhou esse título, mas ganha financeiramente muito mais que ela.

Essa leitura também se fazia necessária nos momentos de **aprofundamento**, quando as crianças realizaram pesquisa na sala de informática, entrevistaram adultos que trabalham na escola e visitaram o estádio de futebol da cidade. É possível falar desses procedimentos pedagógicos de forma separada, mas, no contato com a

escola, durante a escrita-currículo, é possível focar em um destes procedimentos, mas de alguma forma estão todos ali (mapeamento, registro, avaliação, leitura, ressignificação, vivência). Pode-se separar para um entendimento didático e elencar como principal, mas no momento da aula aparecem juntos e a todo momento.

Como o caso da **ampliação**, que foi foco na entrevista com a ex-jogadora de futebol que trabalha na escola, algo que tanto a professora quanto as crianças nem imaginavam, assim como na visita ao estádio. No entanto, também apareceu quando eles saíram da sala e viram que na turma de um outro professor de educação física da escola, somente as meninas jogavam futebol na quadra, enquanto os meninos só estavam assistindo. Ou no momento de aprofundamento, quando eles puderam acessar outros discursos durante as pesquisas e ampliaram seus conhecimentos.

O **registro** foi evidente e uma prática constante por parte da professora-pesquisadora, por meio dos diários de aula. O registro foi uma forma de avaliação e auxiliou constantemente no mapeamento que ocorreu desde o início do trabalho até seu final. Vale destacar que esta pesquisa utilizou o registro escrito da professora-pesquisadora nos dos diários de aula que foram produzidos após cada aula ministrada, servindo tanto como um instrumento de coleta de informações para a pesquisa quanto guia do trabalho docente que estava sendo realizado durante as aulas de educação física. Por conta disso, ficou muito focado no ponto de vista da professora-pesquisadora, mas o CCEF vai além e fala da importância de também ter registros elaborados pelas próprias crianças.

Algumas opções que o docente pode utilizar são: permitir que os alunos usem um celular para registrar acontecimentos da aula através de fotos e vídeos; incentivar a fazerem desenhos para expor o que aprenderam – no caso desta pesquisa, o desenho sobre a visita que fizeram ao estádio de futebol da cidade –; ou ainda manter um diário coletivo para os alunos escreverem suas impressões, sugestões e o que foi feito na aula, podendo ser um caderno que fica disponível para os alunos e que a professora acessa para ler o que eles colocam ali, e também ajuda no mapeamento orientando outros caminhos a serem seguidos.

O CCEF muitas vezes compara o(a) professor(a) ao artista que, ao criar sua arte, produz de forma coletiva algo único. Portanto, não é uma fórmula ou uma receita a se seguir; é algo que pode ser contemplado para inspirar novas iniciativas dentro da escola. Cada caso é uma trilha que foi percorrida dentro de uma floresta muito maior, onde as possibilidades são muitas e imprevisíveis. É preciso estar aberto às

oportunidades que aparecem no percurso, mesmo que nem sempre seja o ideal, mas é o melhor possível naquele momento e naquele lugar.

As adversidades são inúmeras no trabalho docente, e a realidade se impõe às vezes de forma branda, sendo possível contornar como, por exemplo, resolver problemas técnicos com alguns equipamentos que deixam de funcionar.

Outras vezes, a realidade se manifesta de formas mais agressivas como, por exemplo, quando surge uma peça de teatro que será apresentada no mesmo dia da aula de educação física-sem comunicação prévia à professora, inviabilizando o plano original daquela aula.

Ou até mesmo quando uma chuva impossibilita o uso da quadra, e outros professores já ocupam os demais espaços da escola. Esses são desafios constantes na escola que interferem no andamento do trabalho docente e dão um contorno diferente a cada currículo artístado. A experiência do(a) professor(a) conta muito para fazer as adaptações necessárias. A criatividade entra tanto na elaboração do que será feito, neste caso com tempo de pensar, quanto diante de um imprevisto que precisa ser resolvido rapidamente. Isso é algo que só se conquista com tempo, experiência, segurança com o trabalho que se realiza, apoio de outros profissionais da escola, escuta e observação atenta, humildade e confiança.

Foi possível verificar como é colocar o CCEF em prática nesta escola para essas crianças, mas muito ainda precisa ser melhorado e ampliado. Apesar do trabalho por aproximação entre as diversas turmas ter ocorrido na escola, esse não foi o foco desta pesquisa e é um tema que ainda merece novos estudos e que não foi possível contemplar, ficando como possibilidades para futuras pesquisas.

Outro ponto que acabou não sendo foco deste estudo, e poderia ter sido melhor observado nas aulas, são os princípios orientadores. Embora tenham sido considerados durante este trabalho, sua importância acabou não sendo plenamente explorada, e essa percepção só se deu após a conclusão da pesquisa, indicando uma limitação deste estudo.

Por exemplo, o princípio de reconhecimento da cultura corporal dos estudantes aparece no mapeamento inicial para a seleção do tema, mas não existe uma percepção da professora que aquele jogo que ela chama de anárquico também expressa isso e poderia ser mais valorizado se seguisse mais este princípio. Da mesma forma, o princípio de descolonização do currículo e o de evitar o daltonismo

cultural, poderia ter tirado o foco do esporte de rendimento e direcionado mais atenção aos futebóis possíveis naquele momento.

Esta pesquisa já aconteceu, e essas mudanças não são mais possíveis com aquela turma. No entanto, a professora-pesquisadora continua na escola e, assim, o jogo continua podendo ressignificar sua prática a partir da sua própria experiência e a de tantos outros professores, que continuam compartilhando seu currículo arte para inspirar todos aqueles que sentem necessidade de mudar sua prática na escola.

Retomando o que foi mencionado no início do texto, o propósito desta pesquisa não foi fornecer soluções para tudo o que envolve o CCEF, mas sim compreendê-lo melhor e avaliar sua aplicação na escola em que leciono. Que este estudo possa inspirar futuras pesquisas com a temática e que o jogo continue acontecendo, possibilitando outras problematizações e contribuindo para uma sociedade mais solidária com as diferenças.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História social das crianças e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBARINI, T. A. A polissemia da agitação: uma análise sobre a mediação de atores acerca dos comportamentos infantis agitados. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 11, n. 30, p. 01-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/download/69686/42172/246587> Acesso em: 6 fev. 2024.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora. 1999.

BONETTO, P. X. R. **A “escrita currículo” da perspectiva cultural de educação física**: entre aproximações, diferenciações, laissez-faire e fórmula. 2016. 250f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016b.

BONETTO, P. X. R.; NEIRA, M. G. A escrita-currículo da perspectiva cultural da educação física: por que os professores fazem o que fazem? **Educação**, v. 44, e11/1–16. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644433532>. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=Fixa%20as%20Diretrizes%20e%20Bases%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional.&text=a%20condena%C3%A7%C3%A3o%20a%20qualquer%20tratamento,de%20classe%20ou%20de%20ra%C3%A7a>. Acesso em: 3 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 58.130**, de 3 de março de 1966. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1966. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-58130-31-marco-1966-398761-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 3 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1971a. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 3 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 69.450**, de 1º de novembro de 1971. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1971b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 3 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 10.328**, de 12 de dezembro de 2001. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2001. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2001/lei-10328-12-dezembro-2001-426820-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10793-1-dezembro-2003-497217-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CANDAU, V. M.; LELIS, I. A. A relação teoria-prática na formação do educador. *In*: CANDAU, V.M. (Org.). **Rumo a uma nova didática**. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 1999. p. 56-72.

BUJES, M. I. E. **Infância e maquinarias**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

DAMO, A. S. Futebóis e palavras. *In*: SOUZA JUNIOR, O. M.; CARVALHO, R. S.; PRADO, D. (Org.). **Do futebol moderno aos futebóis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUfscar, 2023.

DARIDO, S. C. *et al.* **Educação física e temas transversais**: possibilidades de aplicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

DARIDO, S. C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 28-45. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

DARIDO, S. C.; GONZÁLEZ, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de educação física escolar. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 105-129. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf> . Acesso em: 18 jun. 2022.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da educação física na Escola. *In*: RANGEL, I.C.A; DARIDO, S.C. (Orgs.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1–24.

DUTRA, G. R. **Hoje a aula não é na quadra**: as tecnologias digitais na educação física escolar. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede

Nacional – ProEF) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Disponível em: [http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_16/irineu\\_engel.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf). Acesso em: 24 fev. 2023.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. Educação física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivivencia** (UFS), Florianópolis, v. 19, p. 27-37, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/9123/9549>. Acesso em: 18 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

FREITAS, J. P. A.; NUNES, H. C. B.; NEIRA, M. G. O planejamento de ensino em uma nova “paisagem social”. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, Curitiba, v. 2, p. 28-42, nov. 2016. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/freitas\\_nunes\\_neira.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/freitas_nunes_neira.pdf). Acesso em: 14 fev. 2024.

GOMES, C. A. O. **Dançando na escola**: do balé das meninas ao inseto dos infernos do funk. E. P. G. Gianfrancesco Guarnieri. Guarulhos, SP, 2019. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/carlos\\_gomes\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/carlos_gomes_01.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

GONZÁLEZ, F. J. Educação física escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 14-27. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar na EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 9-24, set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929/539>. Acesso em: 18 jun. 2022.

IBGE. **Cidades**, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>. Acesso em: 29 set. 2022.

IMPOLCETTO, F. M.; DARIDO, S. C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. *In*: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 14-27. Disponível em:

<https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

IRIAS, E. A. **A sereia branquinha e a bruxa da diretora**: um estudo das brincadeiras de faz-de-conta. E. P. G. Celso Furtado. Guarulhos, SP, 2015.

Disponível em:

[https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef\\_arquivos/Textos%20completos/everton.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/everton.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. *In*: AQUINO, J. G. (Org). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, p. 9-23.

LOPES, J. P. G.; SANTOS JÚNIOR, F. N. Cultura do silêncio e educação física escolar: análise dos relatos de experiência com as danças. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 01-15, Dossiê Temático, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33025/tefe.v7i0.3655>.

MARTINS, J. C. J. **Conhecendo o futebol**. E. E. Alcides da Costa Vidigal. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/jacque\\_04.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/jacque_04.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NASCIMENTO, A. S. **Brincadeiras regionais**: é possível conhecer o outro através delas? E. M. E. F. Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo. São Paulo, SP, 2015.

Disponível em:

[https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef\\_arquivos/Textos%20completos/aline\\_brincadeiras.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/aline_brincadeiras.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NASCIMENTO, A. S.; FLORENTIN, C. C. B. **Subiu, arremessou e... Entre o arremesso e a cesta há muito o que investigar!** E. M. E. F. Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, São Paulo, SP, 2017. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/aline\\_caren\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/aline_caren_01.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NASCIMENTO, A. S. **Brincadeiras na quarentena**. E. M. E. F. Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, São Paulo, SP, 2020. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/nascimento\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/nascimento_01.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NASCIMENTO, A. S. **“Vai se tratar garota”**: tematizando as dancinhas do TikTok. E. M. E. F. Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/nascimento\\_02.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/nascimento_02.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NEIRA, M. G. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o debate curricular da educação física. **Dialogia**, São Paulo, v. 02, n. 14, p. 195-206, 2011. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos\\_25.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_25.pdf). Acesso em: 2 fev. 2024.

NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. (Orgs.). **Educação física e culturas**: ensaios sobre a prática. Volume I, São Paulo: FEUSP, 2012. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/EF\\_culturas.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/EF_culturas.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. A Seleção dos temas de ensino no currículo cultural da educação física. **Revista Educación Física y Deporte**, Medellín, v. 32, n.2, 2013, Funánbulos Editores. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos\\_29.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_29.pdf). Acesso em: 18 jun. 2022.

NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. (Org.). **Educação física e culturas: Ensaio sobre a prática**, volume II, São Paulo: FEUSP, 2014. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/EF\\_culturas\\_volume\\_2.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/EF_culturas_volume_2.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. Educação física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 02, p. 82-103, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149>. Acesso em: 27 maio 2022.

NEIRA, M. G. (Org.). **Educação física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. 215 p. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/livro\\_2017.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/livro_2017.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. (Org.). **Educação física cultural: relatos de experiência**. Jundiaí: Paco, 2018. 209 p. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos\\_42.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_42.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. (Org.). **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco, 2019. 116 p. Disponível em: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos\\_41.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/marcos_41.pdf). Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. (Org.). **Escrevivências da educação física cultural**, vol. 1. São Paulo: FEUSP, 2020. 227 p. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/491>. Acesso em: 3 nov. 2022.

NEIRA, M. G. (Org.). **Escrevivências da educação física cultural**, vol. 2. São Paulo: FEUSP, 2021. 261p. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/952/863/3156>. Acesso em: 21 jul. 2023

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. (Org.). **Epistemologia e didática do currículo cultural da educação física**. São Paulo: FEUSP, 2022. 176 p. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PEREIRA, A. C. G. **Ensaio de uma metodologia da experiência crítico-afetiva nas aulas de educação física: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas**. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. 2004. 182 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, S. A. M.; Mourão, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 205- 210, set./dez. 2005.

RIBEIRÃO PRETO. Secretaria Municipal da Educação. **Referencial Curricular de Ribeirão Preto**. 2019. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/files/seducacao/pdf/referencial-curricular.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.

RIBEIRÃO PRETO. Secretaria Municipal da Educação. **Unidades Escolares 2022**. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/educacao/escolares>. Acesso em: 29 set. 2022.

SANTOS JÚNIOR, F. N. **Navegando sobre as práticas com brinquedos**. E. M. E. F. Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga, São Paulo, SP, 2017. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/flavio\\_nunes\\_05.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/flavio_nunes_05.pdf) .Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTOS, L. A. “**A Pablo Vittar não é de Deus**”: desconstruindo questões de identidade de gênero na dança pop. E. M. E. F. Raimundo Correia. São Paulo, SP, 2018. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/santos\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/relatos/santos_01.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTOS, L. A. “**Se lutar é violência, por que a igreja do bairro ensina jiu-jítsu?**” E. M. E. F. Raimundo Correia. São Paulo, SP, 2019. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/santos\\_02.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/santos_02.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

SÃO PAULO. Portal do Governo. **Alunos da rede estadual passam a ter caderno de atividades**. 2009. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/alunos-da-rede-estadual-passam-a-ter-caderno-de-atividades/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEDUC, 2019. 400 p. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA JÚNIOR, W. S. **Lutas diversificadas para a diversidade da educação física escolar**. E. E. Professor Walter Carretero, Sorocaba, SP, 2015. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef\\_arquivos/Textos%20completos/welington.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/welington.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, [S. l.], n. 48, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100004>.

SOUZA, V. S.; NEIRA, M. G. A domesticação dos corpos: em destaque as práticas escolarizadas da Educação Infantil. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação

Física da Unicamp, Campinas, v. 12, n. 1, p. 107-125, jan./mar. 2014. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/viviane\\_souza\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/viviane_souza_01.pdf). Acesso em: 02 fev. 2024.

TORRES, A. C.; QUARESMA, F. N.; SANTOS JÚNIOR, F. N. **Corpos In-transe**: a ciranda e o funk no jogo por conhecimentos e afetos outros. E. M. E. F. Maria Rita Braga. São Paulo, SP, 2019. Disponível em: [https://www.gpef.fe.usp.br/teses/torres\\_quaresma\\_santos\\_junior\\_01.pdf](https://www.gpef.fe.usp.br/teses/torres_quaresma_santos_junior_01.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimentos profissional. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde**  
**Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional**  
**(ProEF)**

**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**  
(Resolução 510/2016 do CNS)

OLÁ, VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO PARA PARTICIPAR DE UMA PESQUISA SOBRE OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA. O OBJETIVO DA PESQUISA É OBSERVAR COMO OS ALUNOS PARTICIPAM DOS JOGOS E BRINCADEIRAS, DAS HISTÓRIAS E DAS ORIGENS DESSES JOGOS E BRINCADEIRAS NAS AULAS DA SUA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.



SE CONCORDAR EM PARTICIPAR DA PESQUISA, VOCÊ DEVERÁ FREQUENTAR E PARTICIPAR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NORMALMENTE, VIVENCIANDO OS JOGOS E BRINCADEIRAS QUE A PROFESSORA VAI TRABALHAR NAS AULAS.

VOCÊ QUER PARTICIPAR DESTA PESQUISA?



( ) SIM



( ) NÃO

A PARTICIPAÇÃO É GRÁTIS E PARA VOCÊ PARTICIPAR, O SEU RESPONSÁVEL TERÁ QUE CONCORDAR E ASSINAR OUTRO DOCUMENTO.



VOCÊ NÃO É OBRIGADO A PARTICIPAR DA PESQUISA, NINGUÉM FIGARÁ IRRITADO OU TE TRATARÁ MAL POR ISSO.

SE VOCÊ ACEITAR PARTICIPAR, NÃO FALAREMOS PARA OUTRAS PESSOAS INFORMAÇÕES SOBRE SUA VIDA.



SE VOCÊ ACEITAR PARTICIPAR E TIVER ALGUM DESCONFORTO OU SE MACHUCAR DURANTE AS AULAS, PODERÁ FALAR COM A PROFESSORA, QUE LHE DARÁ TODA A ATENÇÃO E AUXÍLIO NECESSÁRIO.



VOCÊ PODE DIZER “SIM” AGORA E DEPOIS MUDAR DE IDEIA E TUDO CONTINUARÁ BEM. TAMBÉM PODERÁ CONVERSAR E TIRAR SUAS DÚVIDAS COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUANDO QUISER.

A PROFESSORA LEU ESSE DOCUMENTO E EU ENTENDI QUE A PESQUISA É SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA MINHA ESCOLA E TIREI MINHAS DÚVIDAS. SEI QUE POSSO PERGUNTAR SE OUTRAS DÚVIDAS SURGIREM E QUE O RESPONSÁVEL POR MIM PODE MUDAR DE IDEIA SOBRE A MINHA PARTICIPAÇÃO QUANDO QUISER.



JÁ QUE MEU RESPONSÁVEL ACEITOU E EU ENTENDI E TIREI MINHAS DÚVIDAS, EU CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.



Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Profa. Janaína de Freitas Munhoz  
Professora-Pesquisadora

---

Assinatura da Professora-Pesquisadora

---

Nome do(a) Estudante

---

Assinatura do(a) Estudante

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**Centro de Ciências Biológicas e da Saúde**  
**Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional**  
**(ProEF)****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**  
(Resolução 510/2016 do CNS)

Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

O/a menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “*Aulas de Educação Física na perspectiva do currículo cultural: tecendo caminhos*”. O objetivo da pesquisa é analisar uma proposta de ensino na perspectiva do Currículo Cultural da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

A participação dele/a na pesquisa se dará frequentando e participando das aulas de Educação Física ministradas pela professora-pesquisadora na perspectiva do Currículo Cultural, poderá trazer benefícios ligados às vivências das práticas corporais propostas nas aulas de Educação Física e ajudar na compreensão de uma aula de Educação Física que considere os aspectos culturais da turma de alunos/as.

A coleta de dados será realizada durante as aulas de Educação Física ao longo dos segundo e terceiro bimestres letivos de 2023 de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, na \_\_\_\_\_, Ribeirão Preto - SP, \_\_\_\_\_. A professora da turma, também pesquisadora, registrará as aulas de Educação Física em diários de aula referentes ao assunto da pesquisa com os/as estudantes da turma. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no currículo municipal, que envolvem jogos e brincadeiras (“mãe da rua”, “queimada”, “pique-bandeira”, “nunca três”, “futebol de botão”, entre outras), que ocorrerão ao longo dos 50 minutos de duração das aulas regulares de Educação Física, três vezes por semana, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles/as que não quiserem participar do estudo.

A participação dele/a na pesquisa não terá custos para ele/a ou para você que é o/a responsável por ele/a, pois a pesquisa será realizada durante as suas aulas de Educação Física que estão previstas na grade curricular da escola, em seu horário normal de aula. Ele/a não terá custos adicionais com alimentação e/ou transporte.

Os riscos da pesquisa estão vinculados às próprias situações características de aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega ou leve escoriação. Em caso destas ocorrências a professora-pesquisadora irá oferecer todo o suporte necessário, como: atender a ocorrência, acalmar os(as) estudantes, informar a gestão da escola sobre o ocorrido e, se for o caso, junto com a própria gestão escolar proceder aos encaminhamentos que se fizerem necessários (avisar pais e/ou responsável e acionar o Serviço de Atendimento Médico de Urgência – SAMU). Além disso, terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa. A professora-pesquisadora e seu orientador realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos característicos da pesquisa durante todo o trabalho, tendo a responsabilidade de garantir e fiscalizar que essa pesquisa científica que inclui seres humanos obedeça as normas éticas do país, portanto, os(as) participantes da pesquisa terão todos os seus direitos respeitados.

Ele/a não precisa participar do trabalho se não quiser, é direito dele/a. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado a participação dele/a, sem prejuízo nas relações com a escola, com as aulas de Educação Física ou com a professora-pesquisadora.

Caso você não entenda algo ou não goste de qualquer situação que identificar durante as aulas ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Janaina de Freitas Munhoz, pessoalmente (EMEF \_\_\_\_\_) ou por email: \_\_\_\_\_ ou pelo telefone \_\_\_\_\_, ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, responsável pela pesquisa, pessoalmente (UFSCar) ou pelo telefone \_\_\_\_\_.

Você e o/a estudante receberão uma via impressa deste Termo (TCLE) rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora.

O nome dele/a não será citado em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pela pesquisadora.

Ele/a não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da Resolução nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Este termo será apresentado, lido e explicado pela professora-pesquisadora para todos/as os/as alunos/as participantes da pesquisa com o intuito de esclarecer e sanar eventuais dúvidas.

A professora-pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, KM 235- Caixa Postal 676 - CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br).

**Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)  
Endereço: Rodovia Washington Luiz, Km 235  
Contato telefônico: [REDACTED] e-mail: [REDACTED]

Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a estudante menor de idade sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele/a participe.**

Prof. Dr. Glauco N. S. Ramos

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Profa. Janaina de Freitas Munhoz

Professora-Pesquisadora

Assinatura da Professor-Pesquisadora

Eu, \_\_\_\_\_, o/a autorizo a participar da pesquisa.

Nome do(a) Responsável

Assinatura do(a) Responsável

## APÊNDICE C - PLANEJAMENTO INICIAL

Tema: Futebol – a questão de gênero será colocada em pauta quando aparecer e o planejamento pode mudar dependendo disso.

Início do projeto – 24/7

1ª aula – Conversar com eles sobre as férias e o que fizeram nas férias. Se eles assistiram TV, o que viram. Perguntar se eles sabem do campeonato mundial que está acontecendo. Se estão acompanhando. Entrar no tema futebol e fazer uma lista do que eles falarem que é futebol. Colocar na lousa. Perguntar quem gosta de futebol e quem não gosta. Ver a relação de meninos e meninas que gostam.

2ª aula – Será que vocês sabem jogar futebol? Vou pedir que eles me falem como é que joga e vão demonstrar. Essa atividade será na quadra.

3ª aula – Vídeo de um jogo de futebol (tentar pegar um feminino e outro masculino) – só algumas partes que vou selecionar para eles assistirem. Vamos fazer uma roda de conversa para comparar o que eles viram e o que nós fizemos na última aula. Quais as diferenças? Meninos e meninas jogam igual?

4ª aula – Jogo na quadra. Vivência com auxílio dele para falar de futebol. Trazer bola de futebol e de futsal para eles manipularem com o pé. Usar cone e fazer mini jogos para que possam entender um pouco a dinâmica do jogo.

5ª aula – O campo de futebol. Vamos no campo do lado da escola para fazer um jogo com eles partindo do que vivenciamos até o momento. Este campo não tem as linhas, somente as traves e o gramado.

6ª aula – Será que o campo é igual a quadra? O que dificulta nosso jogo no campo do CSU? Tema: as linhas e as regras. Dinâmica de montagem das linhas. Jogos e brincadeiras usando as linhas da quadra. Desenhar com giz o campo de futebol na área das quadras. (registro)

7ª aula – montar um jogo do 2º ano com o time da escola. Uma vivência colaborativa.

8ª aula – Fazer grupos mistos para brincar de bobinho lembrando da necessidade de abrirem para receber bola. Brincar de driblinha usando cones como gol.

9ª aula – Jogar no campo novamente lembrando o que falamos essa semana.

10ª aula – Perguntar novamente o que precisamos para melhorar nossa aula. Lembrar do quadro da primeira aula e o que apareceu lá que podemos fazer para deixar nossa aula ainda melhor. Se nós pudssemos perguntar para um jogador ou uma jogadora

de futebol como é participar dos campeonatos, o que perguntaríamos? Fazer um questionário.

11<sup>o</sup> aula – Entrevista com uma ex jogadora de futebol.

12<sup>o</sup> aula – Pesquisa sobre como é um treinamento de futebol.

13<sup>a</sup> aula – Jogo de futebol.

14<sup>a</sup> aula – treino para ficar melhor.

15<sup>a</sup> aula – visitar um campo de futebol.

16<sup>a</sup> aula – futebol de botão.

## APÊNDICE D - DIÁRIOS DE AULA

### DIÁRIO DE AULA 01

**24/7/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na aula um pouco atrasada, pois a diretora queria falar comigo sobre as mudanças que ela fez, durante o recesso, na sala de educação física.

Na sala tinha 15 crianças; muitas faltaram hoje. Entrei na sala e já começaram a gritar. Um menino veio me mostrar a chuteira nova. Essa turma é bem agitada e eles ficam andando pela sala. É muito difícil conversar com eles.

Comecei perguntando como foram as férias deles, o que fizeram nesse tempo. Foi somente uma semana e eles foram relatando. Alguns falaram que soltaram pipa, outros jogaram bola, visitaram parentes, foram no parque e outras coisas. Perguntei se hoje eles acordaram cedo e muitos relataram que acordaram tarde e quem acordou cedo foi falando o que fez, que foi para casa da avó que fica mais perto da escola, assistiu desenho. Para responder eles fizeram uma grande bagunça. Eles estavam com massinha que pegaram hoje com o material que a escola entregou, então algumas crianças estavam brincando com a massinha; outros corriam de um lado para o outro na sala. Precisei pedir várias vezes que voltassem para o lugar e fizessem silêncio para ouvir o colega que estava falando.

Depois de muito conversar, o Neymar falou que de manhã ele assistiu ao jogo do futebol das meninas. Era o que eu queria ouvir, então entrei no assunto e perguntei quem mais assistiu: 4 crianças levantaram a mão dizendo que assistiram. A Gabi já falou que assistiu e foi relatando como foi o jogo.

Conversamos um pouco sobre o jogo que abriu a copa do mundo de Futebol, o Neymar foi falando o placar e quando será o próximo jogo. Eles estavam muito agitados, correndo para todo lugar. Tentei chamar a atenção deles e fiz outra pergunta para a turma.

Perguntei quem gosta e quem não gosta de futebol. Em coro algumas crianças começaram a gritar “eu, eu, eu, eu...”. Tentei organizá-los para saber melhor quem respondeu o que. Pedi que sentassem e que levantasse a mão quem gosta de futebol: 14 crianças disseram que gostam de futebol e apenas uma (menina – Tamires) disse que não gosta. Perguntei por que e ela disse que só não gosta. Ela pensou mais um pouco e respondeu que não gosta do futebol dos meninos, mas do futebol das meninas ela gosta.

Perguntei para a turma se o jogo de hoje de manhã foi dos meninos ou das meninas e todos falaram que foi o jogo das meninas. Tentei conversar melhor com as meninas que queriam falar do jogo e do que gostam no futebol, mas muitas crianças andavam pela sala, conversavam e brincavam. Estava muito difícil manter um diálogo na sala com eles. A Gabi falou que no jogo estava uma empurrando a outra e que isso não podia. Perguntei para o grupo se podia e um menino já gritou que não podia, que era cartão amarelo. O Cristiano Ronaldo veio explicar que se for em pé, corpo com corpo, é cartão amarelo, mas se vier na rasteira era cartão vermelho. Outro (não me recordo quem foi) não concordou e disse que de vez em quando é amarelo. O Ronaldo Fenômeno veio falar que faz aula de futebol. Outro já falou que o colega tomou um carrinho e foi para o hospital. A correria e a gritaria recomeçaram. O Neymar já falou que a Marta (jogadora da seleção brasileira) quase não jogou, que ela entrou no segundo tempo.

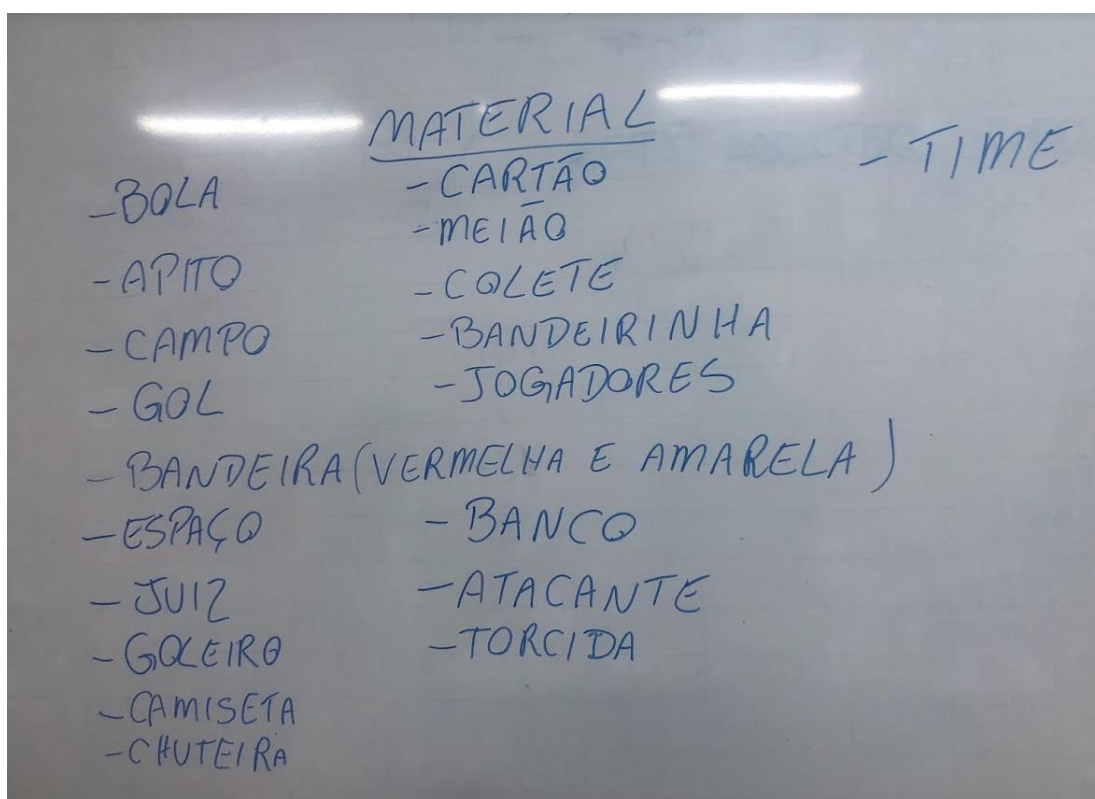
Perguntei sobre quando será o próximo jogo e o Neymar já falou que será sábado (28/7) as 7h da manhã. Marquei na lousa para que eles pudessem ficar mais atentos e falei se eles topavam assistir.

Pedi para eles fazerem um grupo de 3 a 4 pessoas (queria ver se eles participavam e se organizavam melhor). Esse grupo era para conversarem sobre quais os materiais que são importantes para jogar futebol. Algumas meninas estavam sem grupo e falei para elas se unirem e a Letícia falou “eu não quero jogar”. Percebi que elas não tinham entendido o que eu falei para fazer. Então fui até elas explicar que deviam conversar sobre os materiais que precisa para fazer um jogo de futebol. Então elas se uniram e foram falando algumas coisas. Bola foi a primeira e foram pegando o que os outros grupos gritavam e falando também.

Depois de um tempo para eles conversarem, pedi que me falassem esses materiais e pedi primeiro para as meninas que estavam com dificuldade no início. Depois o outro grupo de meninas. Em seguida o grupo de meninos que estava sentado mais na frente e não gritavam tanto e, por último, o grupo dos meninos que estavam sentados no fundo da sala e não paravam de gritar. Estes últimos tinham anotado o que o grupo falou. Alguns materiais coincidiam com os outros grupos, mas eles estavam mais interessados em falar alguma coisa que ninguém tinha falado.

Anotei o que eles falaram na lousa (imagem 1) e em seguida perguntei se precisa de tudo isso para nós jogarmos. Eles não entravam em consenso, uns disseram que precisava sim, outros disseram que não precisava.

Imagem 1: anotação na lousa



Um menino<sup>18</sup> disse que nem bola precisava. Eu não entendi e ele não soube explicar. Então a Gabi veio falar que no recreio eles não usavam bola, usavam garrafa para jogar. Por isso não precisam de bola para jogar futebol.

As crianças começaram a ficar ainda mais agitadas e perguntando se não íamos para a quadra. Elas perguntavam a todo momento se íamos sair da sala. Mesmo sendo uma aula, e faltando 15 minutos para o recreio, saí com eles para ver os espaços da escola para fazermos o jogo amanhã, que teremos aula novamente. Primeiro fomos na quadra externa (imagem 2) e eles falaram que o piso era muito áspero e não era muito bom para jogar. Fomos então para a quadra coberta (imagem 3 e 4). Ela foi pintada antes do recesso e hoje foi a primeira vez que entraram lá depois de pintar. Ainda estava com cheiro de tinta. Ficaram impressionados com a cor brilhante do piso, mas logo perceberam o problema desta quadra: estava somente

<sup>18</sup> Nas minhas anotações eu não coloquei o nome do menino, então vou colocar dessa forma sem identificação.

com um gol. Durante a pintura, tiraram os gols da quadra e um deles quebrou e não arrumaram. Eles nem colocaram o outro gol de volta na quadra, eu que fiz isso na semana antes do recesso com a ajuda de algumas alunas de outra turma (meninas mais velhas).

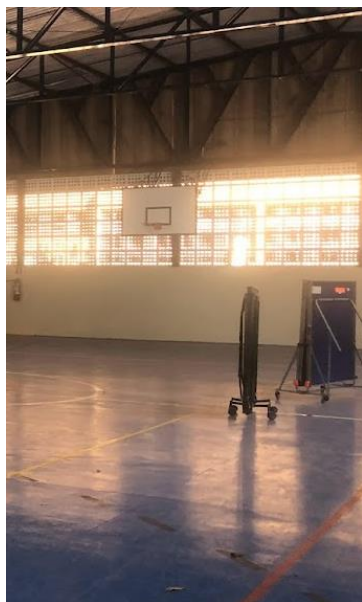
Imagem 2: Quadra externa



Imagem 3: Quadra coberta



Imagem 4: Quadra coberta sem o gol



A aula terminou e liberei eles para o recreio. Ficamos de olhar o espaço do Centro Esportivo que fica anexo à escola (este espaço tem administração própria e é aberto para o público) no dia seguinte e ver onde seria melhor para jogarmos futebol.

Nessa aula eu tinha planejado ficar somente na sala e fazer a conversa que fizemos, mas eles estavam tão agitados que fiquei desconfortável de continuar na sala

e como tínhamos algumas mudanças na quadra da escola, resolvi que íamos sair para ver melhor esses espaços.

## **DIÁRIO DE AULA 02**

### **25/7/2023 – 3ª-feira (terceira aula da tarde)**

Ontem combinamos de ver os outros espaços da escola para fazer a aula de educação física, mas durante a escrita do diário de ontem, percebi que me incomodou muito a bagunça que eles fizeram. Hoje cheguei na sala e escrevi a palavra RESPEITO na lousa e pedi que falassem o que significa. Eles foram falando exemplos de falta de respeito. Depois falei de regras, para que servem. Eles foram falando as regras de não bater no colega, de não brigar, de não gritar, mas insisti em perguntar para que servem as regras. Eles falaram que serve para organizar. Falei da importância das regras para nossa aula e que precisava da ajuda deles para que a aula ocorresse. Que precisam respeitar as regras e combinados para que os colegas ouçam o que cada um tem a falar.

Então combinamos que era para irem para o portão azul que separa o pátio da área da quadra, que no caminho fossem para o banheiro ou beber água e que nos encontraríamos lá para depois irmos para o Centro esportivo, onde tínhamos combinado ontem de ir.

Eles me esperaram no portão e quando entrei na área da quadra eles foram juntos comigo e pedi que um menino fosse comigo buscar os materiais na sala que fica dentro da quadra. Os outros me esperaram ali na frente. Assim que saí da quadra, vi que eles tinham ido para o centro esportivo sem mim (alguém tinha deixado o portão aberto). Essa área não pertence à escola, mas estava aberto e eles passaram pelo portão sem mim. Tinha acabado de lembrar das regras e do respeito e como o centro esportivo é um espaço muito grande, com piscina e frequentado por pessoas que não são da escola, chamei todos eles para a arquibancada da escola e conversei normalmente sobre as regras. Falei que uma das importâncias da regra é para a segurança deles e desrespeitar as regras pode ser perigoso. Assim como no jogo de futebol que tem as regras para manter a segurança dos jogadores, na escola também tem regras que precisam ser respeitadas para ninguém se machucar.

Na hora resolvi ir na frente da quadra onde tem uma placa em homenagem a um aluno que morreu ali na escola em 2018. Perguntei o que eles sabem sobre o tema. Eles levantaram as mãos como combinamos e foram falando. Uns falaram que

ele subiu no telhado para pegar bola e caiu, outros falaram que foi atrás de pipa.... Então levei eles até o auditório e mostrei onde o menino subiu, que no dia estava chovendo e, ao invés dele ir embora como os colegas, subiu no telhado molhado, tomou choque e morreu. Não foi algo planejado. Eles já haviam comentado sobre a placa do menino recentemente e hoje resolvi usar essa história para falar das regras e que as vezes pode ser bem perigoso não obedecer às regras. Isso tanto para o jogo, quanto para o convívio na escola.

Depois de conversarmos sobre isso, voltamos para a área da quadra e desta vez eles me esperaram. O outro professor estava usando a área externa da quadra, pois os alunos do primeiro ano não estavam se sentindo bem com o cheiro de tinta na quadra coberta.

Eu fui com eles no centro esportivo e pedi que me esperassem. No caminho um começou a gritar Corinthians, outro já gritou Palmeiras e na hora o colega já falou que o Palmeiras não tem mundial. A conversa continuou sobre times de futebol com muita animação.

Fomos até a quadra descoberta e perguntei se ali era um local apropriado para jogar futebol e eles falaram que não tinha o gol para jogar.

Imagem 5: Quadra externa do centro esportivo

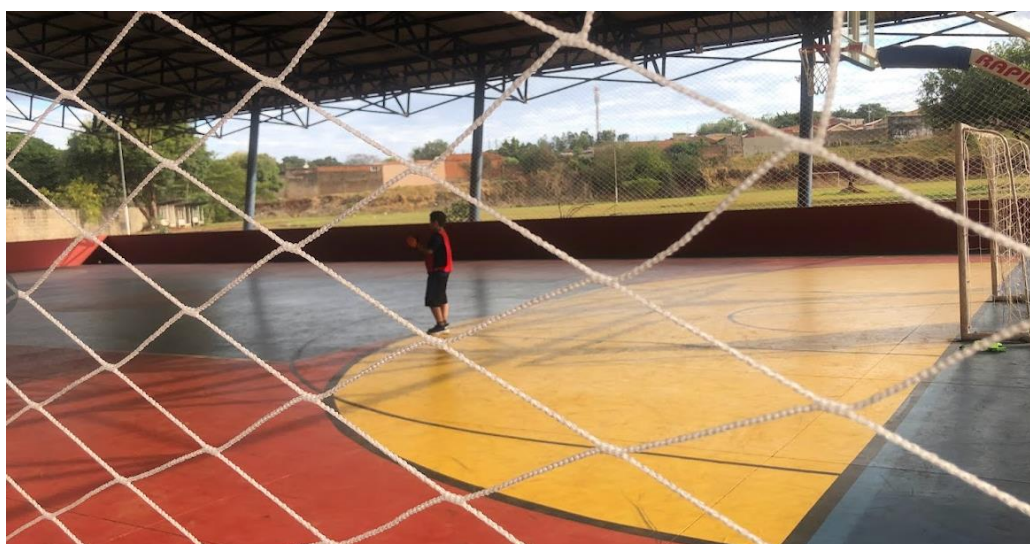


Depois vimos as outras duas quadras que estavam sendo ocupadas por outras pessoas e concordamos que ali daria para usar. O único problema é que já estavam sendo usadas.

Imagem 6: Quadra coberta 1 do centro esportivo



Imagem 7: Quadra coberta 2 do centro esportivo



Fomos então para o campo e lá eles concordaram que também dava para usar. Uma menina começou a pular na marcação de cal do campo e aproveitei para perguntar para que serve aquilo. Um menino já falou que era para marcar o campo e quando a bola sai dessa linha, é fora. Então pedi que não pulassem na marcação para não subir pó e não tirar a marcação que é importante para o jogo.



Imagem 8: Campo do centro esportivo

Nossa aula faltava poucos minutos para acabar, então pedi que eles fizessem grupo de 5 pessoas e que cada grupo fizesse uma brincadeira que lembrasse o futebol (que tenha a ver com o futebol). Eu não tinha planejado fazer assim, queria fazer o futebol direto, mas diante do pouco tempo que tínhamos, resolvi improvisar e no final achei que foi uma boa ideia.

Um menino falou “Futsal”, então eu perguntei “será que dá para fazer futsal?” Cada grupo recebeu uma bola. Então um me perguntou “pode fazer alguma coisa com bola?” Eu disse que sim, pois tínhamos muito pouco tempo.

Eles se organizaram em dois grupos só de meninos e dois grupos só de meninas. Um grupo de meninos foi brincar de chutar a bola em um dos gols, o outro grupo foi para o outro gol. Um grupo de meninas quis fazer batata quente usando as mãos e outro grupo disse que ia fazer futevôlei, mas elas não conseguiam chutar a bola, então tentavam pegar com a mão. A Marta 2 que deu a ideia dessa brincadeira ficou chateada que ninguém conseguia acertar a bola. Ela ficou no meio do grupo como se fosse a rede e as outras precisavam jogar a bola. Mas a aula terminou e não deu tempo de desenvolver as brincadeiras.

Antes de voltarmos para a escola pedi que pensassem se a brincadeira que eles escolheram lembrava alguma coisa com o futebol. Disse que na próxima aula vamos continuar essa atividade e que pensassem sobre o que podemos fazer de brincadeira que tenha alguma característica que lembrasse o futebol.

Voltamos então para a escola rapidamente, pois nossa aula já tinha acabado e eu estava atrasada.

Agora enquanto escrevo o diário, percebo que não precisava ter usado o caso do menino para falar de respeito às regras. Queria causar um impacto naquele

momento e aproveitei uma curiosidade que eles já tinham, mas não faria dessa forma mais. Sinto vergonha de ter feito assim e repensei bastante se colocaria dessa forma no diário, pois me sinto exposta de uma forma que não queria.

### **DIÁRIO DE AULA 03**

#### **27/7/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na sala e já lembrei eles dos combinados que falamos na última aula e que precisa da ajuda deles com respeito. Perguntei para eles se lembravam o que fizemos na aula anterior e o que tinha ficado combinado para hoje.

Lembrei eles dos grupos e das brincadeiras que fizemos na aula anterior e que hoje cada grupo iria explicar para os colegas qual foi a brincadeira que eles fizeram que é parecida com o futebol e os grupos iriam fazer a brincadeira em seguida.

Depois de fazer essa recapitulação, falei para saírem da sala sem correria e sem gritar, passem no banheiro, beber água e me encontrar na frente do portão azul que separa o pátio da área das quadras.

Eu não costumo fazer fila e não fiz hoje também. Os alunos pareciam mais calmos e foram tranquilos para o portão. Encontrei eles lá e entramos na quadra coberta para começar a aula. Sentei eles na arquibancada e repeti o que falei na sala, que os grupos apresentariam sua brincadeira para os outros grupos e em seguida os grupos fariam a brincadeira sugerida.

O primeiro grupo que chamei foi o da Marta 2 que é composto exclusivamente por meninas. A Marta 2 começou a falar que a brincadeira do grupo era o vôlei, mas a Marta 1 que também fazia parte do grupo dela falou que era futevôlei. Mas a Marta 2 que explicou e começou a bater na bola com a mão para a colega que estava na frente e esta devolvia para ela ou para quem estava do lado dela.

Depois que ela explicou, falei para as turmas fazerem a brincadeira que foi explicada. O Cristiano Ronaldo me perguntou se podia fazer o futevôlei que a Marta 1 falou que podia. Como era esse o jogo que elas tinham tentado fazer na aula passada, achei que não seria um problema eles fazerem. Isso também vai ajudar na discussão depois. A Marta 2 falou de vôlei e vamos conversar sobre a semelhança da proposta com o futebol e sugestão de ficar mais parecido. Isso eu pretendo fazer na próxima aula, mas essas mudanças que os grupos fazem podem ajudar nessa discussão depois.

O grupo do Neymar fez uma roda e tentavam chutar a bola para cima e o colega chutar de volta sem que este caísse no chão. O grupo da Pia começou fazendo uma adaptação de uma queimada entre elas (era um grupo só de meninas também). Depois o grupo delas mudou e tentaram jogar vôlei também. Já o grupo do Raí tentou fazer o vôlei usando a mão também.

Deixei eles brincando um tempo e quando percebi que as crianças começaram a dispersar, chamei elas novamente para a arquibancada. Perguntei a eles se a brincadeira que estavam fazendo estava igual ou parecida com a que o grupo da Marta 2 explicou. A Marta 2 já foi logo falando que o grupo da Pia estava fazendo a queimada e depois elas mudaram e que o grupo do Neymar estava fazendo o futevôlei. Então lembrei ela que na aula passada eles estavam fazendo futevôlei e que nesta aula ela também estava tentando chutar a bola na hora que todos estavam fazendo a brincadeira e a equipe dela também.

Em seguida pedi para que a outra equipe pudesse explicar a brincadeira deles. Foi a vez da equipe da Pia explicar. Elas fizeram uma roda e começaram a fazer a batata quente. Uma de frente para a outra começavam a falar “batata quente quente quente quente queimou”. Todas podiam ver quem estava com a bola e não definiram muito bem o critério de quem ia falar queimou e como seria. Então eu falei que tinha uma dúvida. “Quem vai falar queimou? Se todas estão olhando, a pessoa que fala queimou não vai falar quando ela estiver com a bola, pois assim ela sairia da brincadeira” (essa era a forma que elas estavam brincando, a criança que era queimada saía da brincadeira). Perguntei para os grupos o que poderiam fazer para resolver esse problema. Então a Gabi falou que uma das crianças ia ficar de fora de olhos fechados e ela iria falar que queimou. Todos gostaram da ideia e foi assim que fizemos. O grupo da Marta 2 fez assim como foi explicado e combinado. Jogavam a bola com a mão uma para a outra e uma das pessoas de olhos fechados falava a batata quente queimou. O grupo do Neymar queria chutar a bola e quando um conseguia jogar a bola com a mão e fazer a brincadeira, assim que a bola caía no chão eles começavam a chutar e já corriam para o gol. Eles tiveram bastante dificuldade de fazer a brincadeira proposta. O grupo do Raí começou usando a bola para tentar acertar a cesta de basquete e quando eu olhava para eles, se organizavam em roda e tentavam fazer a brincadeira proposta pelas meninas.

Quando percebi que eles não estavam mais fazendo a brincadeira proposta, chamei eles para a arquibancada e a Marta 2 já foi falando os grupos que estavam

fazendo a proposta e os grupos que estavam fazendo diferente. A Pia falou que nem todos os grupos estavam fazendo.

Então falei que era hora do grupo do Neymar mostrar a brincadeira deles e todos fazerem também. O grupo dele queria fazer o jogo de futebol na quadra toda, então expliquei que não foi o que eles fizeram na aula passada e que tinham que explicar a brincadeira da aula passada. Ele disse que aquela brincadeira era o treino, mas o que eles queriam era o jogo e que precisava ser os meninos contra as meninas. Mas eu insisti que era para fazermos o que eles conseguiram fazer na aula passada e não o que eles gostariam de fazer na aula, pelo menos não por enquanto. Ele aceitou e mostraram o que estavam fazendo na aula passada, o chute a gol como se fosse cobrança de pênaltis. Como temos só dois gols, fiz a proposta de que dividissem a turma em duas e cada grupo ficaria com um gol. Assim que os grupos foram fazer a atividade, 4 meninas foram sentar na arquibancada falando que não queriam jogar. Fui conversar com elas e expliquei que todos tinham que fazer e que os outros grupos também fizeram a brincadeira proposta por elas, mesmo que não era exatamente o que queriam fazer.

Todos os meninos foram fazer o chute a gol, o grupo do Neymar usando um dos gols e o outro usou dois cones perto da parede para fazer outro gol. Algumas das meninas do grupo da Marta 2 foram fazer o chute a gol e as outras só foram fazer o chute a gol depois de muita insistência. Entre os meninos surgiram alguns conflitos de um não deixar o outro jogar, eles queriam jogar o tempo todo e outros se sentiam excluídos e saíam do jogo, mas conversei com o grupo e logo foram conversando e jogando juntos.

O último grupo, do Raí, também tinha feito pênalti, então ficamos um pouco mais de tempo fazendo esta atividade. Percebi que a todo tempo algumas meninas tentavam sentar e não fazer a atividade, enquanto os meninos acabavam querendo pegar a bola para driblar e tentar fazer o gol. Eles voltavam a fazer o pênalti, mas sempre de dava eles mudavam para o que queriam, que era jogar o futebol em equipe e driblar os colegas para chegar até o gol.

Quando a aula acabou eles foram para o recreio e fiquei de conversar com eles sobre esta atividade na próxima aula.

No primeiro planejamento que fiz essa atividade da forma como foi pensada para esta aula, não apareceu. Essa atividade surgiu durante a segunda aula por conta de não termos tanto tempo para fazer o jogo de futebol e assim que fiz o registro da

aula no diário de aula e conversei com meu orientador, reorganizei a aula e decidi que eles iriam apresentar para os colegas e que todos fariam a atividade daquele grupo. Por fim essa atividade vai continuar na discussão da próxima aula e pretendo trazer algumas reflexões sobre as questões deles quererem jogar meninos contra meninas e de se separarem para formar os grupos. Meninos não querem brincar com as meninas e vice versa. Outra coisa que me chamou a atenção é que algumas meninas que disseram que não sabem jogar futebol vão logo tentando sair da atividade quando esta se assemelha mais com o jogo e buscaram na atividade delas, se distanciar do futebol usando as mãos. Pretendo conversar sobre isso nos próximos encontros já que a proposta era ser um jogo mais parecido com o futebol e quero que pensem uma forma de adaptar o jogo delas para ficar mais parecido com o futebol e vamos fazer isso juntos.

Percebo que este diário, que é instrumento de pesquisa e também uma importante ferramenta de registro que me ajuda a pensar melhor a aula, tem me dado pistas importantes do que planejar para a próxima aula.

Ao mesmo tempo que estou trabalhando futebol com esta turma, também estou com as outras turmas e muito do que acontece com os outros acabam também interferindo na aula desta turma. Uma das turmas reclamou do sol no campo de futebol e começamos a conversar sobre como é um campo de futebol e que eles nunca puderam ir num campo, só viram pela TV e mesmo os meninos que treinam futebol, só fazem isso em quadra. Isso me fez pensar em quanto seria bom eles visitarem um estádio de futebol e conhecer mais sobre este espaço.

## **DIÁRIO DE AULA 04**

**31/7/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na sala e tive que lembrar os combinados e pedir que fizessem silêncio para podermos começar. Relembrei com eles o que fizemos nas aulas passadas e a Bia 2 falou que só sabe uma regra do futebol, que não pode usar a mão. Aproveitei a observação dela para discutirmos isso, pois é exatamente o ponto que vamos falar na aula hoje.

Falei das brincadeiras que fizemos na aula passada e perguntei se elas parecem mesmo com futebol. Então o Paquetá 1 fez outra observação, que o goleiro pode usar a mão. O Cristiano Ronaldo já completou falando que se usar a mão é pênalti e as outras crianças começaram a sair do lugar e querer ir me falar alguma

coisa relacionada ao que estávamos conversando. Tive que lembrar a regra de levantar a mão quando querem falar. O Ronaldo Fenômeno já lembrou que não pode dar carrinho. Outra criança já falou que pode levar cartão amarelo ou vermelho. A Gabi falou que o goleiro pode pegar a bola com a mão e sair correndo para jogar para alguém. Eu precisei chamar a atenção das outras crianças para ouvirem quem estava na vez de falar e esperar sua vez.

Quando eles terminaram eu voltei a perguntar das brincadeiras que fizemos na aula passada se realmente parecem mais com o futebol. O vôlei, a batata quente e o pênalti. Todos concordaram que o pênalti era mais parecido. Então eu perguntei como poderíamos fazer para que as outras brincadeiras também ficassem mais parecidas com o futebol. A Gabi sugeriu que a batata quente usasse o pé para passar a bola e não a mão. O Ronaldo Fenômeno sugeriu que no lugar de fazer vôlei, fizéssemos “altinha”, que usa os pés e não as mãos para rebater a bola.

Fomos para a quadra externa fazer as mudanças sugeridas. Começamos com a sugestão da Gabi e fizemos a brincadeira da batata quente usando os pés. Novamente as crianças se organizaram separadas, meninos brincaram com meninos e meninas com meninas. Eles tiveram dificuldade de se organizar. O grupo dos meninos queria ficar chutando a gol e driblando, então precisei ajuda-los a fazer a atividade proposta. Eram dois grupos das meninas. Os dois estavam com dificuldades de começar, então ajudei os grupos a se organizarem para começarem a fazer o jogo. O grupo da Formiga estava chutando a bola muito longe e não conseguiam dominar para passar para o próximo. O grupo da Marta 2 estava com dificuldade de entender, mas assim que fui até elas, logo conseguiram fazer a brincadeira sem fazer chutes muito fortes.

Em seguida pedi para que o Ronaldo Fenômeno explicasse como é o jogo “altinha”. Algumas crianças lembraram que era parecido com embaixadinha, mas tinha que ser em grupo. Aumentei o número de bolas e grupos por conta da complexidade da brincadeira. Coloquei 5 bolas para que tentassem mais vezes chutar a bola para o alto. Um grupo tinha só meninos e mesmo que eles tentassem, estavam com muita dificuldade de fazer o jogo, a bola toda hora era chutada para muito longe e tinham que ir buscar. As outras bolas foram as meninas que pegaram e teve alguns grupos que misturaram meninos e meninas. Só o grupo da Marta 2, o Cristiano Ronaldo e a Bia 2 que conseguiram fazer alguns chutes usando pingô. Depois o grupo deles começou a usar o alambrado como se fosse uma rede e uma dupla jogava a bola por

cima do alambrado usando os pés para que a dupla do outro lado pudesse tentar chutar de volta.

Depois que eles tentaram bastante e faltava 10 minutos para acabar a aula, pedi que eles fossem beber água e fossem para a sombra das mangueiras para que fizéssemos uma roda e conversássemos sobre as brincadeiras.

Perguntei se eles tiveram dificuldades em alguma das brincadeiras. A Gabi falou que achou a altinha mais difícil porque o pé é pequeno e não acertava a bola. Ela até comparou o pé com o chão e disse que se fosse tão grande quanto o chão, seria mais fácil. A Formiga disse que achou a batata quente mais difícil porque não podia chutar muito forte e ela não conseguia chutar a bola com pouca força. A Marta 2 falou que a altinha era mais difícil porque não conseguia chutar a bola antes que caísse no chão, que era muito difícil.

Perguntei para o grupo, o que podíamos fazer para ficarmos melhor nesses jogos. O Paquetá 2 falou que precisava treinar. Então enfatizei a importância do treino, ou seja, de praticar mais os jogos propostos, para ficarmos melhor nos jogos que precisam usar os pés para jogar a bola.

## **DIÁRIO DE AULA 05**

**01/08/2023 – 3ª-feira – (terceira aula da tarde)**

Acabou o recreio deles e fui para a sala iniciar nossa aula. Cheguei e as crianças estavam agitadas, alguns correndo na sala, outros fora da sala e muita conversa. Os lembrei da necessidade de ter respeito e silêncio para que pudéssemos iniciar a aula.

Eles demoraram para fazer silêncio e quando fizeram eu pedi que lembrassem o que fizemos na aula passada. Falei da adaptação das brincadeiras que a Gabi e o Ronaldo Fenômeno fizeram e nós brincamos. Perguntei das regras. Quando mudam as regras, muda o jogo? Eles disseram que sim. Lembrei da regra que a Bia 2 disse que era a única que ela sabia do futebol, que não podia pegar a bola com as mãos. Perguntei se essa era a única regra do futebol e eles disseram que não. Então perguntei se todos sabem a regra do futebol e alguns disseram que sim em coro.

Antes de sairmos para a vivência, os lembrei das regras para a saída da sala e que deviam ir ao banheiro ou beber água se quisessem. Pedi que me encontrassem no portão azul que separa a área das quadras do pátio.

Fomos para o campo do Centro Esportivo juntos e logo que cheguei lá pedi que fizessem uma roda para conversarmos. Perguntei qual era a primeira coisa que precisávamos para começar o jogo. Um menino falou que não podia dar carrinho. A Gabi falou que precisa fazer o time e a Bia 2 concordou. Muitas crianças estavam com conversa paralela e estava difícil de fazer com que prestassem atenção em mim ou nas crianças que estavam falando.

Perguntei como poderíamos fazer para dividir os times, e a Gabi falou que tinha que ter 12 de cada time. Questionei se um time de futebol tem 12 pessoas e o Neymar já falou que tem 11, 10 na linha e um goleiro. O Cristiano Ronaldo concordou com ele. Contei a turma e vi que tinha 25 crianças, então percebi que a Gabi já estava fazendo essas contas. Perguntei se teria problema de jogarmos com 12 mesmo que no time de futebol se joga com 11. Todos concordaram que não teria problema. Perguntei como íamos fazer essa divisão das equipes. As crianças voltaram a se agitar e conversar com o colega do lado. Chamei a atenção delas para que pudessemos fazer essa divisão das equipes.

Uma menina já falou que devia ser menino com menino e menina com menina, mas a Gabi já discordou e falou que devia ser um menino, uma menina, um menino, uma menina.... Entramos no acordo que precisava misturar meninos e meninas para o jogo.

Chamei a Bia 2 e a Gabi que estavam bastante participativas na conversa, pedi que os colegas ficassem na linha lateral do campo e falei para que elas escolhessem primeiro um menino, depois uma menina e assim por diante até que todos fossem escolhidos. Assim que escolhemos as equipes, fomos iniciar o jogo.

Falei para a equipe da Bia 2 ir para um lado do campo e definisse quem seria o goleiro e depois pedi que a equipe da Gabi fosse para o outro lado e também definisse quem seria o goleiro. As duas equipes escolheram meninos para ficar no gol.

Elas tiraram para ou ímpar e quem ganhou começou com a posse de bola no meio do campo. Apitei e eles começaram a chutar a bola e correr atrás dela. Foi o famoso jogo anárquico, todos correndo atrás da bola e fazendo uma confusão. Não dava para saber quem jogou para fora ou se chutou o colega.

Depois de um tempo desse jogo, parei para conversar com eles e perguntei como poderíamos melhorar o jogo. O Paquetá 2 falou que precisava que as crianças se espalhassem pelo campo. O Ronaldo Fenômeno falou que ano passado eles

conseguiam se espalhar melhor para fazer o jogo, mas que esse ano não estão conseguindo e ele não entendia o porquê (Acredito que só os meninos jogavam ano passado, mas pretendo confirmar com eles e questionar isso).

Depois que eles chegaram num acordo que precisavam espalhar melhor os jogadores, pedi que as equipes conversassem entre eles para se organizarem melhor e para que não ficassem todos correndo atrás da bola. Reiniciamos o jogo, mas voltaram a correr atrás da bola novamente e ficaram embolados.

Acabou a aula e voltamos para a escola com essa pendência. Entender melhor o jogo e a necessidade de se espalharem melhor para que o jogo fluísse.

## **DIÁRIO DE AULA 06**

### **03/08/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na sala e as crianças já se agitaram. Pedi que sentassem para que pudéssemos começar. Falei da aula anterior e que fizemos o jogo no campo. Perguntei para eles se achavam que é possível ficar melhor o jogo. O Cristiano Ronaldo falou: “não ficar todo mundo junto”. Perguntei o que precisamos fazer para jogar melhor e o Cristiano Ronaldo respondeu novamente: “treinar”. Perguntei se tinha mais alguma coisa que podíamos fazer. Um menino no fundo falou: “aprender domínio”. Nesse momento eles voltaram a se agitar e correr pela sala, então chamei a atenção deles para poder continuar.

Quando se acalmaram eu falei que o treino é uma forma de ficar melhor, mas também precisa entender o jogo para melhorar. Perguntei se todo mundo estava jogando bem na última aula. O Ronaldo Fenômeno falou que não, que estavam jogando “ruim”. Questionei o que ele falou: “todo mundo estava jogando mal?” Então o Ronaldo Fenômeno falou que não, que estavam jogando mais ou menos porque estava tudo tumultuado, fazendo falta.

Foi quando o Messi começou a relatar um lance do jogo que aconteceu com ele, que ele recebeu uma assistência do Cristiano Ronaldo e ele fez o gol. Não dei muita atenção e continuei tentando falar do que precisamos melhorar. Falei sobre passe, chute e condução de bola; o Ronaldinho Gaúcho complementou falando do drible. Eu disse que tudo isso melhorando, ajuda a melhorar o jogo, mas também precisamos entender melhor o jogo. Falei de ataque e defesa para eles. Quem está com a bola é ataque e quem tenta roubar a bola é a defesa. O Cristiano Ronaldo pediu a palavra para contar um lance que aconteceu com ele driblando os colegas. Percebi

a necessidade deles contarem o que aconteceu com eles e falei para que contassem um lance deles e para falar é preciso levantar a mão e esperar a vez.

O Ronaldinho Gaúcho levantou a mão e contou o lance dele, uma história do jogo. O Sonic contou uma história que aconteceu com ele no jogo anterior. Tentei incentivar as meninas para contarem uma história também, mas nenhuma pediu a palavra. Em seguida os liberei para sair da sala e ir para a área da quadra e me esperarem no portão. Saindo da sala a Ana veio me falar uma história que aconteceu com ela, que tentou roubar a bola e chutaram a canela dela. Perguntei porque ela não contou isso quando pedi. Ela não tinha entendido que essa era uma história que podia ser contada. Pena que as crianças já tinham saído da sala.

Fomos para a quadra coberta e pedi que eles fizessem 3 grupos da forma que quisessem e cada grupo recebeu uma bola. Cada grupo fez uma roda e precisava passar a bola para o colega e este precisava parar a bola com o pé e fazer outro passe. Depois fiz o “bobinho” com eles e um tinha que tentar pegar a bola. Um grupo ficou só meninos, no outro só meninas e somente o que estava no meio da quadra tinha meninos e meninas.

Depois dessa atividade os dividi em 4 grupos e cada grupo tinha um espaço da quadra para ficar. Dessa vez foram 2 grupos só de meninos, um grupo só de meninas e outro grupo que tinha só um menino e algumas meninas. Nessa atividade eu entreguei uma bola e vários cones pequenos e eles precisavam fazer um treino para o grupo.

Eles começaram a colocar os cones no chão, alguns grupos fizeram uma fileira em que tinha que passar conduzindo a bola, outros grupos fizeram desenhos diferentes com cones (círculo e outros não tão padronizados) para também passar com a bola entre os cones. O grupo em que estava o Cristiano Ronaldo logo mudou a atividade e começaram a fazer “driblinha”, dividindo o grupo em duas equipes e usando os pequenos cones para demarcar o gol. Outros grupos viram o que eles fizeram e foram imitando. Com essa atividade eu queria ver como eles percebiam o que era treinar para aprender a jogar futebol. Inicialmente, as crianças que têm mais experiência com o futebol reproduziram o treino que se costuma ter nas escolinhas de futebol, os treinos de fundamento em que repetem os movimentos, mas logo foram ficando desinteressados e encontraram formas diferentes de treinar que se assemelhava mais com o jogo e eles se divertiam mais. Essa forma que eles mudaram o jogo e o treino me chamou bastante atenção, pois eles acabaram buscando fazer o

minijogo, algo muito próximo do que é defendido hoje pelas pessoas que estudam a pedagogia do esporte. Inclusive tive uma disciplina para falar dessa metodologia de ensino que é muito mais significativa para as crianças.

Pouco antes da aula acabar eu reuni os alunos em roda e perguntei por que os grupos não estavam misturando meninos e meninas. Que só um grupo fez isso, mas não foi com muitas crianças. Falei para eles pensarem nisso e que íamos voltar a conversar na próxima oportunidade. Também falei que vamos fazer a próxima aula em sala para ver um vídeo. Não sei se entenderam essa última coisa que falei, pois eles não reagiram a ela.

## **DIÁRIO DE AULA 07**

### **07/08/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Hoje fui na sala e chamei as crianças para irem no anfiteatro, pois eu planejei usar alguns vídeos para nós conversarmos. Como de costume, não fizemos fila, quem precisava ir ao banheiro ou beber água, pode fazer isso antes de ir para a sala.

Eu já tinha ligado e preparado todos os materiais que ia usar, arrumei as cadeiras de frente para o telão e as crianças foram se acomodando.

Os lembrei do que fizemos na aula anterior, da necessidade de treinar para melhorar o jogo, mas também de entender melhor como jogar. As crianças permaneceram sentadas e atentas ao que eu estava falando. Alguns interromperam para falar que precisava de treinar, de não ficar todo mundo junto, de não fazer falta, de montar o time. Diferente do que eles costumam fazer na sala (correr enquanto estou tentando falar com eles e iniciar a aula), no anfiteatro todos ficaram sentados prestando atenção e tentando participar da conversa. Não sei se esse comportamento se deve à mudança de espaço, já que não é na sala de aula, ou estão mudando de comportamento por conta de ser um tema que interessa bastante a eles, ou outra coisa que eu não consigo identificar. Na aula anterior eu já tinha falado que íamos ficar na sala hoje, então eles já estavam avisados.

Coloquei o vídeo do Japão com a Noruega nas oitavas de final da copa do mundo feminina FIFA 2023<sup>19</sup>. Acessei direto pelo YouTube e coloquei alguns minutos de jogo. As crianças disseram que não tinham visto o jogo e em alguns lances eu fui comentando o que aparecia, principalmente a distribuição das jogadoras pelo campo,

---

<sup>19</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=EqOG5LLCYGs>

as faltas, cobrança de lateral, escanteio e início de jogo. Fui parando o vídeo e perguntava para as crianças o que tinha acontecido e quando alguém falava o que era eu repetia para que todos pudessem ouvir melhor. Assim que coloquei o vídeo as crianças começaram a vibrar com cada lance e notei que estavam atentas ao que estava acontecendo no jogo.

Depois de alguns minutos de jogo, pausei e perguntei para eles se nosso jogo na semana passada estava parecendo com aquele jogo que vimos agora. Eles disseram que não e o Ronaldo Fenômeno complementou que nosso jogo estava todo mundo junto correndo atrás da bola e que tinha que separar.

Neste momento coloquei o vídeo do nosso jogo no campo para eles verem. No vídeo tem o jogo dos dois segundos anos, pois planejei fazer essa atividade com as duas turmas. Eles vibraram muito quando se viram jogando no vídeo e prestaram muita atenção ao que acontecia. O vídeo era curto, 2 minutos somente, e eles não se dispersaram. Então mostrei para eles o jogo do terceiro ano para compararem com o jogo deles e um pouco do jogo do quarto ano que fez um amistoso com o quinto ano na quadra.

Depois de assistirmos os vídeos e falado um pouco das regras, da defesa, do ataque e de como se faz para jogar melhor, entrei no tema do que tinha pedido para eles pensarem melhor na semana passada. “Por que os meninos e as meninas não se juntam nas atividades? Por que os meninos jogam com meninos e as meninas jogam com as meninas?”.

Tenho trabalhado esse tema com as outras turmas também e sinto que essa turma não verbaliza muito sobre as diferenças dos meninos e das meninas jogarem. Eles agem separados na atividade, mas não conseguem dizer porque estão fazendo assim.

É muito difícil eu conseguir entrar em temas que não sejam tão táticos e técnicos quando o tema é algum esporte. Sinto que preciso buscar os marcadores sociais para abordar com a turma, mas não sei como fazer esse trabalho muito bem. Eu acabo falando o que vamos fazer e tentando explicar as coisas. O que tem me ajudado é fazer esse diário, pois é o momento que posso pensar de uma forma mais aprofundada sobre minha prática e refaço os planos para as próximas aulas de acordo com o registro que vou fazendo em vídeo, em áudio e o próprio diário.

Depois de falar dos vídeos com os alunos, percebi que eles estavam muito ansiosos para irem para a quadra e preferi deixar o outro vídeo para outro momento.

Fomos para a quadra e usamos o espaço externo, pois outro professor estava na quadra coberta. Falei que eles precisavam fazer uma dupla mista, de menino e menina. Algumas meninas rejeitavam outros meninos e vice versa. Então fui fazendo grupos de duas duplas para fazer uma roda e passar a bola com os pés para a outra pessoa. Vendo os grupos sendo formados, aqueles que estavam resistindo em fazer a dupla, se organizaram rapidamente e entraram na fila de duplas para que pudessem se tornar um quarteto e fazer os passes.

A ideia era eles fazerem passe um para o outro na roda. A Monica 2 e a Tamires foram as únicas que tentaram ficar sentadas conversando para não fazerem a atividade, mas falei para elas participarem e aceitaram prontamente. Todos fizeram a atividade de passar a bola com os pés e não tivemos muito tempo para desenvolver melhor a proposta, pois a aula já estava acabando e temos o recreio em seguida. Fiz uma roda antes de sair e perguntei para eles se foi difícil fazer a atividade de forma mista como nós fizemos. Perguntei se na aula de português a professora separa os meninos das meninas, ou na aula de matemática. Eles ficaram me olhando de forma questionadora sem entender bem. Repeti de uma forma mais simples se a professora os separa para fazer as contas ou na hora de aprender a escrever e eles responderam que não. Então perguntei por que na aula de educação física eles estavam fazendo grupos separados?

O sinal do recreio já tinha batido, então os liberei com essa pergunta, para conversarmos na próxima aula.

## **DIÁRIO DE AULA 08**

### **08/08/2023 – 3ª-feira – (terceira aula da tarde)**

Minha aula foi logo após o recreio. Entrei na sala e os lembrei do que fizemos ontem. Em seguida falei das possibilidades que temos para manipular a bola. Que podemos chutar, passar, conduzir e as crianças complementaram dizendo que também pode driblar. Expliquei para eles que a atividade de hoje era de “driblinha” e que ainda seriam grupos mistos. Uma dupla mista contra outra dupla mista que vai tentar driblar para fazer gol que está demarcado por dois cones. Lembrei eles da conversa que tivemos no final da aula passada e que da mesma forma que matemática e português não separava meninos e meninas para fazer a atividade, íamos fazer o mesmo ali.

Cheguei na quadra e fiz uma fila de meninos e outra de meninas e fui formando as duplas de acordo como eles estavam na fila, de forma aleatória. Eles não ficaram bravos e toparam a organização que eu fiz.

Com cones pequenos cada equipe tinha um gol para defender e o gol do adversário para atacar. Só um grupo não teve meninos para jogar com as meninas, pois durante o recreio muitos dos meninos se envolveram em briga e estavam na diretoria resolvendo esses conflitos.

Fiz 5 grupos com 4 crianças por grupo e eles fizeram a atividade. Só a Formiga não quis fazer no início, pois tinha se machucado e estava chateada. Mas depois ela entrou. As crianças pareceram ter entendido o jogo e fizeram a atividade. Elas não usaram qualquer limite de campo, iam onde a bola ia, mesmo que invadisse o espaço de outro grupo que estava jogando.

Percebi que o Messi estava fazendo umas jogadas difíceis e quando paramos para conversar sobre o jogo, pedi que ele mostrasse o que fez. Ele disse que o nome era “carretilha” – ele juntava a bola entre os pés, levantava um dos pés fazendo com que a bola rolasse para cima e com o pé de baixo ele batia na bola e fazia ela subir. Ele mostrou para o grupo e perguntei se mais alguém tinha ou conhecia alguma outra forma de jogar a bola que fosse diferente. O Paquetá 1 falou que conhece a “caneta” e foi mostrar para as outras crianças – é passar a bola por entre as pernas do adversário e pegar ela do outro lado.

O Messi mostrou a embaixadinha que faz o domínio da bola sendo jogada para o alto com o pé, joelho ou outra parte do corpo que não seja as mãos. O Richarlison quis mostrar uma outra forma que ele sabe de manipular a bola, batendo nela usando a parte interna do pé de um lado para o outro sem parar. A Marta 1 mostrou o drible que ela sabia e fez na aula (não sei se tem um nome esse drible). O Ronaldinho Gaúcho mostrou o “chapéu” que é passar por cima da cabeça do adversário e pegar do outro lado. Perguntei se mais alguém (insisti com as meninas) tinha outra forma de manipular a bola para nos mostrar, mas só apareceram estes.

Nossa aula estava acabando, então eles tiveram só mais alguns minutos para tentar fazer o que os colegas mostraram. Eles voltaram para os grupos, entreguei mais bolas e eles foram tentar fazer algum deles.

No momento que eles estavam mostrando esses dribles especiais, os meninos que tinham ido para a diretoria voltaram e participaram dessa última atividade.

Ontem eu tinha feito o planejamento das próximas aulas, mas com esta última atividade que veio do que eles estavam fazendo, me fez repensar e replanejar a próxima aula.

## **DIÁRIO DE AULA 09**

**10/08/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Fui para a sala no horário e a professora da turma ainda estava lá, entrei e fiz a chamada no celular, pois o aplicativo da prefeitura exige que seja assim. As crianças começaram a sair do lugar e andar pela sala. Pedi que respeitassem a aula para podermos começar, mas tive que chamar a atenção de alguns específicos para que sentassem e fizessem silêncio para começarmos.

Os lembrei do que fizemos na terça-feira, os dribles, e lembrei também que o Messi fez alguns dribles especiais (foi o nome que consegui pensar para me referir a forma diferente de manipular a bola) na aula passada. Voltei a chamar a atenção das crianças que continuaram correndo pela sala e conversar entre eles. Falei com eles dos dribles que foram mostrados na aula anterior e algumas crianças começaram a levantar a mão e me chamar ao mesmo tempo. Lembrei da regra que tinha que levantar a mão, mas esperar a vez de falar, não era para ficar chamando.

Demorou para conseguir a atenção deles, pois estavam muito agitados. Quando diminuiu o barulho eu voltei a falar dos dribles especiais e expliquei que durante o fim de semana eles deveriam fazer uma pesquisa com os familiares para saber se eles conhecem outros tipos de dribles especiais. No meu planejamento, hoje voltaríamos a jogar no campo para ver se eles entenderam como se joga, mas como na terça apareceu os dribles especiais, decidi que valia a pena explorar melhor esse tema com as crianças.

Quando estava explicando a pesquisa, que eles precisavam perguntar para os familiares e conhecidos sobre os dribles especiais que eles conhecem, um menino falou da bicicleta. Então aproveitei a deixa para alertá-los para não tentar fazer a bicicleta, pois o aluno de outra turma foi fazer essa brincadeira quando a aula já tinha acabado e na hora de apoiar a mão no chão, ele quebrou o braço. Por não termos condições de segurança, pedi que não tentassem fazer a bicicleta.

A Marta 1 lembrou que na aula passada ela tinha feito a driblinha com o Mbappé. O Ronaldinho Gaúcho falou que o amigo dele está o treinando para fazer o chapéu. O Messi falou que está treinando o primo para jogar futebol. O Cristiano

Ronaldo falou que de fim de semana vai na casa de um amigo que o pai era jogador de futebol e agora o está ensinando a jogar futebol melhor. Falei para ele aproveitar para perguntar para esse amigo e o pai dele para ajudar na pesquisa. A Leticia falou que ia perguntar para o primo dela que joga futebol. A Formiga falou que a mãe não joga futebol, o pai é distante. Falei para ela que ela pode perguntar para qualquer pessoa, um vizinho ou outro parente. Então ela lembrou do tio dela e disse que ia perguntar para ele.

Algumas crianças voltaram a correr pela sala e chamei a atenção delas. A Marta 1 falou que o irmão dela joga futebol, então eu disse que ela poderia perguntar para ele e trazer na próxima aula. O Messi falou que conseguiu dar o elástico, aproveitei para perguntar se eles conheciam o elástico que o Messi estava falando e que esse é um bom drible que pode trazer na próxima aula.

Assim que as crianças pararam de pedir a palavra, eu expliquei que a aula de hoje seria para eles tentarem os dribles especiais que foram explicados na aula anterior. Então saímos da sala e fomos para o portão azul que vai para as quadras. Como eu não faço fila, eles podem ir ao banheiro ou beber água no caminho e espero um pouco para que todos cheguem. Entrei com eles na área em frente a quadra coberta e pedi que me esperassem ali até eu pegar os materiais, pois nossa aula seria no centro esportivo. Peguei um saco com várias bolas e fomos para a quadra 2 de lá.

Chegando eles já estavam organizados em grupos e entreguei uma bola para cada grupo vivenciar seus dribles especiais. Os grupos voltaram a se dividir meninos com meninos e meninas com meninas, pois eu os deixei livres para se organizarem. Só percebi agora que poderia ter insistido para que fizessem grupos mistos, mas no momento da atividade não tive essa percepção para fazer essa proposta. Fui em cada um dos grupos para incentivar eles a fazer os dribles que fizemos na terça. Expliquei como fazia e deixei como desafio para que o grupo tentasse fazer. A caneta, a carretilha, o chapéu e outros dribles que eles tentaram por conta. Os grupos só com meninos estavam mais interessados em chutar a bola para brincar de time e eu tinha que lembrar a proposta. Já o grupo das meninas ficavam sem saber o que fazer até eu explicar como era o drible e elas tentavam fazer com entusiasmo. Foi bem interessante elas tentarem fazer a caneta e a colega abrir a perna para ajudar no drible. Talvez se tivesse insistido que fizessem grupos mistos, eles tivessem ficado na proposta assim como aconteceu na aula passada.

Antes que a aula terminasse eu parei a atividade para irmos no bebedouro do espaço e explicar que eles precisavam fechar a torneira depois de usar, pois estavam deixando aberta a torneira e desperdiçando água gelada potável.

Como tenho apenas uma aula de 50 minutos, não deu tempo de fazermos mais nada e voltamos para a escola.

## **DIÁRIO DE AULA 10**

### **14/08/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na sala e fiz a chamada no celular. Em seguida os lembrei da pesquisa que era para eles fazerem em casa. Era para eles perguntarem para algum familiar ou amigo(a) da família se conhece algum drible especial e pedir que ensine para eles.

O Cristiano Ronaldo disse que o amigo dele ensinou um drible, pois o amigo dele joga futebol. O Ronaldinho Gaúcho disse que o primo dele o está ensinando a fazer vários tipos de chapéu. O Ronaldo Fenômeno disse que o pai dele ensinou um drible especial. A Gabi disse que a mãe dela falou de um drible de bater a bola no joelho e depois na cabeça, mas ela achou que não era drible, então não queria falar, só falou depois que perguntei por que nenhuma menina tinha feito a pesquisa. O Sonic falou que o pai dele ensinou um drible que faz na hora de bater o pênalti. O Paquetá 1 levantou a mão e disse que aquilo era paradinha. Praticamente só meninos e pediram ajuda para homens.

Como eram homens os entrevistados, perguntei para eles se as mulheres sabiam jogar futebol. O Cristiano Ronaldo já falou que a mãe dele sabe. Falei para eles que amanhã vamos fazer uma pesquisa com as pessoas que trabalham aqui na escola, que nós vamos sair da sala e perguntar se as pessoas sabem jogar futebol. Um menino lembrou que a mulher que trabalha na limpeza sabe jogar futebol. Então acrescentei que podemos perguntar onde ela jogou, se era futebol profissional. O Cristiano Ronaldo falou que um amigo dele, um vizinho de onde ele mora, já jogou no Santos e aceitou vir aqui na sala para conversar com a turma e ensinar drible.

Assim que terminamos a conversa, fomos para a quadra. Usamos a quadra externa, pois a outra estava sendo usada. Peguei muitas bolas e pedi que as crianças que aprenderam o drible novo, mostrassem para nós o que tinham aprendido. O Cristiano Ronaldo começou tentando fazer o drible que aprendeu, mas não conseguiu mostrar muito bem para a turma. Ele tentou explicar com palavras que tinha que bater na bola com o pé, fazer uma embaixadinha e depois passar por cima da cabeça do

adversário. Depois ele explicou de uma outra forma, que finge que vai fazer uma caneta e passa pelo lado a bola. Em seguida o Ronaldinho Gaúcho tentou mostrar as formas de chapéu que estava aprendendo, mas só conseguiu mostrar como começava, não conseguiu executar. O Ronaldo Fenômeno já começou explicando que o atacante vem para tentar tirar a bola e ai ele faz a bola passar por cima do adversário, ele só conseguiu explicar, mas também não conseguiu fazer. O Sonic mostrou como é a paradinha no pênalti. A Gabi não conseguiu fazer o que a mãe dela ensinou, ela explicou para o Cristiano Ronaldo que jogou a bola do joelho para a cabeça bater. Então ela disse que era assim mesmo.

Depois que eles mostraram o que aprenderam, pedi que eles tentassem fazer algum dos dribles, mas como eram difíceis, lembrei do que vimos na semana passada, tentar levantar a bola com o pé e bater embaixadinha e fazer a carretilha que o Messi tinha ensinado na aula passada.

Os meninos já foram tentando se organizar para jogar no gol e não queriam tentar fazer os dribles. Algumas meninas sentaram e disseram que não conseguem. Outros meninos estavam empolgados com o desafio, então tentavam o que eu estava propondo e tentavam inventar um novo (Cristiano Ronaldo e Richarlison). Outras meninas estavam bem motivadas a tentar, como a Marta 2, a Monica 1, a Tamires, a Gabi, a Pia. Inclusive a Marta 2 conseguiu fazer a carretilha muito bem e ficou tentando ensinar as outras meninas. Já a Formiga, a Marta 3, a Monica 2 e a Leticia, estavam brigando porque uma não queria conversar com a outra e não queriam brincar juntas. Tentei fazer com que elas se engajassem na atividade, mas só a Leticia tentou um pouco, as outras pareciam que iam tentar, mas logo voltavam a discutir e ficar brava com a Leticia. Elas falavam que ela não queria brincar com elas, depois a Formiga falava que não queria brincar com a Leticia e assim elas acabaram não fazendo a atividade. Os meninos que não mencionei o nome, estavam brincando de chutar a bola no gol e fazendo driblinha.

Depois que deu nosso horário, peguei as bolas e falei para eles irem para o recreio.

Sei da importância do jogo na sua plenitude para entender melhor o futebol, mas como as meninas ficam por tanto tempo sem vivenciar esses dribles (os meninos são incentivados desde muito pequenos a jogar e driblar) e os mini jogos relacionados ao futebol, quis com essas atividades possibilitar uma vitória a elas que poderiam tentar fazer o drible e começar a se encantar pelo futebol e acreditar que também

podem aprender, que este não é um território exclusivo dos meninos. Por conta disso, fiquei mais atenta às meninas e busquei incentivá-las o tempo todo dentro do que é possível.

## DIÁRIO DE AULA 11

**15/08/2023 – 3ª-feira – (terceira aula da tarde)**

A turma estava bem agitada quando cheguei para a nossa aula de hoje, demorei um pouco para conseguir um silêncio e falar da atividade de hoje. Comecei falando que ontem eu tinha falado para eles que hoje íamos fazer uma pesquisa na escola, expliquei que vamos fazer uma entrevista com os adultos que trabalham na escola.

Quando falei que eles precisavam fazer dupla para entrevistar, eles agitaram novamente e algumas crianças saíram do lugar para sentar perto da sua dupla. Precisei chamar a atenção deles para conseguir um pouco de silêncio e voltar a explicar a atividade.

Levei uma folha impressa para cada dupla com as perguntas a serem feitas para os entrevistados. Tentei fazer perguntas simples e que fosse fácil para as crianças preencherem.

NOME: _____
IDADE: _____ <input type="checkbox"/> HOMEM <input type="checkbox"/> MULHER
GOSTA DE FUTEBOL?    SIM <input type="checkbox"/> NÃO
SABE JOGAR FUTEBOL? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
JÁ JOGOU EM ALGUM TIME PROFISSIONAL?    SIM <input type="checkbox"/> NÃO
QUAL TIME VOCÊ TORCE? _____

Peguei o papel que poderia ser usado para entrevistar quatro pessoas e expliquei cada uma das perguntas. Na hora que falei a última pergunta que é o time que torce, as crianças começaram a se organizar em times e formar uma torcida para o time deles. Foram muitos gritos de torcida e precisei parar mais um pouco para pedir silêncio.

Aproveitei para começar a entregar as folhas para cada grupo e Formiga me perguntou como ela ia fazer se ela era mulher e o Paquetá 2 era homem, qual ela colocava. Percebi que alguns ainda não tinham entendido a proposta. Então expliquei novamente que deviam entrevistar um adulto, mas que não podiam entrevistar o seu grupo ou outras crianças da turma. Tentei usar muitos exemplos usando o nome das crianças que me perguntaram e de outras crianças da turma.

Assim que percebi que a maioria tinha entendido, pedi que eles saíssem para fazer a entrevista com os adultos da escola. Estava tendo recreio do 3º, 4º e 5º anos e alguns aproveitaram os professores e as professoras para iniciar essa entrevista. Eles perguntaram para quem encontraram no pátio, as pessoas que trabalham na portaria, na secretaria e quem mais apareceu ali por perto. Tinha pedido que eles perguntassem primeiro se a pessoa já tinha respondido a entrevista para não pegar a mesma pessoa que outro grupo, mas muitos não entenderam isso e acabaram entrevistando as mesmas pessoas. Isso não vai atrapalhar muito a dinâmica, pois nosso objetivo é fazer um panorama das funcionárias e dos funcionários da escola para podermos debater os resultados depois. Quero comparar os resultados dos homens e das mulheres da escola.

A Monica 2 e a Bia 1, mesmo depois da minha explicação ainda não tinham entendido que a entrevista era com os adultos e estavam fazendo com elas mesmas. Então expliquei novamente e elas saíram para fazer a entrevista e dessa vez parece que entenderam.

As crianças estavam correndo para fazer as entrevistas como se fosse um caça ao tesouro e tivessem que completar as quatro entrevistas para terminar e ganhar o jogo. Outras crianças não conseguiam fazer nenhuma entrevista, então eu

fui em algumas salas que o professor costuma ser mais receptivo e pedi que respondesse a entrevista. Eu até achava que essas crianças que não tinham feito a entrevista não sabiam escrever, mas quando começaram a entrevistar percebi que eu estava errada e que escreviam bem, além de terem entendido a proposta.

A entrevista aconteceu no intervalo dos anos finais também e isso ajudou que as crianças pudessem entrevistar outros professores que estavam indo para o recreio. A ideia era essa mesmo, pois eu sabia que era um horário de intervalos das outras turmas.

Depois que a maioria conseguiu completar os quatro entrevistados, voltamos para a sala e conversamos um pouco sobre o que eles conseguiram. Perguntei se homens e mulheres que eles entrevistaram gostam de futebol, se jogaram futebol. Teve duas duplas que relataram que não entrevistaram nenhum homem e é bem compreensível, pois a maioria das pessoas que trabalha na escola é mulher.

Por conta disso eu pedi que eles também fizessem a entrevista com as pessoas com quem eles moram. Como eu não tinha mais folha e o tempo da aula estava acabando, fiz só essa sugestão, mas não coloquei como uma tarefa de casa. Na próxima aula eu coloco como tarefa para fazer com os responsáveis e levo o material necessário.

Uma outra coisa que aconteceu paralelamente na aula foi que o Ronaldinho Gaúcho estava com um álbum de figurinha da copa do mundo masculina de futebol, ele achou na estante da sala e queria me mostrar. Então perguntei para ele e para a turma se eles tinham comprado o álbum de figurinha da copa do mundo feminina. Alguns ficaram surpresos e perguntaram se tinha esse álbum. Falei que existia sim, mas que era bem difícil de encontrar para comprar. Perguntei para eles se imaginavam por que isso acontecia. Eles não conseguiam responder e eu falei “será que tem diferença do futebol que as mulheres jogam e o que os homens jogam?” Algumas crianças tentaram responder, mas não conseguiam formular a resposta até o final, paravam e ficavam pensando sem saber o que falar.

Aproveitei o momento para colocar mais uma pergunta e tentar fazer com que eles refletissem “Vocês sabiam que o Neymar ganha muito, muito, muito mais dinheiro do que a Marta? O que será que explica isso se ela joga tão bem quanto ele?” A Gabi veio até mim falando que era porque as marcas pagavam mais. Então voltei a pergunta “E por que as marcas pagam mais para ele do que para ela? Por que os homens no futebol ganham mais do que uma mulher, mesmo jogando de forma

semelhante?” O Ronaldinho Gaúcho e a Gabi é que se interessaram mais por essa reflexão que eu coloquei em pauta por conta do álbum de figurinha. Muitos da turma estavam correndo de um lado para o outro e agitados por conta do recreio que aconteceu antes da aula e da pesquisa que tínhamos realizado. Tentei aproveitar o interesse deles para buscar uma reflexão, mesmo que a maioria não entrou na conversa.

Existem momentos na aula que precisamos dar uma atenção diferenciada para alunos com maiores dificuldades, mas também tem as crianças que avançam na discussão e isso pode trazer diálogos melhores nas próximas aulas e me ajuda como professora a entender que a idade não é um limitante para pensar além. Tenho tentado fazer reflexões mais complexas com o 7º ano que estou trabalhando futsal, mas essa turma tem se mostrado mais aberta a esses diálogos do que os alunos mais velhos. Essa é uma crença que eu mantinha e que estou começando a questionar com essa experiência. Alguns alunos do 7º ano até tentam conversar comigo depois da aula, mas são os mais tímidos e os outros censuram o que eles falam na turma. Então aprenderam a ficarem em silêncio, e com as crianças menores isso ainda não acontece, eles se sentem com mais liberdade para falar o que estão pensando ou não estão entendendo.

## **DIÁRIO DE AULA 12**

**17/08/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Primeira coisa que fiz ao entrar na sala foi a chamada pelo celular. Em seguida fui tentar ligar o computador para mostrar o resultado da pesquisa que fizeram na terça-feira. Foi um pouco difícil para ligar, precisei da ajuda do professor da outra turma e demorou um pouco para dar certo.

As crianças ficaram perguntando se íamos na quadra e eu disse que antes iríamos conversar sobre os dados obtidos na nossa pesquisa.

40	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Nenhum			21 Mulheres	
43	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Corinthians			7 não gost 14 gosta	
36	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians			13 não sabe 8 sabe	
56	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	São Paulo			19 não jog 2 jogou	
49	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	Corinthians				
46	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	Corinthians				
32	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Palmeiras				
13	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
49	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	São Paulo				
46	Mulher	Gosta	Sabe	Jogou	Vasco				
34	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
53	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Nenhum				
21	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
35	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Nenhum				
34	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
43	Mulher	Gosta	Sabe	Não jogou	Cruzeiro				
38	Mulher	Não gosta	Não sabe	Não jogou	Nenhum				
35	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	Corinthians				
44	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	Santos			Corinthians	12
38	Mulher	Gosta	Não sabe	Não jogou	Atlético Mineiro			São Paulo	5
43	Mulher	Não gosta	Sabe	Não jogou	Nenhum			Nenhum	5
44	Mulher	Gosta	Sabe	Jogou	São Paulo			Vasco	1
								Palmeiras	1
								Cruzeiro	1
41	Homem	Gosta	Sabe	Não jogou	São Paulo	6 homens		Santos	1
29	Homem	Não gosta	Sabe	Não jogou	São Paulo	1 não gost 5 gosta		Atlético Mineiro	1
14	Homem	Gosta	Sabe	Não jogou	Flamengo	6 sabe		Flamengo	1
33	Homem	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians	6 não jogou			
54	Homem	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
46	Homem	Gosta	Sabe	Não jogou	Corinthians				
41	Homem				Vasco				
						Total	27 pessoas		

Mostrei o quadro que tinha feito no dia anterior com os resultados e comparamos a quantidade de homens e mulheres que gostam ou não gostam de futebol e também aqueles que sabem ou não sabem jogar. A primeira coisa que eles notaram foram os nomes dos times e um grupo se juntou no fundo da sala para gritar Corinthians.

Quando consegui que fizessem silêncio, voltei a falar dos resultados e perguntei a razão de todos os homens da nossa pesquisa saberem jogar futebol e a maioria das mulheres não sabem? Não falei em porcentagem porque não sei o quanto eu conseguiria fazer eles entenderem, mas usei esses dados que estavam muito gritantes.

O Cristiano Ronaldo falou que elas não treinam. Então eu perguntei para eles, será que os homens que disseram que sabem jogar, eles treinam? Apontei alguns nomes da lista e perguntei se eles acham que aquelas pessoas treinam. Assim eles foram concordando que as pessoas na lista não treinavam (são funcionários da escola que trabalham por volta de 8 horas na escola e eu sabia que não treinam). Falei para eles que talvez já tivessem treinado antes, mas não mais.

Voltei para a pergunta que tinha feito antes: “por que a maioria das mulheres disseram que não sabem jogar e os homens todos disseram que sabem?” A Gabi

respondeu dizendo que elas não tentam. Então eu perguntei: “será que agora elas conseguem tentar?” O Ronaldinho Gaúcho fez outra pergunta para a turma: “tem copa feminina? Elas treinam para jogar” E as crianças começaram a concordar e discutir sobre o tema que ele levantou. O Messi falou que era verdade, tem copa feminina e elas treinam.

Entrei na conversa falando que as meninas da seleção brasileira treinam sim, mas aqui na nossa escola, as pessoas que foram entrevistadas não treinam. Como eu fui uma das entrevistadas pelas crianças, eu me usei de exemplo para que entendessem que eu sei jogar, já treinei bastante, mas no momento eu não treino futebol.

Uma menina prontamente falou que eu treino sim, porque eu sei jogar. Então tentei explicar de uma forma diferente para que ela entendesse que eu não treino mais, o que eu sei e aprendi, não foi agora, foi no passado. Me comparei com a Marta que treina para jogar o campeonato para tentar deixar claro que eu não treino. Queria que ela entendesse que saber jogar não é a mesma coisa que treinar e os homens responderam que sabem jogar e não que eles treinam, essa não era nossa pergunta na pesquisa.

Quando não apareceu mais pergunta sobre o tema, chamei a atenção para as pessoas que já jogaram profissionalmente o futebol. Disse que tinha mais uma pessoa na nossa pesquisa que já jogou em time profissional. Eles identificaram na pesquisa que a moça que trabalha na portaria disse que já jogou futebol profissionalmente. Na hora uma criança falou que ela torce para o Palmeiras e eu mostrei na pesquisa que não, ela torce para o Vasco. Vejo que eles estão muito interessados em falar dos times brasileiros, mas eu não estou conseguindo incluir esse tema nas nossas aulas ainda. Não sei como poderia fazer essa inserção de uma forma que pudesse ajudar no nosso aprendizado sobre o tema.

Aproveitei que estávamos falando da Mari que já jogou futebol e perguntei para a turma se eles gostariam que nós pudéssemos fazer uma conversa com ela para saber como era para ela quando jogava futebol, se ela sabe algum drible especial que pudesse ensinar para nós. As crianças disseram que sim, que gostariam de fazer essa conversa.

Em seguida eu falei para eles que vamos fazer essa pesquisa com os responsáveis deles também. Entreguei as mesmas perguntas que eles usaram para entrevistar as pessoas na escola e pedi que levassem para casa e perguntassem para

os pais e/ou responsáveis. (Essa entrevista precisei imprimir na minha casa, pois foi uma demanda que apareceu na semana passada e não foi possível pedir para a escola imprimir a tempo). Falei que vamos conversar sobre a pesquisa deles na terça-feira que vem. Na segunda eu vou precisar faltar.

Faltava 15 minutos para a aula terminar e as crianças estavam bem agitadas por ainda não termos saído da sala, então falei para eles que íamos sair para a área das quadras, mas como tem mais dois professores naquele espaço, não seria possível jogarmos futebol. Algumas crianças tinham feito pipa de papel de caderno e pediram para levar e brincar, eu deixei. No semestre passado quando eu estava trabalhando com brincadeiras tradicionais infantis, tivemos um dia da pipa e desde então eles estão sempre pedindo para soltar pipa e esse é um tema que posso abordar também. Não sei se insiro no projeto que estou trabalhando ou começo um outro tema para estudarmos. Dentro do currículo cultural não se especifica um dia para terminar o trabalho com um determinado tema, em alguns trabalhos eles ficam o ano todo, em outros ficam por alguns meses e como as crianças ainda estão motivadas com o tema que estão trabalhando e tem muitas coisas que podemos aprofundar e ampliar, acredito que não seja o momento de mudar de tema, mas preciso avaliar isso.

Aproveitei o pouco tempo que tínhamos para ver como as crianças iam brincar sem um direcionamento específico. Alguns pegaram bola para tentar fazer um drible especial, muitos estavam com suas pipas e corriam pelo espaço e outros corriam de um lado para o outro tentando decidir o que fariam.

O que chamou a atenção quando chegamos nesse espaço, foi que na quadra externa tinha somente meninas jogando futebol e o Ronaldinho Gaúcho logo veio falar que as meninas jogam sim e mostrou a quadra que estava cheia de meninas jogando e usando uniforme de time de futebol. Então eu falei para o Ronaldinho Gaúcho, que eu não estava dizendo na sala que as meninas não jogam futebol ou que não treinam. Eu estava falando que as mulheres da nossa pesquisa não sabem jogar e era isso que eu estava questionando. Acredito que vamos ter que voltar a perguntar para algumas delas porque elas não sabem jogar. E também falar da idade delas.

Aproveitei o momento para perguntar se na quadra coberta as meninas estavam jogando e eles foram ver e perceberam que lá estava tendo vôlei e meninos e meninas jogavam juntos. Nas quadras eram professores e turmas diferentes.

## DIÁRIO DE AULA 13

**22/08/2023 – 3ª-feira – (terceira aula da tarde)**

Essa aula é depois do recreio, então é bem difícil de começar, pois as crianças costumam estar muito agitadas e como ontem eu precisei faltar na escola, eles estavam ainda mais agitados. Acabei de fazer a chamada e a pessoa do apoio no recreio veio perguntar por quem estava brigando no recreio para conversar com a diretora. Não deu tempo deles acalmarem e ela logo voltou com um menino da outra turma que dizia que um menino da minha turma tinha batido nele e o Cristiano Ronaldo saiu para conversar com ela e explicar o que tinha ocorrido, pois ele disse que tinha visto tudo. Ele saiu e a agitação continuou na turma, muitos gritos e conversas em voz alta, eles andavam pela sala e precisei voltar a falar de respeito com eles e chamar a atenção de um por um pelo nome para ver se me ouviam e faziam um pouco de silêncio para começarmos. Assim que fazia um pouco de silêncio eles já me perguntavam se íamos para a quadra. Eu tinha planejado ficar um tempo na sala para vermos o resultado da pesquisa com os responsáveis, mas preferi não falar isso para eles, eu disse que não sabia se íamos ficar na sala ou sair.

Primeiro lembrei da pesquisa que fizemos na semana passada e falei da Mari que é funcionária da escola e jogou futebol profissionalmente. Disse para eles que vamos fazer uma conversa com ela sobre futebol, mas não tem como ser essa semana, pois ela está doente, então precisamos ver quando ela pode fazer essa conversa e precisamos nos organizar para saber o que vamos perguntar para ela. Falei para eles que precisamos aprender mais sobre o futebol também. Os meninos foram completando que tinha também o futsal, o futmesa, o futvolei.

Então o Ronaldinho Gaúcho fez uma pergunta: “quem criou o futebol?” Falei que temos que pesquisar para saber essas coisas e coloquei essa pergunta na lousa. Aproveitei o que o Ronaldinho Gaúcho disse e pedi que se mais alguém tivesse outra pergunta ou dúvida, que falasse, para eu colocar na lousa para podermos pesquisar melhor depois. O Ronaldinho Gaúcho então colocou outra pergunta: “será que o Pelé jogou no Santos porque o pai dele jogou no Santos?” Anotei que poderíamos pesquisar mais sobre a vida do Pelé. O Cristiano Ronaldo falou então o nome de um jogador de basquete e eu perguntei se esse era o tema da nossa aula. Eles disseram que não e a Gabi lembrou que tem um filme do Pelé. Então perguntei para eles se já assistiram esse filme e se sabiam onde posso encontrar. O Cristiano Ronaldo veio me falar a história do Pelé, mas a turma estava fazendo muito barulho e ninguém estava

ouvindo o que ele falava, então interrompi e disse que vamos fazer essa pesquisa depois e conversar sobre o tema. Naquele momento não estava dando para conversarmos, pois quando um começava a falar por um pouco mais de tempo, os outros se agitavam demais e a gritaria incomodava muito. Eu mesma tive dificuldade de manter minha atenção com todo aquele barulho. Fora o barulho do recreio que acontecia fora da sala com as outras turmas e o sinal batendo para cada um dos dois recreios que aconteceram enquanto estávamos na sala (eles colocaram uma música no sinal da escola que parecia que não terminava). Falei para a turma que ia procurar o filme do Pelé para podermos assistir juntos em outro momento, mas que preciso ver com a professora da sala se ela cede uma aula para podermos assistir, pois em uma aula não é possível.

Continuei perguntando se eles tinham mais alguma curiosidade sobre o futebol e o Ronaldinho Gaúcho perguntou por que o Brasil tem os melhores jogadores de futebol? Eu questionei: “será que tem os melhores jogadores de futebol?” Ele continuou falando o nome de alguns jogadores brasileiros. O Cristiano Ronaldo já começou a falar o nome de jogadores de outros países que foram considerados melhores jogadores. Perguntei para eles: quem decide quem é o melhor jogador? O Ronaldo Fenômeno já veio falar que era o Pelé o melhor jogador, que ele tinha feito um gol do meio de campo. A Gabi disse que era o juiz que decide quem é o melhor do mundo. Alguns meninos inconformados já falaram que não era o juiz. Falei para eles que não dava para adivinhar essa resposta, que precisamos pesquisar.

O Neymar chegou perto de mim para dizer que se um time marca gol, o juiz não pode comemorar. O Ronaldinho Gaúcho veio falar que no jogo do São Paulo, o juiz era são-paulino e roubou para o São Paulo. O Cristiano Ronaldo completou dizendo que era o jogo contra o Corinthians e o juiz roubou para o São Paulo. O Neymar veio falar que se nós jogássemos futebol, também íamos aprender mais sobre futebol. Percebi que ele estava ansioso para sair e jogar e usou isso como argumento de forma bem inteligente.

Na semana passada eu pedi a tarefa de pesquisa para eles trazerem hoje na aula e pedi que colocassem a tarefa em cima da mesa para eu tirar uma foto e depois fazer o gráfico assim como na semana passada. Eu pretendia ficar na sala um pouco mais e conversar sobre a pesquisa, o que chamou a atenção deles, mas estavam agitados demais e preferi sair para continuar os estudos.

Peguei os campos de futebol de botão que temos na escola e pedi que eles posicionassem os jogadores no campo. São quatro campos de futebol e eles montaram grupos para cada campo. Passei nos grupos para falar do posicionamento dos jogadores de futebol e eles estavam tentando jogar o jogo e foram inventando forma de fazer isso. Uns usaram peteleco no botão, outros empurravam. Se dividiram para que cada um que estava no grupo fosse responsável por um botão (um jogador) e o goleiro foi bem disputado por ser diferente. Depois fui nos grupos falar como se faz para movimentar os bolões usando a paleta e eles foram tentando, mas a aula tinha acabado e como eu estava muito atenta ao que acontecia, nem percebi e a moça do apoio veio me chamar porque tinha acabado minha aula e não tinha percebido. Recolhi os materiais e fui para a outra sala para a próxima turma.

Na aula de hoje eu tinha planejado conversarmos sobre a pesquisa deles e falar do posicionamento da defesa e do ataque no futebol, mas eu não consigo ficar muito tempo na sala quando eles estão muito agitados. Eu começo a ficar agitada também e preciso sair da sala. Eu já tinha planejado mostrar o posicionamento usando os campos de futebol de botão e adiantei essa aula. Na próxima vou retomar o tema e pretendo procurar o filme do Pelé para assistir com eles e podermos conversar mais sobre o que eles propuseram. Além de me programar para fazer a pesquisa sobre os temas que eles tem curiosidade na sala de informática. Essa conversa que tive com eles ajudou a trazer outros elementos para as próximas aulas.

## **DIÁRIO DE AULA 14**

**24/08/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Assim que entrei na sala algumas crianças vieram me entregar a autorização para o estudo de campo do dia 5 de setembro que vamos conhecer um estádio de futebol aqui de Ribeirão Preto. Como de costume, as crianças se agitaram quando tentei começar a aula e durante a entrega das autorizações eles começaram a conversar mais.

Precisei chamar a atenção de cada um que estava conversando e fora do lugar para pedir que fizessem um pouco de silêncio. Quando consegui que me ouvissem, expliquei que podiam entregar a autorização até semana que vem e os lembrei o que fizemos na terça-feira passada: falamos da posição dos jogadores e perguntei o que eu usei para falarmos disso.

A agitação aumentou e todos começaram a tentar falar ao mesmo tempo, os lembrei do combinado que tínhamos que levantar a mão para falar e esperar nossa vez. Continuei falando que eu usei um campo de futebol que mais parecia um tabuleiro de jogo. O Ronaldo Fenômeno estava com a mão levantada e pedi que falasse. Ele falou que no jogo que estava fazendo com a Marta 1 e o Ronaldinho Gaúcho, ficou 4 a 0. O Ronaldinho Gaúcho falou que ele gosta de ficar na defesa. O Sonic disse que já é a 16ª vez que ele vai no estádio. Alguns voltaram a conversar em paralelo e eu precisei pedir silêncio novamente para que continuássemos. A Marta 1 completou que gostou de ficar no gol na terça feira. O Paquetá 1, o Pelé, a Marta 3, Cristiano Ronaldo e o Ronaldo Fenômeno falaram que são ataque, o Sonic é meio de campo, o Neymar é lateral. Fiz uma observação que se todos atacam, não tem ninguém para ficar na defesa.

Perguntei se no jogo do tabuleiro que vimos era possível todos jogarem no ataque ou se quem estava jogando tinha que fazer todas as funções.

O Cristiano Ronaldo falou que o zagueiro tem que ajudar no ataque também e o Neymar discordou dizendo que não, que ele tinha que ficar mais perto do gol e só de vez em quando ele vai um pouco para frente.

Depois da conversa inicial eu falei para eles que na próxima segunda-feira vamos na informática pesquisar o que o Ronaldinho Gaúcho tinha trazido como dúvidas na aula anterior e que também podemos pesquisar mais sobre este jogo no tabuleiro. Perguntei se eles sabiam como era o nome do jogo para podermos fazer a pesquisa na segunda. A Gabi disse que tem um jogo que chama pebolim e alguns alunos disseram que era “pimbolim”. Tentei não dar a resposta e só questionei qual desses seria o jogo que a Gabi estava falando. Voltei a falar do jogo que usa aquele tabuleiro e se o nome era esse e disseram que não. Lembrei que não fizemos o jogo ainda, só conhecemos os materiais do jogo para entendermos melhor o futebol. Uma criança falou que era jogo de tampinhas, outro disse que era mini futebol. Dei um tempo para que pensassem e percebendo que não davam mais nenhum palpite, eu escrevi o nome “futebol de botão” na lousa. Disse para eles que vamos pesquisar sobre este jogo.

Aproveitei o momento para falar que na quinta-feira está planejado para termos uma conversa com a Mari que trabalha na escola e já jogou futebol profissionalmente.

Terminamos a conversa na sala e fomos para o campo de futebol do centro esportivo para jogarmos futebol. Escolhi a Gabi e a Marta 2 para serem as capitãs das equipes na intenção de agilizar a escolha da equipe e para que as meninas também pudessem fazer essa função que nas aulas anteriores que fomos para o campo, foram delegadas por eles para os meninos.

Peguei o material na quadra e fomos juntos para o campo. Eles ainda não tinham dividido as equipes quando chegamos no campo, então eu fiz uma fila de meninos e outra de meninas e dividi eles aleatoriamente reforçando quem eram as capitãs da equipe hoje.

Entreguei os coletes, pedi que as capitãs ajudassem a equipe a se posicionar no campo, tendo alguns com uma função de defesa e outros mais de ataque. Eles se espalharam pelo campo e assim que o jogo iniciou todos correram atrás da bola para tentar pegá-la.

As crianças continuam fazendo esse jogo mais embolado que eu gosto de chamar de jogo anárquico. São mais individuais e alguns nem entendem que o objetivo é fazer gol, eles querem chutar a bola mesmo que para isso tenha que tirar do próprio colega de equipe e isso dificulta muito o jogo.

O tempo estava bem quente e ensolarado, então não deu para jogarmos muito. Algumas crianças não levaram a garrafinha de água e não beberam água antes de ir para o campo como eu instruí. Por conta disso precisei de voltar um pouco antes, pois já estavam pedindo para beber água e o melhor lugar é na nossa escola, pois o centro esportivo é um espaço grande e não consigo ver eles no bebedouro que tem ali. Eles voltaram correndo para a escola onde puderam beber água, ir ao banheiro e em seguida a aula terminou e foram para o recreio.

Reconheço que o futebol é um esporte mais difícil para eles entenderem e não será rápida a transição do jogo anárquico para um jogo mais coletivo e funcional. No entanto, meu maior objetivo com essas aulas é despertar o interesse das meninas para que no futuro os meninos não dominem as quadras e as aulas de educação física, enquanto as meninas ficam deixadas na arquibancada assistindo jogo. Vejo isso ocorrer com os mais velhos e tenho que fazer um esforço muito grande para que as meninas participem. A desigualdade de habilidades que vão sendo construídas durante os anos vai afastando elas ainda mais desse protagonismo nas aulas, principalmente quando o tema é futebol e o professor não insiste na participação delas no jogo.

## DIÁRIO DE AULA 15

**28/08/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Entrei na sala e as crianças vieram me entregar a autorização para o passeio ao estádio de futebol da semana que vem. Eles estavam muito agitados como de costume, andavam pela sala e conversavam sem parar. Pedi silêncio, mas eles continuaram conversando e saindo do lugar. Tentei começar a conversa de hoje sobre a pesquisa que vamos fazer na sala de informática, mas foi bem difícil iniciar por conta da falação da turma. Antes de irmos eu precisava explicar o que íamos fazer e não estava conseguindo silêncio e a atenção deles.

Assim que fizeram um pouco de silêncio, o Sonic veio me perguntar se íamos para a quadra e aproveitei para avisar que não, que nós íamos para a sala de informática fazer a pesquisa com as perguntas que eles tinham feito na semana passada. O Ronaldinho Gaúcho é que fez as perguntas, mas não veio na aula hoje.

Expliquei que eles iam fazer uma dupla mista (menino e menina) para fazer a pesquisa. Imediatamente voltaram a conversar para definir as duplas. Algumas meninas e alguns meninos não gostaram da ideia, mas outros aceitaram bem e já foram escolhendo a dupla. Pedi que eles levassem um caderno para cada dupla para anotar o que for pesquisado.

Eu já tinha imprimido as perguntas (curiosidades) que eles tinham falado na semana passada e as li para que eles pudessem saber o que iam pesquisar. As perguntas eram: Quem criou o futebol?; Pesquisar algumas jogadoras e alguns jogadores da seleção brasileira de futebol; Quem decide quem é o melhor jogador ou a melhor jogadora de futebol?; Quem foi o pai e a mãe do Pelé? Quem foi o Pelé?; Como se joga futebol de botão?; Quem é a jogadora Marta?

Eles ainda estavam agitados, pois queriam saber quem seria sua dupla. Eu tentei acalmá-los dizendo que quem não tivesse dupla eu faria uma lá na sala de informática mesmo. Vendo que não dava para falar mais nada, pedi que saíssem e fossem para a frente da sala de informática. Quem quisesse ir beber água ou ir ao banheiro, pedi que fossem nesse momento.

Me posicionei na entrada da sala e fui perguntando quem tinha dupla e pedi que fossem para um computador para fazer a pesquisa. Aqueles que ainda não tinham dupla eu deixei para o final e os unia. Como hoje tinha mais meninas que meninos, a última dupla foi só de meninas.

Quando todos já estavam no computador, entreguei as perguntas no papel para que fizessem a pesquisa. Pelo que a funcionária concursada que trabalha na escola como monitora de informática me disse depois, essa turma não costuma ir muito na sala e normalmente eles são bem agitados. Hoje não foi diferente.

Eu deixei a pergunta em letra imprensa (letra essa em que este documento está usando, mas o ideal seria ter usado letra maiúscula) e percebi que algumas crianças não sabiam ler esse tipo de letra. Quem sabia ler conseguiu fazer a pesquisa mais tranquilamente, mas muitas tiveram dificuldades e precisei ficar atendendo o tempo todo. A pesquisa no google foi difícil pelo mesmo motivo, pois não conseguiam ler o que estava escrito no site. Já a pesquisa de vídeo que era uma das minhas intenções, também não deu muito certo, pois os fones de ouvido estavam estragados e não era possível ouvir o som do vídeo. Alguns sites até tinham áudio descrição, mas a falta de um fone dificultou muito a atividade. Os fones estragaram e a escola não comprou outros para repor.

Passei a aula toda indo de dupla em dupla tentando ajudar a lerem o site e pedindo que anotassem alguns pontos essenciais que mostravam para eles para ajudar na aula em que vamos conversar sobre o que foi estudado. No final da aula eles estavam mais interessados em saber qual era meu canal no YouTube para assistir os vídeos deles lá. Alguns conseguiram achar por conta própria e ficaram vendo alguns vídeos, mas sem o áudio por conta da estrutura deficitária do equipamento.

Tinha me planejado para fazer essa conversa amanhã, mas fiquei sabendo hoje que terá uma apresentação de teatro para eles exatamente no horário da minha aula, então não vou conseguir fazer o que planejei. Vou tentar jogar essa conversa para quinta antes da entrevista que vamos fazer com a ex-jogadora de futebol Mari, que trabalha na nossa escola encarregada da portaria.

Depois que terminei nossa aula, fiquei na dúvida se eles conseguiram aproveitar o momento para pesquisar alguma coisa e entender o que estavam pesquisando. Com a dificuldade de ler e se concentrar, a aula ficou comprometida. Espero que no dia de conversarmos eles possam contribuir de alguma forma. Vou preparar algum texto sobre o que eles pesquisaram para podermos ter uma base para conversar.

Quando a aula terminou eles saíram para ir ao recreio e levaram suas anotações para a sala.

## DIÁRIO DE AULA 16

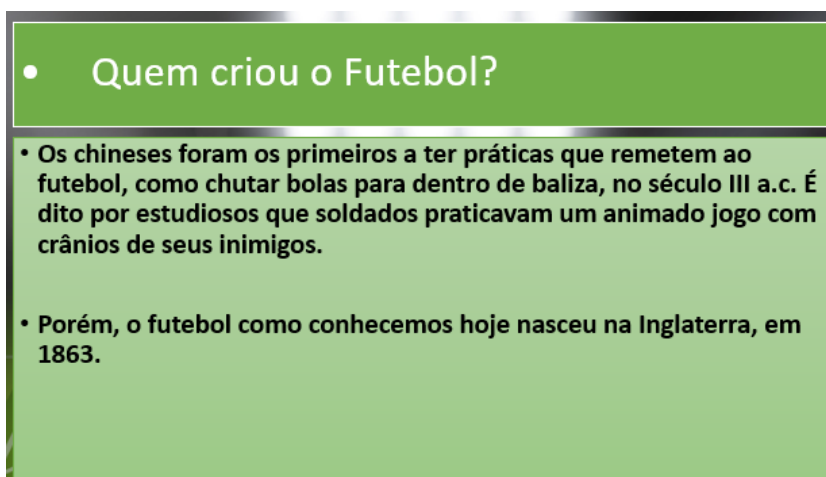
**31/08/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Primeira coisa que fiz ao chegar na sala foi mudar a forma com que as crianças estavam sentadas. Fiz um formato de U para que ficassem de frente para a lousa e pudessem ver uns aos outros. Eles ajudaram na arrumação e logo estavam todos sentados no lugar.

O objetivo era conversar sobre a pesquisa que fizeram na segunda-feira anterior e podermos conversar um pouco sobre o que eles conseguiram. Preparei slides para projetar na lousa e nos ajudar a lembrar das perguntas e coloquei algumas respostas para complementar, pois acompanhei o que eles escreveram na pesquisa e queria ajudar. Expliquei para eles o que íamos fazer e a primeira pergunta foi “nós não vamos sair da sala hoje?”. Respondi que não e que hoje tínhamos que conversar sobre a pesquisa na sala de aula.

A primeira pergunta da lista era: “Quem criou o futebol?” e o Ronaldinho Gaúcho que faltou na segunda-feira falou que foi ele que fez esta pergunta, mas lembrei que na segunda fizemos a pesquisa e que outra criança procurou a resposta desta pergunta. O Sonic levantou a mão e disse que ele tinha feito essa pesquisa. Antes que ele dissesse alguma coisa o Ronaldo Fenômeno falou que foi o Pelé. Em seguida o Sonic falou que foram os Ingleses que criaram o futebol. Eu confirmei o que ele disse e enfatizei que não foi uma pessoa, foram várias. Complementei com o slide que trazia um pouco sobre a China que já faziam jogo usando bola e baliza. Perguntei se eles sabiam o que era uma baliza. O Cristiano Ronaldo foi falando várias palavras: quadra, campo, gol. Quando ele falou este último eu confirmei que ele estava correto.

Quadro 1: slide pergunta 1



• **Quem criou o Futebol?**

- **Os chineses foram os primeiros a ter práticas que remetem ao futebol, como chutar bolas para dentro de baliza, no século III a.c. É dito por estudiosos que soldados praticavam um animado jogo com crânios de seus inimigos.**
- **Porém, o futebol como conhecemos hoje nasceu na Inglaterra, em 1863.**

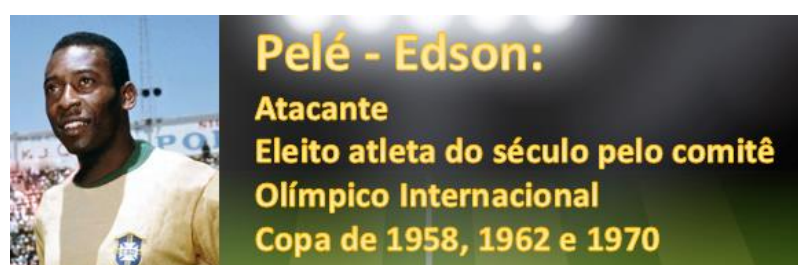
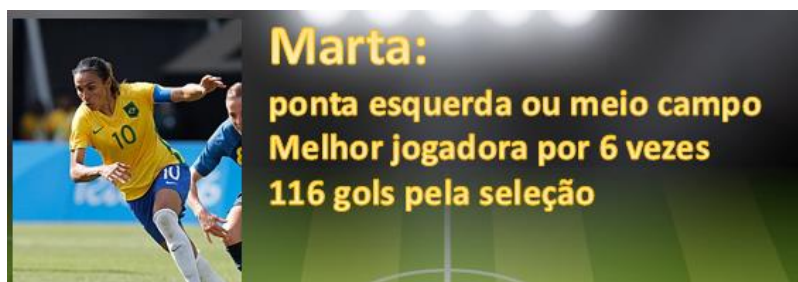
Continuei lendo o slide e paramos na palavra crânio e perguntei se eles sabiam o significado. Uma das crianças disse que era o osso da cabeça. Disse a eles que era bem macabro isso, mas isso acontecia. Em seguida trouxe a informação que o Sonic tinha pesquisado e enfatizei que o futebol que conhecemos hoje nasceu na Inglaterra.

Expliquei que foram os ingleses que trouxeram o futebol para o Brasil, que Charles Miller era conhecido por trazer o esporte para cá.

Fomos para a pergunta seguinte: “Pesquisar algumas jogadoras e alguns jogadores da seleção brasileira de futebol”. Pedi que quem tivesse feito a pesquisa, que pegasse o papel em que anotou. O Ronaldinho Gaúcho falou da Marta. O Mbappé pegou sua pesquisa e falou: a Tamiris, a Monica. Perguntei se tinha pesquisado mais e o Richarlison gritou lá no fundo: “a Bruninha”. Perguntei se tinha outro nome e ele disse a Letícia, a Camila. Voltei para a pergunta e enfatizei jogadoras ou jogadores para ver se eles tinham mais algum nome. O Cristiano Ronaldo falou Neymar. Vendo que podiam falar nome de homens, eles começaram a levantar a mão para dizer nome de jogadores. O Ronaldinho Gaúcho foi falando nomes rapidamente: o Ronaldinho, o Ronaldo, o Garrincha. As outras crianças foram falando vários nomes: Alisson, Pelé e começaram a gritar para falar o nome do jogador que conheciam. Estavam muito agitados e pedi que voltassem a fazer silêncio para que fosse possível continuarmos. Foram muitos nomes citados sem precisar fazer qualquer pesquisa, eles tinham os nomes de cabeça. Aproveitei a oportunidade para falar que as mulheres eles não conheciam e precisaram da pesquisa dos colegas para saber alguns nomes e eram todos nomes da seleção atual. Já o nome dos homens eles lembraram sem precisar fazer a pesquisa, eles sabiam de cabeça. Fiz a observação para eles que só os nomes dos homens que eles sabem de cabeça, das mulheres eles só sabiam da Marta. Falei para eles pensarem sobre isso. Qual era a razão deles lembrarem tão bem do nome dos jogadores homens e não lembrarem das jogadoras mulheres? Eles não souberam responder.

Nos meus slides eu levei duas jogadoras e dois jogadores para eles verem. Era só uma complementação, por isso só os quatro.

Quadro 2: slides sobre a pergunta 2



Mostrei o slide da Marta e falei da posição que ela joga no campo e os lembrei quando falamos do posicionamento dos jogadores. Em seguida mostrei a jogadora Formiga e uma criança falou que era a goleira do Brasil. Disse que não era a goleira, que ela jogava de volante e de meia e que não jogou essa Copa do mundo. Li para eles as conquistas dela e que ela é mais velha que a Marta e o Cristiano Ronaldo disse que ela já tinha aposentado. O Neymar gritou do fundo que a Marta vai aposentar.

Fui para o próximo slide e falamos um pouco do Pelé, da posição que ele jogava e das conquistas dele. O Ronaldo Fenômeno falou que o Pelé deu um chutão do meio do campo e fez um gol. Quando fui para o slide seguinte as crianças gritaram eufóricas o nome dele dizendo que já tinha jogado no Corinthians. Ficaram muito agitados e uma das crianças saiu da carteira e foi escorregar no meio da sala que estava vazio de carteiras. Chamei a atenção dele e disse que tinha que esperar a vez dele falar e que não dava pra ficar escorregando ali, que não era seguro fazer aquilo.

A pergunta seguinte era: “Quem decide quem é o melhor jogador ou a melhor jogadora de futebol?”. A Marta 2 levantou a mão e disse que essa era a pesquisa dela. Ela abriu a bolsa para procurar onde tinha anotado. Ela falou da Bola de Ouro que era a France Futebol. Ajudei ela a explicar. Ela disse que acreditava que quem decidia era o treinador. Usei os slides dos jogadores para falar de algumas entidades que fazem essa escolha também. O comitê Olímpico Internacional e a FIFA que eram um grupo de pessoas e não uma pessoa só. Eles que decidiam isso. Falei que essas entidades faziam essas nomeações e eles decidiam isso por voto.

Na sequência coloquei a outra pergunta: “Quem foi o pai e a mãe do Pelé? Quem foi o Pelé?”. E lembrei que foi o Ronaldinho Gaúcho que queria saber isso também. Tentei achar quem fez a pesquisa, mas ninguém se pronunciou. Falei para eles que para essa pergunta vamos ter o filme do Pelé para ajudar e que vou passar outro dia para eles verem.

Aproveitei o momento para falar dos pais do Pelé. A mãe dele que era a Celeste e que está viva até hoje. Eles ficaram impressionados e uma das crianças gritou “Quê?”. Disse que ela tem 100 anos e que quando o Pelé morreu o cortejo passou em frente da casa dela. O Cristiano Ronaldo falou que ele foi no enterro do Pelé. Em seguida falei do pai do Pelé que morreu com 77 anos, que o nome dele era João e tinha sido jogador de futebol também.

A pergunta seguinte era: “Como se joga futebol de botão?” e disse a eles que essa nós íamos conversar em outra aula com mais tempo e usando o material de futebol de botão para que os colegas que fizeram a pesquisa pudesse explicar melhor. O Neymar tentou explicar como se joga e pedi que ele explicasse na aula que vamos fazer sobre este tema.

A Marta 2 perguntou se hoje nós não íamos fazer as perguntas para a ex-jogadora de futebol que trabalha na escola. Eu disse que nós vamos conversar com ela depois do recreio. Expliquei que hoje vamos ficar duas aulas juntos, pois essa conversa ia acontecer durante a aula de educação física da outra turma de segundo ano e eles participariam juntos.

Antes que a aula terminasse eu mostrei um vídeo que era uma entrevista com a Marta de 6 minutos em que ela falou um pouco da infância dela. O vídeo está disponível no YouTube, mas como na escola a internet não funciona e quando funciona não é possível assistir vídeo, eu precisei baixar para que as crianças pudessem assistir e o som que tem na sala é bem baixo e precisei que fizessem

silêncio para poderem ouvir o que ela falava. O vídeo tem o título: “A jogadora Marta fala sobre o preconceito no futebol feminino” e pode ser encontrado no link [https://www.youtube.com/watch?v=PWbpr\\_ynZM](https://www.youtube.com/watch?v=PWbpr_ynZM). No início do vídeo as crianças fizeram silêncio, mas toda hora que mostrava ela jogando futebol elas ficavam mais agitadas e em alguns momentos gritavam de ver os gols dela.

O Ronaldo Fenômeno foi sentar no centro da sala que estava vazio e não falei nada, mas em pouco tempo muitas crianças foram para o centro também e começaram a fazer bagunça, então precisei pedir que voltassem para os lugares e fizessem silêncio para podermos terminar de assistir. Eles voltaram e tinha pouco tempo de vídeo. Terminamos bem na hora que bateu o sinal do recreio e eles saíram.

Na aula seguinte conversamos com a Mari que jogava futebol. Ela não joga mais profissionalmente, somente no momento de lazer e fui na sala de Educação Física pegar colchonetes para colocar na sala. Deixei as carteiras em U e coloquei os colchonetes na frente para os alunos da outra turma sentarem e fazermos a entrevista ali na sala mesmo. Tinha muita sujeira jogada no chão e varri a sala também (tive ajuda de uma das funcionárias da limpeza que me viu limpando e quis ajudar).

Deixei tudo preparado e fui avisar a professora da turma que faria a entrevista na sala. Na quinta somos em 3 professores de Educação Física e eu não tinha reservado o anfiteatro, pois ele estava sendo ocupado, então tive a ideia de fazer ali naquele espaço aproveitando a formação em U.

Imagem da sala: foto tirada pela autora.



Segunda parte da aula: Entrevista com a ex-jogadora de futebol e funcionária da escola na função de porteira.

Assim que terminou o recreio as crianças vieram para a sala e sentaram nos colchonetes, eu vi e falei para a professora da sala que ali seriam os alunos da outra turma, então fui busca-los ao lado enquanto os alunos iam para as cadeiras que estavam sentados na aula anterior.

Cheguei com os alunos da outra turma que sentaram nos colchonetes. Fiquei com um pouco de receio de ficar muita bagunça com duas turmas ali, mas a presença da professora parecia inibir esse comportamento. Tinha deixado uma cadeira na frente para a ex-jogadora e logo que ela chegou já sentou ali. Percebi que ela estava um pouco envergonhada. Expliquei para as crianças que naquele momento íamos fazer perguntas para ela.

Foram muitas perguntas feitas. Inicialmente a turma visitante fez as perguntas e depois todos já estavam com as mãos levantadas para fazer perguntas também. O que mais queriam saber era se ela jogou em algum time profissional e se jogou ou conhecia algum jogador ou jogadora da seleção ou famosa/o.

Ela explicou que jogou pela seleção da cidade dela no estado do Amapá, que chegou a conhecer uma jogadora que foi uma vez jogar com elas lá e que essa jogadora era de Brasília, mas não mencionou o nome dela. Falou da dificuldade de jogar futebol sendo mulher e que até gostaria de ter jogado numa seleção brasileira, mas que não teve apoio. Chegou a ganhar medalhas e troféus pela cidade dela e que quando veio para nossa cidade (Ribeirão Preto) ela continuou jogando e jogou em vários times daqui, mas que agora joga para brincar com as meninas e que não é mais tão sério. As crianças queriam saber se ela era boa jogadora e qual posição jogava. Ela disse que a treinadora falava que ela era uma das melhores jogadoras da equipe e jogava na posição que precisava. A posição dela era o lateral, mas quando precisava também jogava em outra posição, disse que já jogou até de goleira quando precisou, mas que essa não era a posição dela. As crianças queriam saber dos gols que ela fez e ela disse que fez muitos, mas não contou.

No início da entrevista foram poucas perguntas e no final todo mundo queria perguntar e falar alguma coisa. A Mari falou que a neta dela joga futebol lá na cidade dela e que por ser muito nova ainda, não tem time feminino, ela joga no meio dos meninos e é a única. Ela disse que vai tentar achar um vídeo da neta jogando para eu

passar para as crianças em outro momento. As crianças pediram que ela jogasse com eles para ensinar algumas coisas e ela topou marcarmos outro dia para fazer essa vivência com ela.

Um pouco antes do sinal tocar eu percebi que as perguntas se repetiam e a agitação deles estava muito grande, então reuni todas as crianças com ela para tirarmos uma foto, agradei a participação e pedi que as crianças organizassem a sala.

Num outro momento a Mari me mandou uma mensagem dizendo que gostou bastante da conversa com as crianças e mandou fotos dela com a equipe e da neta que joga futebol. Acredito que essa entrevista vai mudar bastante a forma com que as crianças a veem. Ela trabalha na portaria da escola e todos os dias as crianças passavam por ela sem saber que era uma ex-jogadora de futebol, mas acredito que agora vão ter um outro olhar.

Combinei com a professora da sala para que fizesse em aula com as crianças, uma cartinha de agradecimento para entregar para a Mari no dia que formos fazer o jogo de futebol com ela. A professora ficou de fazer essa atividade com as crianças, mas caso ela não consiga, vou reservar uma parte da aula para isso. Pedi isso para a professora da outra turma também que disse que vai fazer.

Estou fazendo esse trabalho com os 2º e 3º anos e estes últimos vão entrevistar uma outra funcionária da escola que jogava futebol e que trabalha na cozinha da escola. Depois quero fazer um intercâmbio dessas experiências com os alunos das turmas. Vou preparar fotos dessas experiências para que possam falar com a outra turma. Só não sei se vai dar tempo para entrar na pesquisa, mas vou continuar o trabalho com as crianças.

## **DIÁRIO DE AULA 17**

**4/09/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Já fui entrando na sala e perguntando sobre a autorização para o passeio de amanhã para um dos estádios de futebol da cidade. Somente um menino ainda não entregou.

Na semana passada ficou faltando falar da última pesquisa que eles fizeram e ainda não conversamos sobre o que eles acharam da entrevista com a Mari. Eu planejei jogo hoje para ver como estão jogando e lembrá-los para que amanhã não

fiquem tão perdidos. Pensei em mudar o que íamos fazer, pois estava muito quente e com sol, mas resolvi seguir o plano e não ficar tanto tempo no campo.

Fui com eles no campo do Centro Esportivo e para ficar mais rápido eu mesma dividi os times dando colete amarelo para uns e verde para outros. Tentei deixar mais equilibrado e misturando meninos e meninas na mesma equipe. Quando já estavam preparados, começamos o jogo. O jogo deles ainda está todo mundo correndo atrás da bola e os meninos só jogando sozinhos. Os meninos com maior facilidade saiam correndo com a bola e os outros corriam atrás dele. Algumas meninas tentaram jogar, mas ainda não estão conseguindo entender o que precisam fazer para jogar melhor.

Não sei se é assim mesmo e elas precisam de um tempo para amadurecer e conseguir jogar melhor. Algumas meninas ficavam conversando e indo beber água nas garrafinhas. Somente a Monica 2 foi sentar na cadeira que coloquei junto ao campo e disse que não queria jogar. As outras ficavam andando ou paradas no campo. Algumas das meninas se empenhavam em tentar jogar e estavam no grupo que corriam atrás da bola.

O time verde fez o primeiro gol e fui conversar com as crianças do time amarelo para tentar ajuda-los a se organizar melhor. Falei novamente que eles precisam se espalhar e eles até tentaram no começo, mas assim que chutavam a bola eles já saiam correndo para tentar pegar ela para chutar. O menino que tem mais facilidade estava no time amarelo e logo ele fez o gol.

No segundo gol do amarelo eu tentei conversar com eles e estavam muito descontentes porque alguns meninos não passavam a bola e que não conseguiam pegar a bola. Já estávamos jogando há um tempo no campo com sol, devia ser uns 20 minutos, e as crianças começaram a reclamar do calor. Então encerrei o jogo e fomos para a escola pegar mais água e ir ao banheiro para, finalmente, irem para o recreio.

Algumas crianças até chegaram a molhar o rosto e a cabeça, pois o dia estava bem quente e perto da nossa quadra tem uma torneira que possibilita isso.

## **DIÁRIO DE AULA 18**

**5/09/2023 – 3ª-feira – (três primeiras aulas)**

Hoje fizemos nossa visita num estádio de futebol da cidade e isso exigiu mais aulas do que a turma tem. Como estou trabalhando futebol com terceiros e segundos anos, juntei esta turma com uma outra do terceiro ano para irem juntos.

Precisei chegar antes do meu horário, 12:45 sendo que eu deveria entrar 13:50, para preparar os materiais que vamos levar para o passeio, no caso são coletes para podermos jogar no campo. Fomos em dois ônibus, uma professora me ajudou levando o terceiro ano e eu fui no ônibus do segundo ano. Foram 24 crianças desta turma, somente duas faltaram, a Pia e a Gabi.

Logo que o ônibus começou a andar as crianças começaram a cantar “motorista, pode correr (...)”. Mas eles não insistiram na cantoria quando foram vendo o caminho, umas crianças estavam ansiosas para mostrar onde moram ou perto de onde moram, depois começaram a vibrar com tudo que viam, o parque que fica perto da rodoviária e lugares que eles reconheciam de irem com seus familiares. Algumas crianças começaram a cantar o hino do Corinthians e ficavam gritando no vidro para que as pessoas nos pontos de ônibus e andando na calçada ouvissem e pediam que dessem salve para o Corinthians. Eles estavam muito animados e aproveitei para lembra-los que estávamos indo no estádio da cidade. Perguntei se eles conheciam o hino do time, mas voltaram a falar do Corinthians e eu não insisti em voltar no tema. A todo instante eles ficavam perguntando se estava chegando e quando conseguiram visualizar o estádio, ficaram ainda mais agitados e gritando de animação. Todos gritaram, não me lembro se foram meninos e meninas na mesma intensidade.

Durante o percurso eu estava avisando meu contato no estádio que estávamos chegando para não ter surpresas. Paramos os ônibus em frente do estádio e eu saí para conversar com a pessoa da recepção que não estava sabendo da nossa visita, mas nos recebeu muito bem. Ele já tinha sido goleiro do time em 1968 e colocou as crianças num salão de entrada que tinha duas taças de campeonato e muitas fotos históricas nas paredes. Eu fiz um grande círculo com as crianças para que ele conversasse com elas, mas estavam muito agitados e não paravam de conversar. Tanto ele quanto eu tentamos chamar a atenção das crianças para que fizessem silêncio e ele falou um pouco do time e do estádio.

Ele não se estendeu na explicação e eu falei para as crianças olharem as fotos na parede e quem estava perto de mim eu fui chamando a atenção para alguns deles. Um era uma foto antiga do estádio, muitos eram de times que já jogaram ali. O goleiro que nos recepcionou chamou a atenção para um quadro que mostrava o time que para ele era o melhor de todos os tempos, o time de 1967 e com muito pesar ele enfatizava que tinha chegado somente em 1968 ali. Continuei olhando os quadros e

um deles tinha a foto do Pelé. As crianças reconheceram o jogador e a animação estava cada vez maior.

Essa manhã choveu aqui na cidade e por conta disso fui informada que as crianças não poderiam jogar no campo. As crianças estavam muito chateadas com essa notícia, pois estavam com chuteira e era o que mais queriam fazer ali. Eu aceitei a notícia, mas ainda tinha esperança de conseguir alguma coisa.

No final de semana passado teve uma festa ali no estádio e muitos trabalhadores estavam desmontando o que foi usado neste evento. Isso impossibilitou que fossemos em todos os lugares planejados, por exemplo a entrada principal que tem o desenho dos jogadores que passaram por ali. Tinha muitas ferragens espalhadas pelo chão e tomei cuidado para desviar delas para acessar o campo. Me informaram que as crianças poderiam andar no campo e ver tudo que tem lá, só não ia dar para jogar, então as levei para entrarem no campo e estavam muito curiosas com as escadas que iam até o gramado. Elas vinham do vestiário.

Na minha visita inicial, o combinado era as crianças conhecerem o vestiário, então pedi se elas poderiam entrar lá. Os jogadores já tinham chegado para treinar, inclusive algumas crianças foram conversar com eles e perguntar sobre como era jogar ali e onde eles iam treinar. Como eles já tinham usado o vestiário, um funcionário do clube nos apresentou o espaço.

Entramos numa sala que tinha grama sintética no chão e muitos equipamentos de musculação. Lá as crianças subiram em alguns equipamentos e um dos homens que trabalha lá mostrou para elas como era um dos exercícios. As crianças entraram correndo e querendo olhar tudo e o homem falou “fica tranquila que nós aqui já fomos crianças também e sabemos como é”. Isso me deixou bem melhor, pois estava muito preocupada com a bagunça que eles estavam fazendo. Na escola estamos acostumados, mas achei que eles iam se incomodar. As crianças mexeram em tudo ali. Viram os pesos, beberam água do bebedouro da academia, sentaram nos bancos onde os jogadores se vestem antes de um jogo, viram as roupas que estavam dentro de um grande baú e que estavam sendo preparadas para o jogo, colocaram uma camiseta do time que o homem que nos acompanhava disponibilizou, viram como é uma chuteira dos jogadores, colocaram a faixa de capitão, tiramos muitas fotos e alguns até aproveitaram para descansar um pouco.

Depois que vimos tudo que era possível ali, fomos passar pelo corredor subterrâneo que liga o vestiário ao campo e vendo toda aquela empolgação das

crianças, o homem falou que podiam jogar por 10 minutos com a bola. Peguei duas bolas na intenção deles brincarem no campo, mas assim que cheguei lá decidi que seria muito mais interessante fazer dois times e jogar. Como tínhamos pouco tempo e nenhum colete (eu até separei os coletes na escola para trazer, mas na hora de sair acabei esquecendo), fiz um jogo do segundo ano com o terceiro ano. Eu não queria fazer essa estratégia para não incentivar rivalidade entre as salas e eu acreditava que o segundo ano não conseguiria jogar e iam chorar muito. Eu estava enganada e deu muito certo.

No início do jogo todos jogaram, meninos e meninas. Eram muitos correndo atrás da bola e alguns resolveram sair e ir brincar no banco de reserva. Tinha um casal de pássaro quero-quero que estava com ovo ali na lateral do campo e ficaram muito bravos com as crianças. O problema é que isso incentivava eles a ficarem mais curiosos e quererem chegar mais perto para ver os ovos. Eu tentei fazer com que não ficassem ali, o pássaro macho também tentou fazer rasantes para afastá-los, mas só quando cansaram é que saíram dali, e demorou bastante para acontecer.

O segundo ano fez o primeiro gol. Alguns meninos estavam praticamente pegando a bola, correndo muito rápido e fazendo jogo individual. As duas equipes estavam assim e aqueles que não conseguiam pegar a bola começaram a reclamar. Teve meninas que desistiram por não conseguirem jogar com o grupo e outros por se cansarem de correr para todo lado. O campo é muito grande e ficar correndo atrás da bola fez com que cansassem muito rapidamente. Poucos tentaram manter uma posição fixa no campo, até o goleiro eles mudavam todo instante.

No final, a maioria das meninas desistiu de jogar, mas foi mais de 20 minutos que nos deixaram ali no campo. O jogo terminou 3 x 3 e isso fez com que não tivesse briga do vencedor e do perdedor. Para mim esse resultado ajudou bastante, pois ninguém chorou ou brigou por conta do jogo e quando terminou todo mundo aceitou muito bem, pois já estavam com sede e cansados.

Antes de voltarmos para o vestiário e beber água, pedi que eles fossem na arquibancada para tirarmos uma foto e víssemos o campo lá de cima. Não demoramos a voltar para o vestiário para beber água e voltarmos para o salão da entrada. Lá eu pedi que as crianças sentassem no chão para falar um pouco do estádio e o goleiro que nos recebeu deu uma bola do time para nossa escola. Recebi a bola com as crianças e eles ficaram muito felizes de saber que poderiam jogar com ela na escola

outro dia. No caso, o terceiro ano ainda tinha aula comigo, então eles jogaram mais tarde com a bola novamente.

Voltamos de ônibus para a escola e um menino veio me falar que foi muito bom conhecer o estádio. Todos pareciam muito felizes e cansados.

Uma coisa que me chamou atenção e pretendo falar com as crianças depois (já falei com a outra turma hoje): onde os jogadores estavam indo treinar? Eles não treinam no campo? Por que? – Será que ali não tem time feminino? Por que?

Já tive essa conversa com os alunos do terceiro ano que tiveram aula ainda hoje e quero ver se consigo trazer essa reflexão com as crianças do segundo ano também.

## **DIÁRIO DE AULA 19**

**11/09/2023 – 2ª-feira – (segunda aula da tarde)**

As crianças se agitaram quando entrei na sala e precisei de um tempo para conseguir silêncio e explicar o que íamos fazer. Pedi que eles fizessem um desenho sobre a visita ao estádio de futebol e como duas meninas não foram neste dia, pedi que elas fizessem um desenho sobre nossas aulas com o tema futebol.

Expliquei que esta semana vamos mostrar para a outra turma do segundo ano como foi a visita no estádio e vamos usar esses desenhos para ajudar a mostrar. Também falei do jogo que vamos fazer com a Mari (a funcionária da escola que foi entrevistada pela turma) na quarta-feira. Eles não têm aula de quarta-feira, mas a outra turma tem e tive que marcar esse dia por conta da disponibilidade da Mari. A professora aceitou acompanhar e ceder a aula para esta atividade e hoje ela vai desenvolver cartas com as crianças para agradecer essa experiência que tiveram e continuam tendo com a Mari e vamos entregar na quarta-feira depois do jogo com ela.

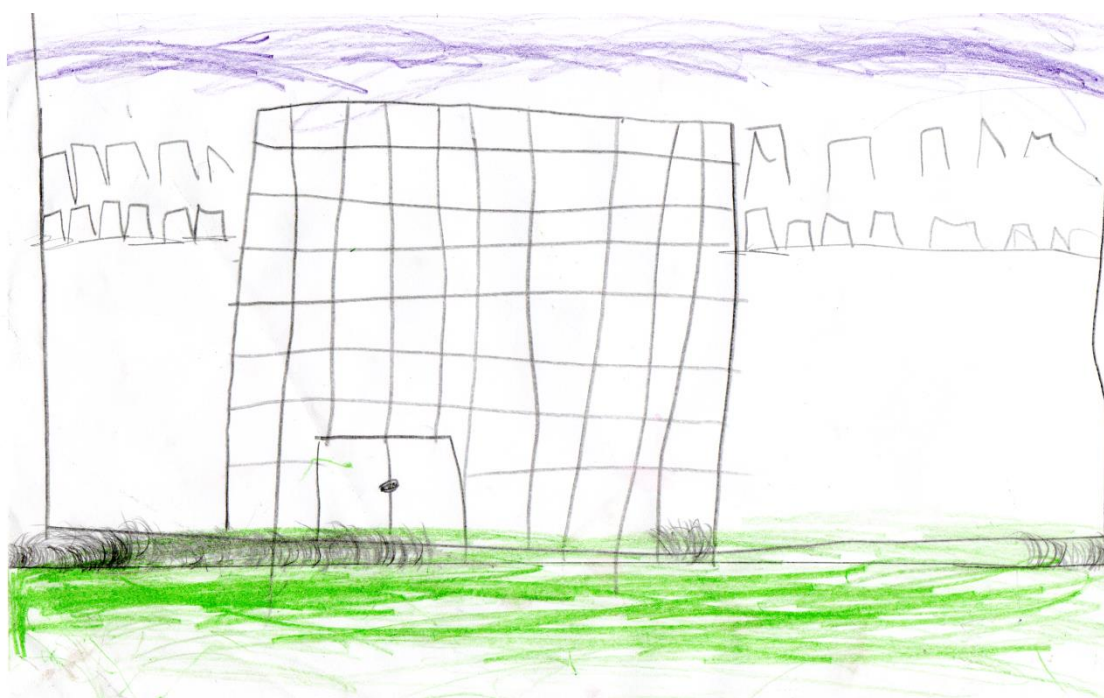
Depois de dar os recados pedi que duas crianças entregassem as folhas sulfites para todos e, logo que foram entregues, eu falei novamente que era para eles desenharem ou podiam escrever também sobre a experiência que tivemos na visita ao estádio. Quem não foi podia fazer o desenho sobre nossas aulas de futebol.

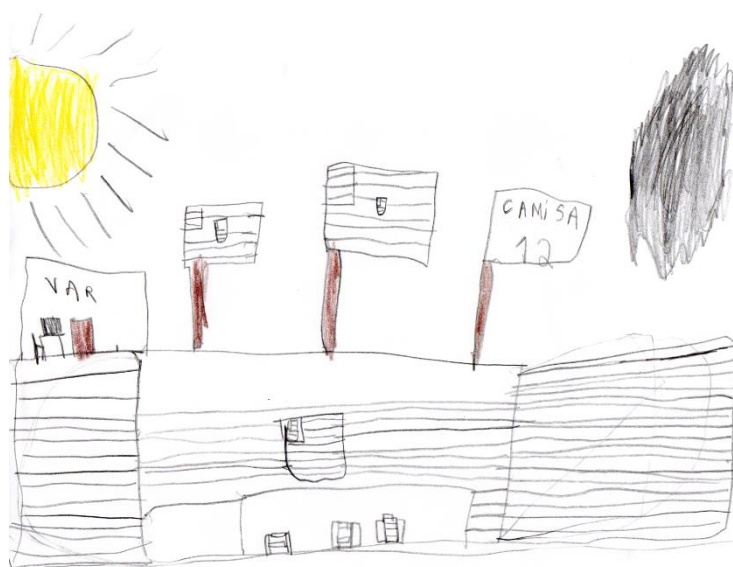
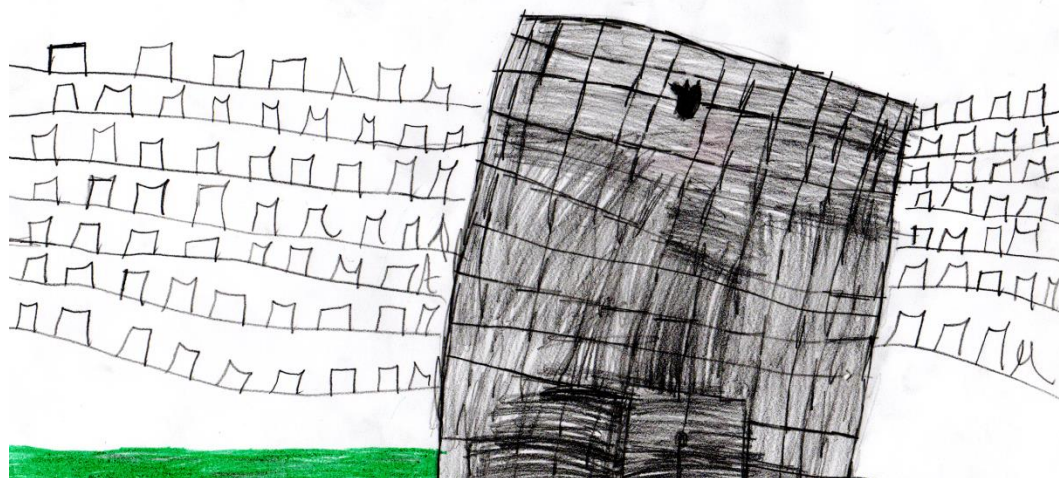
As crianças começaram a desenhar. O Ronaldo Fenômeno não conseguia ficar sentado na cadeira, andava um pouco e quando eu chamava a atenção dele para terminar, ele voltava para desenhar. Teve crianças que foram bem rápidas e colocaram o que mais gostaram; outros demoraram um pouco mais. Me chamou a atenção a Monica 2 que disse que o que mais gostou foi do bebedouro de água. Ela

fez o desenho do bebedouro e falou que foi o que ela mais gostou. Não sei bem o que pensar sobre isso.

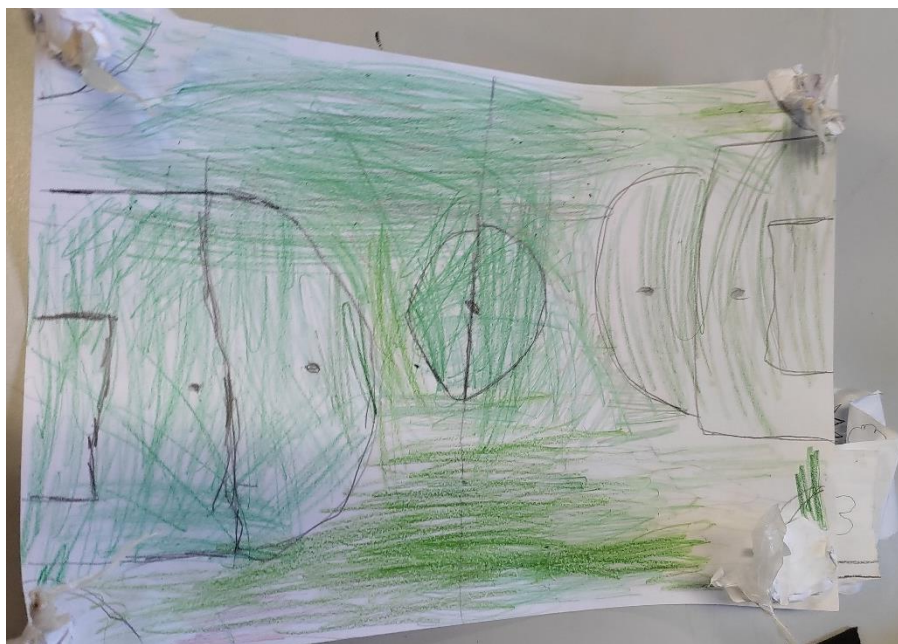


O Neymar, a Letícia e a Bia 2 fizeram o desenho do estádio por fora. O Neymar até enfatizou que era preto e branco por fora para justificar ele não ter pintado colorido.

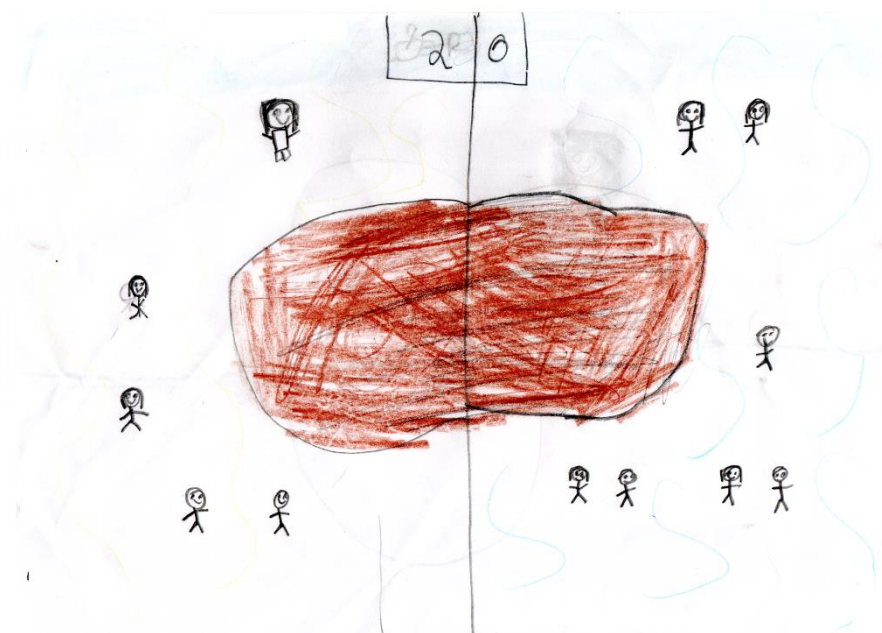




O Cristiano Ronaldo fez um campo com as bandeirinhas coladas nos quatro cantos e ficou em 3D o desenho.



A Pia que não tinha ido ao estádio, fez o desenho sobre nossas aulas.



## DIÁRIO DE AULA 20

12/09/2023 – 3ª-feira – (terceira aula da tarde)

Quando consegui silêncio, lembrei as crianças da pesquisa que fizemos na sala de informática e que tinha ficado um tema para trás e que hoje nós íamos tratar deste tema. Uma criança falou que era o filme do Pelé, mas falei para ele que não era isso, que eles vão assistir ao filme com a professora, mas não é hoje.

Perguntei para o Cristiano Ronaldo qual era o tema que ele fez pesquisa para que os colegas soubessem o tema da aula de hoje. Ele gesticulou com a mão e disse “sobre aquele negócio de joguinho assim”, o Richarlison falou que era jogo de botão e em seguida o Neymar completou que era futebol de botão. Perguntei quem mais fez a pesquisa sobre como joga futebol de botão e o Roberto Carlos, o Ronaldo Fenômeno, o Paquetá 1, o Mbappé e a Tamires levantaram a mão. Expliquei que essas pessoas que pesquisaram iam ajudar lá no jogo do futebol de botão.

A escola tem 4 campos de futebol de botão e peças suficientes para fazer jogo nesses campos. Dividi as crianças que fizeram a pesquisa em cada campo para ajudar os colegas a entenderem o jogo. Percebi quando eles começaram que as regras ainda não estavam muito claras e que estavam inventando regras partindo do jogo de futebol de campo.

Um grupo só tinha meninas, outro só meninos e os outros dois estavam mistos. Não fiz nenhuma exigência de quem ia em qual grupo, só dividi quem tinha falado que fez a pesquisa. No grupo que tinha só meninos estava o Cristiano Ronaldo e o Paquetá 1 que disseram terem feito a pesquisa, mas o único que demonstrou ter entendido melhor as regras foi o Paquetá 1. Eles estavam jogando ao mesmo tempo como se fosse um jogo de vídeo game, mas o Paquetá 1 disse que era um de cada vez e que tinha 3 movimentos antes que passasse a vez para o outro. Pedi que ele explicasse para os colegas e eles começaram a fazer da forma como o Paquetá 1 explicou.

Os outros grupos também estavam com dificuldade de entender as regras, então pedi que o Paquetá 1 ajudasse outro grupo e eu ajudei os outros para que pudessem entender melhor como se joga. Mesmo falando as regras, eles mudavam para adaptar a quantidade de pessoas, pois estavam em pelo menos quatro pessoas por campo e todos queriam jogar, então eles revezavam a vez de quem movia as peças e um ficava comandando o goleiro. O Paquetá 1 também chamou a atenção que não pode jogar no gol a qualquer momento, que precisa avisar quando vai jogar, mas a maioria das crianças não estava seguindo esta regra.

Acho válidas as adaptações que eles fizeram e muito importante para entenderem o jogo que estamos estudando que no momento é o futebol e não o futebol de botão. O futebol de botão é um recurso que usei para que eles pudessem entender melhor a dinâmica do futebol feito no campo e também dá para perceber o quanto eles estão entendendo a colocação dos jogadores. Vi em um relato de

experiência do grupo de estudos sobre Educação Física Cultural sobre o futebol que a professora usou o futebol de botão para explicar o jogo, mas não disse exatamente qual a dinâmica foi feita com os alunos. Por conta das conversas que fomos tendo e do feedback com os outros diários, tentei deixar as crianças fazerem as adaptações que achassem necessárias se isso os ajudassem a jogar, até porque eu não conseguia dar conta de explicar para todos os grupos ao mesmo tempo.

Teve um dos campos que as meninas estavam colocando as peças todas bem próximas umas das outras, o que lembrava o jogo deles no campo (todo mundo correndo atrás da bola).

Figura 8: peças aglomeradas num mesmo lugar



Numa outra quadra as crianças distribuíram melhor as peças, mas colocaram peça praticamente fora do campo, onde não teria necessidade que é perto da linha de fundo.

Figura 9: peças espalhadas e em lugares desnecessários.



Através do jogo eu percebi que a maioria está entendendo melhor a necessidade de se espalharem pelo campo para jogar, mas ainda não conseguem fazer esse posicionamento muito bem.

Teve algumas crianças que não conseguiram interagir com os outros que estavam no campo e se dispersaram pela quadra. Algumas dessas crianças foram por dificuldade de entender o jogo e tenho percebido que isso é recorrente, elas tentam toda aula não participar da atividade. Outras crianças são por dificuldade de interagir com os colegas, não conseguem entrar em acordo com as regras e preferem sentar bravos em um canto mais isolado, mas eu consigo vê-los. Essas observações me ajudam a entender melhor o desenvolvimento da turma. Talvez seja uma falta de identificação com o tema, ou não entendeu muito bem o jogo, ou é problema de relacionamento. O mais importante é continuar observando nas outras aulas, trazer uma diversidade de temas e conversar sobre os problemas de relacionamento.

Uma das meninas que está sempre fugindo dos jogos dentro do tema futebol é a mesma que fez o desenho do bebedouro do estádio que fomos visitar e disse que foi o que ela mais gostou.

Sem os registros constantes que tenho feito, talvez passasse despercebido isso para mim, como professora. Agora é pensar em como fazer para incluí-la, se o problema é o tema ou se tem outro problema. Como sou professora dessa turma até o final do ano, vou ter mais tempo para observar esse comportamento e tentar fazer algo que possa auxiliar e efetivar a sua participação nas aulas. No entanto, isso não fará parte desta pesquisa.

## DIÁRIO DE AULA 21

**13/09/2023 – 4ª-feira – (quarta aula da tarde)**

Hoje não é dia de aula com essa sala, mas foi o único dia que consegui para reunir os dois 2º anos para jogar com a ex-jogadora de futebol Mari. Nesse horário eu tenho uma janela e aproveitei o momento para essa atividade.

Eu já tinha conversado com os professores que estariam com as salas e fui chama-los para irmos no campo do Centro esportivo fazer o jogo. A Mari pegou suas roupas e se trocou enquanto eu organizava as crianças.

Para economizar tempo eu coloquei cada sala como uma equipe e dei colete para eles. Coloquei todos de uma vez e ficou muito embolado o jogo. Eram muitas crianças correndo atrás da bola e eles nem passavam para a Mari jogar com eles. O mais importante era correr e tentar pegar a bola.

Parei o jogo e falei que para melhorar ia diminuir a quantidade de crianças. Falei para os meninos esperarem na lateral do campo para as meninas jogarem com a Mari e eles iam torcer e assistir. Fiz 5 minutos de jogo só com as meninas e assim deu para jogar melhor. Elas deram espaço para o jogo acontecer. O Cristiano Ronaldo parecia o técnico da equipe e tentava ensinar algumas meninas da equipe dele como fazia para chutar a bola longe. Outros meninos se dispersaram para a pista de atletismo enquanto o jogo acontecia.

Acabou o tempo e pedi para as meninas saírem para os meninos entrarem no jogo, fiz 5 minutos de jogo. As duas turmas tinham muito mais meninos que meninas e o jogo deles ficou bem mais lotado. Eles corriam atrás da bola, tanto uma equipe quanto a outra e o jogo ficou mais difícil de acontecer.

Preferi não fazer times mistos para que as meninas tivessem mais chance de jogar. Nas aulas que estavam juntos eu percebi que os meninos passam a bola entre eles, ou saem correndo sozinhos com a bola e elas não tem oportunidade de jogar, então achei melhor fazer separado. Além disso, é bem mais rápido de separar assim e não tinha tanto tempo com a ex-jogadora ali no campo conosco. Ia levar muito tempo separando a equipe para que ficasse mais equilibrada e não teríamos muito tempo de jogo.

Mesmo assim a Mari conseguiu participar melhor do jogo com as crianças. Com as meninas ela jogou em uma equipe e com os meninos troquei ela de equipe.

No meio da confusão do jogo em que ninguém abria espaço para o jogo e todos tentavam chutar a bola ao mesmo tempo, acabaram chutando canela e o time

azul fez gol contra. Estava tão aglomerado que até eles demoraram pra entender que tinha sido gol, mas aqueles que estavam mais perto ficaram bravos com o colega que fez o gol.

Quando o jogo terminou eles não tinham tanta certeza qual time ganhou, vinham me perguntar o resultado. Um menino do time vermelho estava bravo achando que tinha perdido, pois quem fez o gol era o menino do time azul. Outros entenderam a dinâmica e comemoraram a vitória do time vermelho. Eu poderia ter aproveitado o momento para não confirmar qual equipe tinha ganhado e assim evitaria o conflito e até poderia enfatizar que o importante era o jogo com a Mari, mas naquele momento não tive essa ideia e acabei confirmando que foi a equipe vermelha que ganhou e isso trouxe uma rivalidade entre as salas que eu não queria.

Logo em seguida as crianças tiveram um outro intervalo entre as aulas, que eu chamo de “intervalo da fruta” (por conta do recreio ser muito cedo, precisaram colocar mais esse intervalo para as crianças se alimentarem) e vi alguns meninos do time azul chorando por que perderam o jogo. Isso me fez pensar sobre o entendimento deles do jogo, ainda estão com muita dificuldade de entender algumas regras e dinâmica. Não acredito que vamos resolver essas dificuldades neste momento, pois acredito que vão precisar de mais maturidade para compreender como jogar melhor. Mas nosso objetivo de vivenciar o futebol e fazer várias leituras deste fenômeno tem sido alcançado e para incluir outras crianças que estão se dispersando com o tema, vou precisar mudar e buscar outras estratégias.

Já com a Mari, foi só festa. No final do jogo as crianças entregaram a cartinha que fizeram para ela com a professora pedagoga, uma turma entregou em formato de livro e outra em formato de cartas em envelopes. Vi que estavam com o nome das crianças e que eram desenhos que fizeram para ela. A Mari parecia bem feliz com a experiência e foi embora levando suas cartas. Depois ela me falou por mensagem que gostou muito de jogar com as crianças.

A Mari me falou que depois dessa experiência as crianças conversam com ela de uma forma diferente. Para mim mudou muito. Os funcionários da escola mudam com muita frequência, pois são terceirizados, então sabia pouco da Mari, nem o nome dela eu sabia. Tenho uma relação muito mais próxima com ela agora e aprendi muito sobre ela.

## DIÁRIO DE AULA 22

**14/09/2023 – 5ª-feira – (segunda aula da tarde)**

Hoje tinha combinado que eles iam fazer a apresentação da visita que fizeram para o estádio de futebol para a outra turma de segundo ano. Tentei fazer o computador funcionar para fazer essa apresentação na sala deles mesmo, mas não deu certo, então fui ver se na outra sala o computador funcionava e como estava funcionando, levei os alunos para lá.

Antes de entrar na sala com as crianças do outro segundo ano, falei para eles o que íamos fazer e que a visita deles eu estou tentando marcar ainda. Estou com dificuldade de marcar a visita, pois a agenda do estádio é bem apertada para receber a escola.

Coloquei os alunos sentados no chão e coloquei as imagens da nossa visita para que os alunos que foram pudessem fazer algum comentário. Na hora que eles apareciam na foto, ficavam eufóricos e queriam se identificar e ver o que tinha lá, alguns se disponibilizaram para explicar o que era aquele lugar e o que fizemos, mas eles estavam muito agitados. Os alunos sentados no chão ficavam levantando para apontar onde eles estavam na foto que eu estava projetando.

Se o computador da sala deles estivesse funcionando, eu até poderia ter mostrado para eles primeiro e era o que eu pretendia fazer, mas neste caso não tive outra opção.

A primeira foto não tinha nenhuma criança e o Cristiano Ronaldo falou que aquela era a entrada onde ficavam os troféus, mas na segunda foto eles já apareciam na foto e a gritaria impossibilitou de ouvir o que eles tinham para falar. Em alguns momentos que diminuía a gritaria eu tentava falar do que se tratava a foto, onde era aquele espaço e o que estava acontecendo.

Resolvi ir passando as fotos para que eles fossem vendo e depois pediria que eles falassem sobre a experiência. Fui somente falando o que era alguma foto que não dava muito bem para saber. Falei do túnel que leva para o campo, do vestiário e o das fotos que estavam expostas nas paredes da entrada onde ficavam os troféus. Mostrei os vídeos e todas as fotos.

Pedi que uma menina fosse lá na frente dizer como foi a visita, mas nenhuma quis falar. Perguntei se algum menino topava falar e o Cristiano Ronaldo e o Messi foram lá na frente e falaram do jogo que fizeram no estádio, que o campo era muito grande, bem maior do que o que temos na escola. No início da explicação deles os

alunos ouviram, mas logo a gritaria começou novamente e ficou insuportável continuar ali na sala da outra turma. Eram muitas crianças e já não dava para ouvir o que os meninos estavam falando sobre a visita.

Decidi terminar ali a apresentação e levar eles para a sala, enquanto a outra turma ficaria com a professora que já estava ali com eles.

Mesmo voltando para a sala foi difícil conversar com eles. Eles estavam muito agitados e comecei falando da falta de respeito que tiveram com a fala dos colegas. Tentei novamente que eles pudessem falar sobre o que vivenciamos e estudamos com o futebol e pedi que aqueles que quisessem falar, levantasse a mão para falar. O Ronaldo Fenômeno começou falando que todo mundo jogou bastante futebol. Falei para eles que podem falar tanto da experiência no campo, quanto nas nossas aulas e por isso não precisava ser só quem foi no campo para falar.

O Messi falou como ele achou grande o campo do estádio, ele disse que achava que era grande, mas não tão grande assim. Contou como foi que ele jogou e as estratégias que ele fez de ajudar na defesa e as vezes ir para o ataque. O Richarlison falou dos gols que foram feitos no estádio e parabenizou quem os fez.

A Gabi pediu a palavra, ela não foi na visita, então falou das aulas que foram muito legais e que gostaria de fazer novamente futebol outro dia. A Marta 1 falou que o Cristiano Ronaldo jogou muito bem ontem no jogo do campo com a Mari (a Marta 1 que estava no gol e o Cristiano Ronaldo estava ajudando ela, não sei se tem relação, mas vale lembrar aqui).

A Marta 2 falou que não importa quem ganha ou quem perde, que o importante é jogar e se divertir. O Cristiano Ronaldo reforçou que ganhar ou perder não é o mais importante. Já o Ronaldo Fenômeno quis completar e disse que ganhar ou perder não importa, que é uma brincadeira para eles aprenderem para quando eles chegarem numa copa poderem jogar direito e ganhar.

Me chamou muito a atenção esta última fala, pois para ele não importa ganhar ou perder agora, mas que é importante ganhar lá na frente.

O Sonic falou que gostou de conhecer a academia e de ter jogado muito. O Neymar começou falando que foi emocionante e que foi a primeira vez que foi no estádio. Neste momento os colegas foram gritando que também foi a primeira vez deles.

Eles ficaram agitados novamente, a aula terminou e eles foram para o recreio.

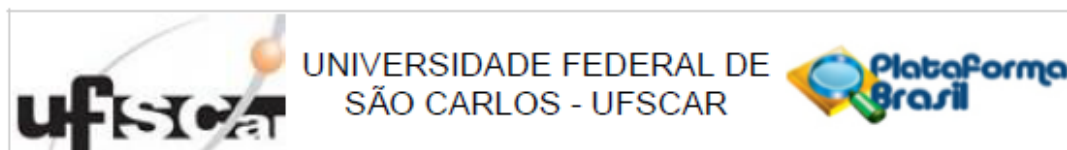
Esse foi o último dia que tinha planejado trabalhar futebol. Inicialmente seria dia 18 essa atividade do diário, mas acabei fazendo no dia 14 por conta do passeio da outra turma que foi cancelado e a aula aconteceu normalmente.

Algumas atividades aconteceram fora da minha aula e não foram registradas nos diários, como as crianças escrevendo as cartinhas para a ex-jogadora e eles assistirem o filme do Pelé. Baixei o vídeo e disponibilizei para todas as professoras das turmas que eu estava trabalhando com o futebol. Elas passaram para as crianças em diferentes dias e horários e eu não acompanhei a turma.

Percebo que o tema futebol chama muita atenção das crianças, é o que eles mais pedem para fazer e normalmente são os meninos que querem jogar e as meninas querem brincar de outra coisa. Acredito que depois dessa experiência as meninas vão querer jogar também, sei que não serão todas, mas terão mais oportunidade de se encantarem com o futebol também e não somente os meninos.

Nas turmas dos alunos mais velhos, vejo que o futebol continua sendo mais um domínio masculino e sempre que tem interclasse (não sou eu que organizo, pois não dou aula para os alunos de anos finais), só tem o masculino. O feminino não consegue montar time. Nossa escola já foi muitas vezes campeão de futsal na cidade, mas não tem time feminino, somente o masculino. Um dos meus objetivos é despertar as meninas para querer aprender mais sobre o futebol e se imponham ou sejam ouvidas mais nas aulas de Educação Física quando ficarem mais velhas. Quero que o espaço da quadra seja dos meninos e das meninas, o que não vejo entre os mais velhos aqui. Eles acabam tomando a aula para eles jogarem futebol e as meninas ficam assistindo ou no celular. Lógico que um único ano não é o suficiente para esta mudança, mas como professora deles este ano e nos seguintes (esse é meu objetivo) vou poder fazer esse trabalho com a turma e incentivar as meninas a encontrarem seu espaço nas aulas, seja com futebol ou outros esportes, ou com outros temas que fazem parte da Educação Física (danças, lutas, jogos e brincadeiras, ginástica, circo, capoeira e outros).

## ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UFSCar



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DO CURRÍCULO CULTURAL: TECENDO CAMINHOS

**Pesquisador:** GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 67978323.0.0000.5504

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.068.111

#### Apresentação do Projeto:

Desenho: A pesquisa de campo usará a metodologia de pesquisa participante, que "é um tipo de pesquisa participante engajada (...) uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta" (ENGEL, 2000, p. 182). Como a pesquisa será desenvolvida na escola onde pesquisadora e professora são as mesmas pessoas, ou seja, uma pesquisadora participante, é interessante que tenha essa metodologia. O trabalho na escola será dentro do currículo Cultural da Educação Física e o foco é analisar como será o desenvolvimento do projeto observando os espaços usados, como foi o aprendizado e a relação teoria e prática dentro das aulas. Como Instrumento de coleta de dados serão utilizados os diários de aula, que são "documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas" (ZABALZA, 2004, p. 13). Como estratégia para não esquecer, os pontos principais serão registrados de imediato em um caderno que estará sempre por perto nas aulas e, posteriormente, o diário de aula será preenchido, no mesmo dia quando estiver em casa. Zabalza até ressalta em seu texto que os diários não precisam ser uma atividade diária, que pode ter uma periodicidade menor, duas vezes por semana para evitar ser tão trabalhosa. No entanto, são somente três aulas na semana, então não exigirá tanto esforço que justifique uma periodicidade maior. Para auxiliar a memória na hora de fazer o registro no diário, serão usados registros em vídeo e gravação de áudio. Estes instrumentos serão usados para ajudar na elaboração dos diários de aula e não como

**Endereço:** WASHINGTON LUIZ KM 235

**Bairro:** JARDIM GUANABARA

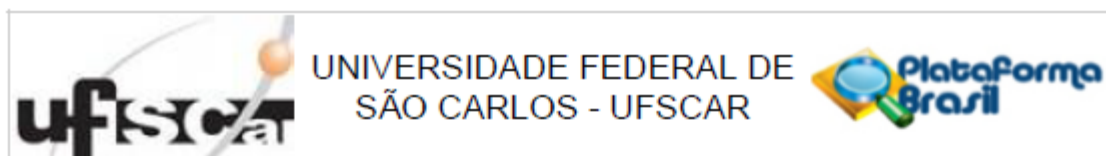
**CEP:** 13.565-905

**UF:** SP

**Município:** SAO CARLOS

**Telefone:** (16)3351-9885

**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.068.111

Orçamento	Orcamento_JANA.pdf	11/03/2023 18:25:56	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Cronograma	Cronograma_JANA.pdf	11/03/2023 18:25:31	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/03/2023 18:23:36	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	11/03/2023 18:23:22	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_JANA.pdf	11/03/2023 18:23:04	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 18 de Maio de 2023

---

**Assinado por:**  
Sonia Regina Zerbetto  
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br